

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Natanael Vaz Sampaio Junior**

**Memórias da Formação e Práticas Educativas de Professores de Educação  
Física no Município de Jequié**

Vitória da Conquista  
Fevereiro de 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Natanael Vaz Sampaio Junior**

**Memórias da Formação e Práticas Educativas de Professores de Educação Física no Município de Jequié**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Vitória da Conquista  
Fevereiro de 2016

Sampaio Junior, Natanael Vaz  
S183 Memórias da formação e práticas educativas de professores de educação física no município de Jequié; orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta - Vitória da Conquista, 2016. 139f.

Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1.Memória 2.Formação profissional 3.Pratica educativa. 4.Educação física. I.MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

CDD - 370.71

Título em Inglês: Memories of Qualification Process and Educational Practices of Physical Education Teachers in the city of Jequié.

Palavras-chaves em Inglês: Memory, Professional Qualification Process, Educational Practices and Physical Education.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Orientador), Prof. Dr. Cláudio Eduardo Felix dos Santos (titular), Prof. Dr. Coriolano Pereira Rocha Junior (titular), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Elizabeth Santos Alves (suplente) Prof. Dr. Luís Vitor Castro Júnior (suplente).

Data da Defesa: 29 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Natanael Vaz Sampaio Júnior**

**Memórias da Formação e Práticas Educativas de Professores de Educação Física no Município de Jequié**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Júnior  
Instituição: UFBA

Ass.:  \_\_\_\_\_

*Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.*

***Paulo Freire***

|

## HOMENAGEM

Neste momento, dedico este espaço para homenagear as pessoas com as quais compartilhei todos os momentos da minha vida e, assim, ajudaram a construir minhas memórias: primeiramente a minha mãe Margarida, mulher de fibra, trabalhadora e incansável na luta pela vida e, assim, sentido e significado da minha existência; Mãe, tu és meu grande amor e um dos motivos para continuar em minha caminhada. Ao meu Pai, Natanael (In memorian), parâmetro de homem e amigo, a quem tive oportunidade de compartilhar momentos de alegrias e conquistas; Pai, onde tu estiveres, saiba que nos meus pensamentos estarás sempre comigo. Aos meus irmãos Expedito, Sérgio, César, Terezinha, Cintya e Andréa: uma grande família que tenho a oportunidade de compartilhar muitos momentos alegres e outros tantos menos alegres, mas, que com suas peculiaridades ensinou-me e colaborou com a constituição do meu Ser.

***Dedico este trabalho:***

*A Daniela, minha amada esposa e companheira, que compartilho todos os momentos da minha vida e, maior incentivadora à retomada dessa trajetória acadêmica; a você minha vida, por ter possibilitado a construção desse amor puro, que cresce a cada dia e aos meus filhos Davi, Dan e Ravi, minhas inspirações e prova viva do amor de DEUS; vocês são meus maiores amores, e obrigado por compreenderem as ausências, por terem conseguido manter a serenidade nos momentos difíceis e angustiantes do seu Pai.*

## AGRADECIMENTOS

Ao que há de mais perfeito no universo: meu DEUS, te louvo e te agradeço pelo dom da vida, por estar sempre ao meu lado, por ter possibilitado sempre acreditar que é possível prosseguir e, em tempo, perdoe-me pelos momentos de incertezas e de falta de fé.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, através do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, que tornaram possível minha formação em nível de mestrado.

Ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, pelos momentos de ensinamentos, em especial, as professoras Ana Elizabeth Santos Alves e Lívia Diana Rocha Magalhães.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade: Alantiara Peixoto Cabral, Gilmara Ribeiro Santos e Washington da Silva Santos, pelos momentos alegres e descontraídos que fizemos durante essa jornada.

A Direção do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié-Bahia, nas figuras da diretora e amiga Rovelina Lima Macedo, dos vices-diretores Lázaro Souza Santos e Hélio Rocha Sousa Filho, por compreenderem a importância desse momento da minha vida acadêmica e profissional, contribuindo para a concretização do sonho.

À Sr.<sup>a</sup> Joselita Neri dos Santos Silva, minha sogra, pelas orações, vibrações e disposição em ajudar.

Aos meus cunhados Antônio Sérgio e Maria Gouveia pelo acolhimento e ao meu sobrinho Angelo Gabriel pelos momentos agradáveis que tivemos juntos.

Às pessoas que se dispuseram a contribuir durante o processo do trabalho de pesquisa, propiciando o alcance deste trabalho de dissertação e, que, tornaram o trabalho mais significativo:

Ao amigo e compadre Roberto Gondim Pires pela disponibilidade em ajudar na construção deste sonho.

A Aline Gomes Machado, pela competência em transcrever as entrevistas realizadas durante este estudo, mas, também, pelos momentos em que assumiu com competência minhas atividades profissionais.

Aos professores de Educação Física Luciano Meira Del Sarto, Franck Nei Monteiro Barbosa, Laerson Lopes da Silva, Luciano Carolino Pinto, Luciano Ferreira Bittencourt, Alberto José Andrade Ferreira e Eduardo Costa Vieira, pela confiança e disponibilidade em



ajudar, servindo de fontes orais para este estudo, concedendo narrativas e, assim, reavivando em suas memórias as histórias de vida que possibilitaram nortear a construção deste trabalho de pesquisa.

Ao professor Cláudio Eduardo Félix dos Santos por fazer parte de vários momentos, desde o processo de seleção até os momentos da qualificação e defesa de dissertação, sempre disposto a contribuir, mas, também, ao professor Coriolano Pereira Rocha Júnior, membro da banca avaliadora deste trabalho de pesquisa, pela disposição em contribuir.

A professora e amiga Joseane Silva Santos Jardim, pela disponibilidade e competência para realizar as revisões textuais de nosso trabalho, como também, pelas palavras de incentivo.

Por fim, um especial agradecimento ao professor Felipe Eduardo Ferreira Marta, meu orientador, não somente pela acolhida e confiança à minha pessoa, mas, também, pelo respeito, paciência e amizade durante todo o percurso. A você Felipe, meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo a investigação de aspectos da formação profissional e da prática educativa em Educação Física. Nesse sentido, elegeu-se como foco de análise as histórias de vida e, assim, as memórias retidas de professores de Educação Física que atuam no município de Jequié-BA. Mais especificamente, objetivou-se identificar nas memórias destes professores as permanências e mudanças em suas práticas educativas no decorrer do processo de desenvolvimento profissional e assim perceber as diferentes visões existentes no que tange ao trato da Educação Física nas Escolas. O estudo caracterizou-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, pautado na História Oral. Tal procedimento possibilitou o acesso à oralidade e a memória onde foram selecionados por conveniência professores de Educação Física que se formaram entre o final da década de 1980 e a primeira metade da década dos anos 2000. Este período foi escolhido por se tratar de um momento em que houve na Bahia um grande processo de expansão do número de Cursos de Licenciatura em Educação Física e, conseqüentemente, de profissionais atuando no magistério público estadual. Participaram desta pesquisa 7 (sete) professores. A partir das narrativas contidas nas entrevistas, elegemos categorias pautadas na compreensão da memória social e coletiva enquanto recurso de análise, interpretando-as em diálogo com a literatura referente aos estudos da memória e também do campo da Educação Física. Entre as categorias analisadas, destacam-se a formação profissional e a práticas educativas dadas a posição de preponderante assumida por estes dois temas em todas as narrativas a que se teve acesso neste estudo.

**Palavras-Chave:** Memória. Formação Profissional. Prática Educativa E Educação Física.

## ABSTRACT

The present study aimed to investigate some aspects related to the professional qualification process and the educational practices in Physical Education. Therefore, its focus is in the personal history and memories of Physical Education teachers that acting in the city of Jequié-BA. More specifically, the aim of this research was to identify in the memories of these teachers the changes and permanency in their educational practices during the professional development process in order to better to understand different visions regarding to teaching of Physical Education in schools. This study is characterized as a qualitative research lined by the using of Oral History. That procedure made possible the access to the orality and the memory of Physical Education Teachers that finished their undergraduate programs between the final years of the decade of 1980 and the first half of the decade of 2000. This period was chosen because it is related to a moment in which there was an expansion in the offer of Physical Education undergraduate programs in Bahia state and consequently an increase in the number professionals acting in the state public schools. Agreed to participate in this study 7 (seven) Physical Education teachers. As a result, were elected, following the collective and social memory studies, the analysis categories. These categories were analyzed in dialog with specific literature of the field of memory studies and the literature of the field of Physical Education. Among the analyzed categories stand out the qualification professional process and the educational practices due to its strong role inside the narratives that this study had access.

**Keywords:** Memory. Professional Qualification Process. Educational Practices And Physical Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO BAIANO</b>	20
2.1 ENTRE O SONHO E A REALIDADE: O FRACASSO DAS PRIMEIRAS INICIATIVAS DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA BAHIA (1942-1971)	20
2.2 ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA BAHIA: A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO	32
2.2.1 Curso de Educação Física da UCSAL	32
2.2.2 Curso de Educação Física da UFBA	41
2.2.3 Expansão dos Cursos de Educação Física na Bahia: a caminho do interior	49
<b>3 DAS HISTÓRIAS VIVIDAS ÀS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS</b>	60
3.1 PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REMINISCÊNCIAS INICIAIS	60
3.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: MEMÓRIAS QUE PERSISTIRAM	82
<b>4 MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	93
4.1 DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR À FORMAÇÃO PROFISSIONAL: MEMÓRIAS REVIVIDAS	93
4.2 DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	106
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	123
<b>REFERÊNCIAS</b>	128
<b>ANEXO A - Roteiro de entrevistas</b>	132

## 1 INTRODUÇÃO

*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.*  
(Paulo Freire)

O interesse em desenvolver este estudo com os professores de Educação Física, atores sociais<sup>1</sup> partícipes desse percurso, surgiu quando ingressei no mercado de trabalho em 1988, atuando enquanto professor de Educação Física leigo<sup>2</sup>, na condição de atleta da modalidade vôleibol, no Centro Educacional Ministro Spínola - CEMS<sup>3</sup>, unidade escolar de natureza privada.

Naquele momento, o cenário para atuação na área de Educação Física no âmbito escolar era favorável, por dois aspectos: o primeiro atribuído ao número insuficiente de profissionais com formação em Educação Física que dessem conta do crescente número de unidades escolares no município de Jequié; e o segundo, a adoção do esporte enquanto conteúdo mais difundido nas aulas da referida disciplina, se tornando quase que exclusivo, favoreceram que experimentássemos o exercício da docência de maneira eminentemente técnica, reproduzindo o esporte de rendimento na escola. Aliás, fomos contratados para apresentar resultados positivos em termos de conquistas esportivas.

A nossa limitação pedagógica inicial, em nada se distanciava daquilo que as escolas daquele momento histórico vivenciavam, não erámos diferentes de tantos outros, inclusive, dos profissionais que possuíam formação em Educação Física, nossos professores e dos nossos amigos que, posteriormente, ingressaram no Curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador – UCSAL e, que, retornaram no final da década de 1980, reproduzindo em suas práticas pedagógicas, conhecimentos eminentemente esportivos, ratificando o pensamento hegemônico daquele período, atrelando a Educação Física escolar ao esporte, ratificado nos estudos desenvolvidos por Bracht, quando afirma que:

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Touraine para se referir aos sujeitos da ação social. Ver mais detalhes na TOURAINE, Alain. A crise da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>2</sup> Termo atribuído às pessoas que não possuíam formação superior, neste caso, em Educação Física, mas, atuavam na referida área de conhecimento.

<sup>3</sup> O Centro Educacional Ministro Spínola foi uma instituição tradicional de ensino de natureza privada em Jequié, extinta na primeira metade dos anos 2000.

Embora a referência básica para a Educação Física estabelecida nessa norma legal fosse a aptidão física, a forma de atividade física que, nas décadas de 1970 a 1990, se tornou hegemônica como conteúdo das aulas de Educação Física foi o esporte. Isso se deveu ao fato de que, nas políticas públicas para o setor da Educação Física e do Esporte, a Educação Física escolar foi concebida e integrada ao sistema esportivo brasileiro, tendo como uma de suas mais importantes funções promover a iniciação esportiva, no sentido de identificar talentos que pudessem no futuro participar das equipes representativas da Nação no cenário esportivo internacional (BRACHT, 2010, p.1).

O fato é que a Educação Física adentra o universo escolar por dispositivos legais, ou seja, no art. 7º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 5.692 de 1971, tornando-se obrigatória no currículo escolar, sem uma matriz curricular bem definida, favorecendo assim, que reproduzíssemos a princípio as ginásticas, baseadas em métodos oriundos de outros países e o esporte.

A partir dessa experiência, ousamos a prestar concurso público para a Prefeitura Municipal de Jequié, quando fomos aprovados e ingressamos em maio de 1989, assumindo a função de Técnico em Esporte e, posteriormente, de Auxiliar de Esporte, função que exercemos atualmente, junto a Secretaria Municipal de Educação.

É importante sinalizarmos que durante a trajetória na área de Educação Física, buscamos nos aproximar às discussões que surgiram na referida área a partir da década de 1980, e se corporificou na década de 1990, se constituindo em momentos riquíssimos para a Educação Física, pelas reflexões trazidas nos vários estudos que favoreciam olhares para referida área de conhecimento em contextos pedagógicos, de maneira que extrapolassem visões que a reduzia a disciplina eminentemente prática.

A partir de então, começamos a nos inquietar em relação a nossa prática pedagógica e, em especial, ao currículo da Educação Física, quando sentimos a necessidade de buscar a formação profissional em Educação Física. Porém, apesar da Bahia possuir três Cursos de Formação Superior em Educação Física nos idos 1996, à inserção em um dos desses cursos estava distante de se concretizar, pois os cursos existentes concentravam-se dois na capital do Estado e no município de Ibicaraí, e as condições socioeconômicas não nos favoreciam.

Entretanto em 1996, com a implantação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Jequié, surge a possibilidade de nossa inserção em uma universidade pública, fato esse que se efetivou quando fomos aprovados no primeiro vestibular para o Curso de Educação Física em 1997.

Durante o curso de Educação Física as inquietações surgidas no exercício profissional, nos conduziram a desenvolver um estudo monográfico de final de curso, na tentativa de

entendermos a visão que persistiam durante o processo de constituição da proposta pedagógica da Educação Física no âmbito escolar. Daí, com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's enquanto proposta sistematizada para o ensino fundamental e médio nos anos de 1996, passamos a canalizar nossos esforços baseado nos PCN's, analisando as produções publicadas sobre tais documentos.

A partir desse estudo, buscamos evidências da interferência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na seleção dos conteúdos da disciplina Educação Física nos 3º e 4º ciclos, quando elegemos o Colégio Estadual Polivalente Edvaldo Boaventura no município de Jequié, enquanto universo de pesquisa e, assim, passamos a verificar os critérios utilizados pelos profissionais de Educação Física para a escolha dos conteúdos da referida área, pois, enquanto profissional não percebíamos.

O estudo desenvolvido naquele período da graduação nos possibilitou perceber que a política de elaboração e, posteriormente de envio dos PCN's realizada pelo Ministério da Educação – MEC, apresentavam ruídos na comunicação, colaborando para o distanciamento entre a proposta apresentada nos PCN's e sua implementação, necessitando a construção de fóruns ampliados para debater as realidades regionais (Sampaio Júnior, 2000).

Essas inquietações em momentos diferentes da nossa vida, nos possibilitou estabelecer uma relação com as discussões curriculares da Educação Física, não para demarcá-las historicamente, mas sim, para compreendermos os papéis assumidos pelos professores de Educação Física nesse contexto.

Dessas reflexões, algumas situações surgiram, favorecendo que pensássemos em novas aproximações a temática do currículo e, nesse processo surgiu a possibilidade de inserção no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, em nível de mestrado. Submetemos nosso projeto, cujo título versava sobre “Memória de Professores sobre o Currículo Escolar de Educação Física em Jequié a partir da década de 1990”. Apesar das tensões ocasionadas durante o processo seletivo, felizmente logramos êxito e, assim, a oportunidade de nos aproximarmos das discussões concernentes a memória, que subsidiaram o desenvolvimento deste estudo.

Nesse sentido, o presente estudo insere-se no Projeto Temático: Memória, Cidade, Corpo e Cultura, da Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, onde privilegamos a questão da formação, atuação e currículo em Educação Física.

O fato é que durante o curso e, em consonância com o orientador, sentimos a necessidade de modificar o tema do trabalho, na tentativa de ampliarmos nossas discussões. Desenvolvemos então este estudo buscando contemplar o seguinte tema: Memórias da Formação e Práticas Educativas de Professores de Educação Física no município de Jequié.

O referido objeto de estudo aponta sua relevância a partir do momento que nos permitir continuar em uma trajetória que não se esgota nesta pesquisa, possibilitando dar um retorno não somente aos envolvidos, bem como, para as pessoas que de certa forma tem interesse pela Educação Física, permitindo-nos estabelecer um panorama da área, mesmo que restrita ao município de Jequié, mas, que, poderá servir de parâmetro para estudos dessa natureza em outros municípios.

A partir de então, criamos estratégias para aproximarmos de alguns atores sociais, professores de Educação Física, principal fonte deste estudo, no intuito de acessar suas memórias e, assim, encontrarmos vestígios de práticas que precederam à formação desses profissionais no componente curricular Educação Física, no âmbito escolar.

Para tentarmos entender a realidade do processo de formação e das práticas educativas dos professores de Educação Física e delimitar a problemática deste estudo, consideramos os seguintes aspectos: 1) a constituição do cenário da Educação Física no Estado da Bahia, atentando para a formação dos primeiros cursos na Bahia e, posteriormente, do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física das UESB, locus de formação da maioria dos professores partícipes deste estudo; 2) as aproximações com a Educação Física na fase escolar e Formação Acadêmica e Profissional; 3) as visões que persistiam da formação e práticas educativas. Para tanto, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: Que visões persistem do trabalho educativo na Educação Física são trazidas nas memórias dos professores de Educação Física escolar?

A partir desse questionamento, objetivamos analisar nas histórias de vida e, assim, nas memórias retidas dos professores de Educação Física sobre a formação profissional e prática educativa da Educação Física, sobretudo, as permanências e mudanças nas práticas educativas desses professores no desenvolvimento do trabalho educativo; identificar as visões que persistiam da Educação Física nas Escolas durante o período de escolarização dos professores de Educação Física; conhecer as motivações que impulsionaram a opção pela Formação em Educação Física.

Dessa forma, partimos do pressuposto de que os esportes praticados durante a fase escolar pelos professores de Educação Física que fizeram parte desta pesquisa, se constituíram enquanto norte para a opção de formação profissional em Educação Física.



Delimitamos o universo de nossa pesquisa, restringindo aos professores com Formação Profissional em Educação Física no final da década de 1980. A escolha desse período está relacionada com o momento histórico vivido pela Educação Física no município de Jequié/Bahia, quando começamos assistir a um aumento significativo em número de profissionais com nível superior em Educação Física atuando nas Escolas Públicas Estaduais no município em evidência e, sede do Núcleo Regional de Educação - NRE 22, portanto, lócus de nossa pesquisa.

Traçamos então, um raio de 02 (dois) quilômetros a partir do centro da cidade de Jequié, por concentrar o maior número de instituições de natureza jurídica pública estadual. Salientamos que as instituições compreendidas nesse raio estão classificadas na estrutura da Secretaria da Educação do Estado da Bahia como de porte grande e especial, abarcando dessa forma, o maior número de profissionais com formação em Educação Física e consequentemente, de estudantes.

Doravante procedimento realizado, delimitamos e constituímos o universo a ser pesquisado. Para tanto, realizamos escolhas por conveniência dos professores de Educação Física, à medida que, estabelecíamos contatos e convites prévios, feitos pessoalmente ou por meio do sistema de telefonia, onde apresentamos nossa proposta de pesquisa e, assim, confirmando aqueles atores sociais que se propuseram a participar.

Privilegiamos os professores que se formaram entre o final da década de 1980 e a primeira metade da década dos anos 2000, por entender que seus olhares traduziriam melhor à formação em Educação Física naqueles períodos históricos. Dos contatos estabelecidos, apenas 07(sete) professores contribuíram com esta pesquisa, todos do sexo masculino, mas, que, não se constituiu em escolha intencional e, sim, pelas dificuldades encontradas com algumas professoras de agendamento para a realização das entrevistas e, em outros casos, por não aceitarem fazer parte deste estudo. Portanto, o presente estudo está fundamentado nas narrativas desses professores de Educação Física, servindo de nossas fontes orais.

Diante da especificidade e da natureza deste estudo, percorremos a caminho metodológico pautado na História Oral, por designar a trajetória que é histórica e pessoal, valorizando as narrativas individuais em detrimento do exclusivismo da estrutura social (MEIHY; HOLANDA, 2013). Utilizamos a História Oral, por possibilitar o acesso à oralidade e a memória de diferentes atores sociais e, assim, trazer a tona:

[...] uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa

memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descrevem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 33).

Do ponto de vista dessa abordagem, valorizamos durante o processo de coleta das informações as narrativas sobre as práticas educativas desenvolvidas na área de Educação Física antes e durante a formação acadêmica e profissional e, posteriormente, na atuação profissional dos professores desta disciplina em efetiva regência nas Unidades Escolares de natureza jurídica pública estadual.

Realizamos a técnica de entrevista enquanto procedimento que nos possibilitou o acesso à oralidade, sendo esta, realizada com gravador do próprio aparelho notebook. Pautamo-nos em preceitos da História Oral, considerando as narrativas de história de vida dos atores sociais participantes, optando por intervir pouco durante as entrevistas, caso necessário, apenas com intuito de nortear as entrevistas e coletar as informações necessárias, como também, pontuar cronologicamente os momentos narrados e, assim, permitimos que as narrativas fluíssem naturalmente. A esse respeito afirma Thompson (1992) que:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p.22).

Nesse sentido, as questões surgidas no desenrolar das narrativas, buscam alcançar os objetivos do estudo, seja totalmente ou em parte, mas, sempre em ambiente que mais agradasse ou conviesse às nossas fontes orais. No início da entrevista, solicitamos dos entrevistados a autorização verbal para a utilização dos seus nomes e das informações prestadas, além disso, utilizamos do termo de consentimento livre e esclarecido.

As questões norteadoras tiveram como foco<sup>4</sup>: 1) o início do processo de socialização, considerando as histórias de vida dos professores desde a fase da infância, sobretudo nos relacionamentos estabelecidos com a família, amigos e pessoas conhecidas, mas, também os hábitos adquiridos ao longo do percurso; 2) as aproximações com a Educação Física na fase escolar, analisando as visões que persistiam das práticas educativas na fase de escolarização,

---

<sup>4</sup> Ver roteiro com tópicos que nortearam a entrevista no anexo.

bem como o interesse pela Educação Física; 3) a formação intelectual e profissional em Educação Física, buscando perceber os elementos motivacionais e que de certa forma influenciaram a opção profissional; as visões que persistiam na academia, como também as bases epistemológicas que influenciaram o curso de formação; 4) e o mercado de trabalho, considerando as informações sobre a opção em ser professor de Educação Física no âmbito escolar, e as visões que persistem das práticas educativas.

A estratégia de entrevistas utilizadas durante a pesquisa possibilitou uma riqueza de detalhes, a partir do momento que os fluxos de informações eram determinados pelas memórias dos entrevistados, todavia, as narrativas orais não podem ser tomadas como expressão inequívoca da experiência histórica. As narrativas orais sofrem as mesmas críticas as quais são submetidas às fontes escritas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001).

Segundo Portelli (1997), a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo, acredita que em essência, ela, História Oral, nos possibilita por meio de conversas com os atores sociais, desvelar as experiências e as memórias individuais desses atores e o impacto que essas experiências tiveram na vida de cada um. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, na História Oral é, por definição, impossível sem ele. É a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros – e, sem exceção, muito especiais -, é igualmente importante e necessária.

Diz, ainda, o autor que:

[...] a História Oral verdadeiramente nos permite acesso a uma grande quantidade de fatos passíveis de verificação. [...] A História Oral não se trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo (PORTELLI, 1997, p. 26).

Para tanto, foram estabelecidos contatos com os professores, definindo do local e dia para a realização da entrevista. Iniciamos as entrevistas, solicitando dos professores entrevistados, o consentimento para o uso das informações contidas nas entrevistas, inclusive dos seus nomes para fins de pesquisa. Tais consentimentos eram gravados, além desses professores, assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. A partir de então, realizamos a primeira entrevista para testar o instrumento, onde optamos por uma narrativa livre, com poucas interferências, por possibilitar uma aproximação às memórias individuais dos atores sociais em questão.

No que tange a análise dos dados coletados durante as entrevistas e, posteriores transcrições, foram realizados fichamentos detalhados dos relatos prestados pelos professores

de Educação Física de maneira isolada, buscando construir a partir do conjunto das narrativas as memórias presentes desses atores sociais, ou seja, com as lembranças revividas no momento das entrevistas e, assim, informações que se aproximassem das questões estabelecidas no roteiro e, que alcançassem os objetivos da pesquisa, relacionando-as as literaturas utilizadas. Em seguida, buscamos identificar nas diversas narrativas informações sobre os conteúdos convergentes, nos possibilitando definir a construção dos capítulos com seus respectivos tópicos.

Os procedimentos utilizados durante a pesquisa serviram para que construíssemos o caminho para o desenvolvimento do presente estudo, possibilitando dividi-lo em três capítulos.

No primeiro capítulo fizemos uma incursão na história, buscando situar a Educação Física no contexto baiano, na perspectiva de conhecermos e identificarmos os fatos que antecederam a criação do primeiro curso e, conseqüentemente sua implantação em estrutura privada; o processo de formação profissional, bem como, a expansão de cursos de Educação Física no Estado da Bahia.

No segundo capítulo, trabalhamos com as narrativas dos atores sociais, professores de Educação Física e, assim, construimos diálogos entre as fontes orais e a literatura, captando das histórias de vida a visão que persistia da Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica e a opção pela formação em Educação Física.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre as práticas educativas da Educação Física nas fases de escolarização e da Formação Acadêmica e Profissional e, posteriormente, as práticas educativas desenvolvidas por esses professores de Educação Física, na perspectiva de percebermos as visões que persistem da Educação Física escolar, por considerarmos a escola na qualidade de espaço efetivo de lutas e contraposição de valores, mas, também de reprodução de práticas sociais.

Por fim, apresentamos as considerações finais, onde fazendo as devidas ponderações das partes que compõem este estudo.

## 2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO BAIANO

### 2.1 ENTRE O SONHO E A REALIDADE: O FRACASSO DAS PRIMEIRAS INICIATIVAS DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA BAHIA (1942-1971)

A ideia de trazer a este estudo, discussões concernentes ao processo de estruturação da Educação Física no Estado da Bahia, permitiu algumas reflexões em relação ao cenário constituído nas primeiras décadas do século XX, na tentativa de refletirmos e superarmos as diversas circunstâncias que favoreceram a inserção da Educação Física no currículo das escolas, e assim, pensarmos os fatores que impulsionaram ou contribuíram para tal inserção. E nesse sentido, compreendermos o processo de formação inicial dos profissionais, bem como, os discursos proferidos naquele momento histórico que impulsionou a busca pela formação na referida área de conhecimento, e os desfechos dessa formação, na formação profissional dos atores sociais, professores de Educação Física, participantes dessa pesquisa.

Nos estudos sobre a História da Educação Física desenvolvidos por Melo (1998), percebermos que essa área de conhecimento passa a ocupar espaço no cenário das escolas brasileiras de forma mais intensa a partir do século XX, notadamente na década de 1920, inclusive, sendo oferecidas de maneira regular nos curriculares escolares, mas, também, há indício da presença dessa área de conhecimento em diversas escolas e diferentes níveis de ensino no século anterior, embora a Educação Física já se fizesse presente em outros cenários em nível mundial. A esse respeito destaca o autor:

[...] Embora a Educação Física tenha se propagado nas escolas mais profusamente a partir da década de 20 do século XX, já podíamos encontrar no século XIX a presença em muitas escolas, de atividades físicas oferecidas estruturadamente nos currículos, nos mais diferentes níveis de ensino, bem como uma forte preocupação governamental relativa a tal existência, refletida inclusive na legislação daquele momento (MELO, 1998, p.53).

Diz, ainda, o autor que,

De fato, desde 1823, logo após o País tornar-se independente de Portugal, já se falava em Educação Física nos projetos de estímulo e estruturação do ensino nacional. Em muitos outros projetos e regulamentos, a partir de então, a Educação Física seria considerada como uma possível disciplina escolar (MELO, 1998, p.54).

Apesar do destaque legal dado a Educação Física nas escolas brasileiras no século XIX, é no século XX, notadamente entre período de 1937 a 1945, que a referida área ganhou

maior ênfase, com a consolidação do Estado Novo<sup>5</sup>, quando o então Presidente Getúlio Vargas, via a necessidade de constituição de uma nação, onde o espírito nacionalista deveria estar inculcado no pensamento do povo brasileiro. Para tanto, se fazia necessário exercer certo controle sobre essa massa, e a consolidação e legitimação da Educação Física enquanto área de conhecimento no currículo da Educação Básica podendo servir de instrumento de controle. A esse respeito da legitimação da Educação Física destaca Pires:

A partir de então, e mais precisamente, correspondendo à primeira era Vargas, mas especificamente durante o Estado Novo (1937 – 1945), a Educação Física estruturou-se profissionalmente na luta pelo seu espaço na sociedade. Neste sentido ganhou como principal reforço, no seu processo de legitimação para a área e o reconhecimento social de seus profissionais, a Constituição de 1937, que tornou a Educação Física obrigatória nas escolas, fazendo desta forma, surgir outras demandas relacionadas à profissão, a exemplo da necessidade de se constituir um currículo mínimo para a graduação (PIRES, 2008, p. 42).

De acordo com os estudos de Pires (2008, p. 64), “na Bahia, nos idos de 1938, não havia profissionais graduados em Educação Física [...], as atividades relativas à Educação Física na Bahia eram desenvolvidas por profissionais leigos”. Partindo dessa premissa, podemos inferir que as atividades relativas a área de Educação Física podiam ser desenvolvidas por qualquer pessoa, desde que tivesse aproximação com algum tipo de ginástica e esporte.

Naquele momento, coube ao Governo do Estado da Bahia, enviar alguns professores leigos que tinham vivências com algum tipo de atividade física, em especial, com as práticas desportivas durante a fase da juventude à cidade do Rio de Janeiro, para a Escola de Educação Física do Exército e, posteriormente, outros tantos professores e médicos que atuavam na área de Educação Física para recém--criada Escola Nacional de Educação Física e Desportos, com intuito de se especializarem nessa área de atuação. A esse respeito escreveu Ferraro:

Não existindo, então, professores especializados para a prática sistematizada da Educação Física, foram enviados ao Rio de Janeiro, para a Escola de Educação Física do Exército (que especializava militares e civis) alguns professores que tinham inclinação para a prática desportiva, objetivando um curso de especialização (FERRARO, 1991, p.17).

Narra, ainda, o autor que,

---

5 Nomenclatura dada ao regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que durou até 29 de outubro de 1945, que tinha como característica a centralização do poder, inculcar o espírito nacionalista no povo brasileiro, mas, que apresentava posicionamentos anticomunismo e autoritário. Mais detalhes em ARAÚJO, Maria Celina D'. O Estado Novo (Coleção Descobrimos o Brasil). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Objetivando uma maior eficiência e desenvolvimento da Educação Física, tornou-se necessário enviar ao Rio de Janeiro, para especialização na recém-criada Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, um grupo de professores e médicos já atuantes, porém leigos (FERRARO, 1991, p. 17).

Nesse período, a cidade do Rio de Janeiro era a então capital do País, portanto, que a instalação de um curso de formação em Educação Física que servisse de parâmetro para outras instituições, especialmente, nos Estados que não possuíam esse curso de formação. Os estudos de Melo (1996) apontam para essa preocupação, vejamos:

A ascensão da preocupação com os rumos da Educação Física era mesmo flagrante e trazia em seu bojo a necessidade de uma *escola padrão*, até mesmo para permitir o melhor alcance dos interesses aos quais essa ascensão e preocupação estavam diretamente ligados. Cabe ressaltar que uma escola nacional servia de padrão, principalmente através de sua grade curricular, para outras escolas existentes no país. Normalmente localizadas na capital da República, essas escolas possuíam mecanismos que possibilitavam determinadas iniciativas que exerciam em diversos Estados da nação, como outorga de bolsas de estudo, que permitiam receber estudantes de outros Estados, principalmente aqueles onde a formação tinha um grau de desenvolvimento menor. Esses bolsistas ao voltarem para seu estado divulgavam então o conhecimento adquirido segundo os moldes da *escola nacional*. Outro mecanismo era o envio de seus professores a congressos e eventos internacionais, dando-lhes a oportunidade de introduzir pioneiramente determinados conhecimentos no país ( p.30).

A indagação que fazíamos durante o desenvolvimento deste estudo, pautava-se na tentativa de compreendermos o porquê da ENEFD<sup>6</sup> ser o destino de muitos estudantes de diferentes estados do Brasil e não na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo<sup>7</sup>, já que esta última existia há mais tempo no País.

De acordo com Melo (1996), é necessário considerar que havia toda uma conjuntura favorável para que os estudantes fossem encaminhados para o Rio de Janeiro, em especial, para cursar na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Primeiramente, por se tratar da capital do País, centro do poder, propiciando aos estudantes as condições necessárias para

---

<sup>6</sup> A ENEFD - primeira escola brasileira de Educação Física ligada a uma Universidade - a Universidade do Brasil (UB), fundada em 1939 pelo Decreto-Lei 1212 (BRASIL, 1939) e hoje integrando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mais detalhes sobre a ENEFD ver na dissertação de mestrado de Victor Andrade de Melo - Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história - Campinas, SP: [s. n.], 1996.

<sup>7</sup> A Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo – ESEP foi criada em 1931 pelo Departamento de Educação Física do governo do Estado de São Paulo. Iniciou suas atividades em 1934. Na atualidade está integrada a estrutura da Universidade São Paulo – USP, e foi a primeira Escola de Educação Física em caráter civil instituída no Brasil. Surge diante da demanda crescente de suporte ao processo educativo nas escolas da rede pública, demanda impossível de ser atendida apenas pelas escolas militares de Educação Física da época. Mais detalhes ver no site: <<http://www.fiepbrasil.org/sp/educacao-fisica-em-sp/>>.

a continuação dos seus estudos, em especial, com o oferecimento de bolsas de estudos ofertadas pelo governo; segundo pelo status que o curso adquiriu em relação ao curso desenvolvido no Estado de São Paulo, pois o curso da ENEFD foi instalado em uma estrutura universitária, a Universidade do Brasil, adquirindo assim, o status de curso universitário, favorecendo que as atividades de ensino, pesquisa e extensão acontecessem com mais fluidez, e assim, melhoria na qualidade do referido curso; e por fim, a relação com a área de saúde, sobre forte influência dos médicos e dos militares, este último influenciando fortemente o processo de constituição do curso. Assim, a partir do momento que os médicos assumem a direção da escola, novos redimensionamentos foram dados ao curso da ENFED, elevando o status do referido curso. Vejamos na narrativa abaixo, o que nos apontou Melo:

Paulatinamente, entretanto, a ENEFD passou a assumir e representar novos papéis, redimensionamentos perceptíveis fundamentalmente a partir da direção e ação dos médicos. Embora não tenham sido os únicos, os médicos foram de grande importância, pois reorientaram os rumos da Escola, passando a engajá-la em preocupações maiores no que se refere a seu aspecto educacional e sua função no desenvolvimento e divulgação de pesquisas e novos conhecimentos e foi justamente enquanto os médicos estavam na direção que a ENEFD atingiu seu momento de maior *status*, o auge de seu prestígio e de sua penetrabilidade na educação física brasileira. E porque não dizer, cumpriu melhor suas determinações de *escola padrão*, influenciando pronunciadamente o desenvolvimento de nossa educação física (MELO, 1996, p. 101).

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção e que foi relativizado, se refere às condições encontradas para que os estudantes pudessem cursar a Educação Física. O ingresso dos baianos e de outros tantos estudantes do Brasil na Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD estava condicionado à manutenção na cidade do Rio de Janeiro, mediante a concessão de bolsas de estudos<sup>8</sup> como também, a condição de retorno aos seus Estados de origem, com intuito de disseminação a Educação Física por todo País, tendo como base o modelo de formação preconizado pela ENEFD.

Em relação às bolsas de estudos recorreremos ao Decreto Lei de nº 4029, de 19 de janeiro de 1942, que cria bolsas de estudos, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Tal resolução fica clara no artigo 1º do Decreto, da seguinte forma:

Art. 1º Serão, anualmente, concedidas bolsas de estudos para os cursos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, destinadas a candidatos residentes em Estados onde não existem escolas congêneres reconhecidas,

---

<sup>8</sup> Sobre essa concessão de bolsas de estudos, ver no Decreto Lei nº 4029, de 19 de janeiro de 1942 e enfatizado no livro de PIRES, Roberto Gondim. Educação Física na Bahia: cenas e flashes de uma história. Salvador: Editora Arcádia, 2008.



escolhidos, de preferência, entre funcionários estaduais que sirvam em repartições ligadas à educação física (BRASIL, 1942).

A concessão de bolsas de estudos para os estudantes que ingressavam na ENEFD era estabelecida através de acordo firmado entre a instituição acadêmica e os estudantes beneficiários, mediante contrato, nos quais salientaremos neste estudo, alguns aspectos que nos chamaram atenção, como: 1) proibição dos estudantes beneficiários de exercerem quaisquer atividades que não aquelas para as quais recebiam os benefícios da bolsa de estudo, sem autorização da diretoria da ENEFD, mesmo que fossem atividades de natureza competitiva; 2) a obrigação dos bolsistas indenizarem a Universidade do Brasil, por todas as despesas realizadas durante a permanência na instituição, caso os beneficiários pelas referidas bolsas abandonassem o curso da ENEFD; 3) e por fim, a obrigação de retornar ao Estado de origem, para cumprir o exercício profissional na função de professor de Educação Física, em especial, na Educação Básica, por período igual ao cursado, no caso específico da ENEFD, período mínimo de 03 (três) anos (PIRES, 2008).

O objetivo do decreto deixava clara a intenção do Governo em disseminar a Educação Física por todo País, principalmente, nos estados que não possuíam profissionais com tal formação, fato que aconteceu em alguns estados, não apenas para atuação no âmbito escolar, mas também, enquanto possibilidade de aberturas de novos cursos.

É importante frisar que a condição de retorno dos estudantes após conclusão do curso para sua localidade de origem era algo indispensável, mas, que, nem sempre acontecia, o que nos leva a acreditar, que esse compromisso pode não ter sido cumprido por alguns estudantes beneficiados, impedindo que o processo de disseminação de novos cursos em Educação Física nos Estados onde não existiam escolas congêneres reconhecidas, não acontecesse como esperado, em especial, no Estado da Bahia, demonstrando dessa forma, fragilidades dos órgãos competentes, na fiscalização e, conseqüentemente, na falta de critérios mais rígidos para concessão das bolsas de estudos (PIRES, 2008).

Diante desse fato, fez-se necessário a realização de inspeções in loco, especificamente, nas regiões Norte e Nordeste do País, no sentido de diagnosticar as condições de trabalho dos egressos bolsistas; identificar a situação da Educação Física nas referidas regiões, sobretudo, nas localidades em que os egressos residiam e atuavam; e selecionar novos candidatos às bolsas de estudos da ENEFD. Tal inspeção foi realizada pelo professor Waldemar Areno, no final da década de 1940, sendo possível diagnosticar que o Estado da Bahia contava com 29 pessoas diplomadas pela ENEFD, dos quais 16 exerciam a profissão na Bahia e dois, no Rio de Janeiro, ficando o saldo de 11 indivíduos não sinalizados no referido estudo e, que por

conta da insuficiência de quadro, se fazia necessário à realização de curso anual de formação de monitores, para atuação na área de Educação Física nas cidades do interior. Nas palavras de Pires:

Ao que parece, o mecanismo de concessão de bolsas não estava atingindo seus objetivos. Assim, a partir de 1948, o professor e então Diretor da ENEFD, Waldemar Areno, começa a viajar ao Norte e Nordeste do Brasil com as seguintes finalidades: a) seleção dos candidatos às bolsas de estudos (que até então era realizada pelo próprio Estado); b) verificação das condições de trabalho dos ex-alunos bolsistas e da situação da Educação Física local (PIRES, 2008, p.66).

Ainda em relação às concessões de bolsas de estudos, na inspeção do então Diretor da ENEFD, surge a necessidade de estabelecimento de seleção anual de candidatos que pretendesse ingressar no curso de Educação Física da ENEFD pela via os benefícios de bolsas de estudos, evitando gastos desnecessários com pessoas que fossem pouco úteis para Estado e para Educação Física, conforme aponta Pires no fragmento abaixo:

[...] reforça um ponto de vista que a muito defendemos, da necessidade de se fazer anualmente uma seleção dos candidatos às bolsas de estudos da Escola. [...] Só assim evitaremos os gastos inúteis com indivíduos agasalhados pelo protecionismo e incapazes em face das exigências dos nossos cursos, indivíduos que serão inabilitados, ou se tornarão profissionais débeis e pouco úteis ao próprio Estado e à Educação Física (ARENO apud PIRES, 2008, p.67).

Ressaltamos que os benefícios concedidos com as bolsas de estudos, através do Decreto Lei de nº 4029/42 eram fundamentais para a opção de muitos estudantes que buscaram a formação superior na área de Educação Física na ENEFD e a cidade do Rio de Janeiro, mas não o único, pois, temos que considerar a proximidade que muitos dos candidatos apresentavam com atividades físicas, em geral, e com a prática esportiva de maneira específica, bem como, a possibilidade de adentrar o mercado de trabalho naquele momento histórico, em que poucos ou quase nenhum profissional possuía formação na área de Educação Física.

Segundo Pires, Rocha Junior e Marta (2013), apesar dos benefícios com bolsas de estudos, muitos estudantes da ENEFD apresentavam realidades diferenciadas, sobretudo, socioeconômica e, nesse sentido, o valor concedido para as bolsas de estudos poderiam ser insuficientes para manutenção de alguns estudantes, tendo esses estudantes que recorrer a outras atividades remuneradas para complementar a renda. Vejamos no fragmento da narrativa abaixo, o que nos apontaram os autores:

[...] os alunos viveram realidades diferentes, tendo muita das vezes de trabalhar para ampliar a renda, seja na Educação Física ou fora dela, já que a bolsa de estudos não dava conta de cobrir suas despesas. Assim, podemos considerar que estes trabalhos, dentro ou fora da Educação Física tiveram participação ou não na formação profissional, mas certamente foram importantes para o desenvolvimento pessoal de cada um. [...] Nesse sentido, reconhecemos que embora com objetivos definidos para o período histórico analisado, a concessão de bolsas de estudo foi uma estratégia importante, por permitir que estudantes oriundos de Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, lugares que ainda não contavam com uma formação profissional específica, tivessem acesso à Universidade do Brasil, já que de outra forma, dificilmente poderiam fazê-lo (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2013, p.11).

Esse esforço despendido pelos diversos estudantes que se deslocaram para cursar Educação Física revelava o desejo de estruturação da referida área de conhecimento no Estado da Bahia, fato que começa a acontecer no final da década de 1940, com a fundação da Associação de Professores de Educação Física da Bahia – APEFB<sup>9</sup>, em 11 de junho de 1949, que dentre outras atribuições em defesa da categoria, teve um importante papel na luta pelo aumento da quantidade de bolsas de estudos junto a ENEFD, restrita ao número de duas bolsas, porém, com a intervenção da entidade junto a Superintendência de Educação Física da Secretaria da Educação do Estado, conseguiu aumento significativo de cinco bolsas de estudos, contribuindo assim, para o aumento do número de estudantes no curso e, conseqüentemente, estruturação da Educação Física no Estado da Bahia (PIRES, 2008).

A intencionalidade do Governo da Bahia, na pessoa do Governador Landolfo Alves de Almeida<sup>10</sup>, estava clara, a difusão da Educação Física nas escolas públicas em todo estado, através dos profissionais que retornaram após a qualificação, mas, em conformidade com o discurso preconizado pelas instâncias governamentais que, de certa forma, definiam o que era ensinado e em que circunstância deveria ser ensinado, utilizando a escola enquanto aparelho ideológico do Estado.

Esse posicionamento do Governo do Estado da Bahia, no que diz respeito a fazer da Educação um espaço de poder, de difusão de ideias, de difusão de filosofia de governo, estabelecendo assim, sistemas de dominação, com finalidade de delimitar a construção do discurso, se aproxima dos estudos de Foucault, sobretudo, quando afirma que:

<sup>9</sup> A APEFB foi constituída por profissionais especializados na área de Educação Física do Estado da Bahia, atuando enquanto espécie de sindicato da categoria. Ver mais detalhes em FERRARO, Alcyr Naidiro Fraga. A Educação Física na Bahia: memórias de um professor. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

<sup>10</sup> Designado pelo Presidente Getúlio Vargas para assumir provisoriamente o governo de um Estado membro em regime de exceção, neste caso, enquanto Interventor do Estado da Bahia em 25 de março de 1938. Ver mais detalhes em FERRARO, Alcyr Naidiro Fraga. A Educação Física na Bahia: memórias de um professor. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

[...] por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2012, p. 9-10).

Nesse sentido, na Bahia, esses discursos se constituíam em entraves, pois, extrapolavam o aspecto da publicidade que a Educação Física necessitava ter no Estado, e as intencionalidades governamentais daquele momento histórico exigiam certo controle das atividades desenvolvidas pela referida área no âmbito escolar, contrapondo as intenções expressas no Decreto-Lei de nº 4029, de 19 de janeiro de 1942, ao criar bolsas de estudos, com intuito de qualificar e disseminar a Educação Física em todo território nacional, inclusive com a abertura de novos cursos nos estados em que os estudantes bolsistas residiam e, que não possuíam a formação em Educação Física. Nas palavras do professor Alcyrr Ferraro:

Com o retorno desses especializados, o governo teve condições para difundir e controlar a Educação Física nos estabelecimentos de ensino, imprimindo uma orientação mais científica à prática da disciplina nas Escolas Públicas (FERRARO, 1991, p. 17).

O retorno e, conseqüentemente, o início das atividades desses primeiros baianos que foram estudar na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, com o passar do tempo, fez com que esses professores vislumbrassem a possibilidade e intenção de implantar o Curso Superior de Educação Física no Estado da Bahia. As circunstâncias adversas encontradas, não os inibiram de continuar nessa caminhada, pelo contrário, as dificuldades serviam para motivá-los e impulsioná-los à conquista dos objetivos estabelecidos, que perpassavam pela estruturação da Educação Física em todo Estado da Bahia.

Segundo Ferraro (1991), as primeiras iniciativas em favor da instalação da Escola Superior de Educação Física na Bahia surgem em 1942, no Governo de Landolfo Alves de Almeida, designado Interventor do Estado da Bahia (1938 – 1942), tendo como Secretário de Educação e Saúde, seu irmão e educador Isaías Alves de Almeida, um dos maiores incentivadores de práticas de atividades físicas, sobretudo, para juventude baiana naquele período.

A influência que Isaías Alves de Almeida<sup>11</sup> exercia sob Landulfo Alves era bastante positiva para os pleitos baianos, sobretudo, com a realização de reformas significativas na estrutura do ensino na Bahia, principalmente, com a criação da Faculdade de Filosofia e a sinalização de outros cursos de formação profissional, acreditando na importância que tais cursos teriam para a legitimação da Educação no Estado. As medidas adotadas culminaram nos atos descritos no Decreto Lei de nº 12.362 de 1º de julho, publicado no Diário Oficial do Estado em 2 de julho de 1942, que tinham como propósito a criação e instalação da Escola Superior de Educação Física, além de outros cursos de formação técnica na referida área de conhecimento (FERRARO, 1991).

Os aspectos estruturais eram fundamentais para a criação do curso de Formação Profissional em Educação Física, por isso, a necessidade de formação de quadro de professores e as infraestruturas físicas para instalação e funcionamento da Escola de Educação Física eram imprescindíveis. Para tanto, foi encaminhada à cidade do Rio de Janeiro, uma segunda turma de professores com a finalidade de se especializarem na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, com propósito de aproveitar alguns dos diplomados para compor o quadro da referida Escola (FERRARO, 1991).

No que tange a infraestrutura, a intenção daquele momento era alocar a Escola de Educação Física, na estrutura do “Instituto Normal da Bahia, hoje ICEIA<sup>12</sup>, em prédio recém-inaugurado com instalações satisfatórias: piscina, ginásio, pista de atletismo e o material didático necessário ao funcionamento do referido Curso” (PIRES, 2008, p.72).

Os aspectos legais afirmados através de Decreto Lei de nº 12.362 de 1º de julho de 1942, as infraestruturas necessárias para a materialização das aulas, a aquisição dos materiais didáticos e a busca pela formação do corpo docente, capaz de conduzir o curso, foram esforços despendidos para que a Escola de Educação Física da Bahia fosse implantada ainda no Governo de Landulfo Alves, fato que não se concretizou, causando bastante desconforto no público baiano, mas, também, expectativas de substancialização no governo seguinte (FERRARO, 1991).

A visão governamental do General Renato Onofre Pinto Aleixo, sucessor de Landulfo Alves de Almeida, demonstrava insensibilidade em relação às questões educacionais, pois, apesar de perceber a carência de formação profissional na Bahia, sobretudo, na área de

---

<sup>11</sup> Ver sobre Isaías Alves de Almeida e a Educação na Bahia, na Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 125-140, jul./dez., 2005.

<sup>12</sup> Instituto Central de Educação Isaías Alves.

Educação Física, invalidou e desconsiderou todo o esforço feito em torno da implantação da Escola de Educação Física, inclusive, distribuindo o material didático que seria destinado ao curso formação profissional entre escolas da rede pública estadual de ensino (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014).

A frustração ocasionada ao povo baiano provocou certa inércia, em especial, nas pessoas envolvidas no processo que culminou na outorga do Decreto Lei de nº 12.362 de 1º de julho de 1942 citado anteriormente, que possibilitava a criação da Escola de Educação Física. Todavia, com o retorno de muitos dos egressos da ENEFD, e cientes do golpe sofrido pela área de Educação Física com anulação do referido decreto, esses professores especialistas reuniram-se com intuito de fundar a Associação dos Professores em Educação Física da Bahia - APEFB, e assim, organizar e desenvolver a referida área, conforme nos apontou Alcyrr Ferraro:

Em 11 de junho de 1949, ano do IV Centenário da Cidade do Salvador, os professores especializados em Educação Física do Estado da Bahia reuniram-se em Assembleia Geral, num dos Salões do Instituto Geográfico e Histórico, na cidade do Salvador, e fundaram a Associação dos Professores em Educação Física da Bahia.

A Associação visava não somente a defesa dos interesses da classe, como ainda a organização e desenvolvimento da Educação Física, Recreação e Esportes sob orientação científica (FERRARO, 1991, p.21-22).

Percebemos que após envio dos professores para estudar na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, a criação da APEFB, foi um dos atos mais marcante ocorrido na década de 1940, pois não houve nenhuma constatação de articulações ou iniciativas voltadas para criação do Curso de Formação em Educação Física nos idos de 1950 a 1960, em especial, na Capital do Estado, pelo menos, não houve ocorrência de registros que sinalizassem para alcance de tal objetivo, pelo contrário, assistia-se o crescente número de professores leigos ou credenciados em cursos de curta duração para atuação na área de Educação Física, justamente pela carência de Escola de Formação Profissionais na referida área no Estado da Bahia (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014).

É oportuno destacarmos que a atuação desses professores no âmbito escolar apresentou relevância ímpar para área de Educação Física, pelos seguintes aspectos: 1) garantir a presença da disciplina Educação Física nas escolas baianas demonstrando sua importância enquanto componente curricular; 2) sinalizar a carência e, conseqüentemente, apontar para necessidade de criação de curso de Formação Profissional em Educação Física

na referida área; 3) demonstrar a necessidade de organizar a profissão. Sobre a questão da organização da área, Pires, Rocha Júnior e Marta apontaram que:

Em dezembro de 1962, através da lei nº 1838, foi criado na Bahia o Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes (DEFEBEA), que se tornaria o responsável pela organização, fiscalização e difusão dessas áreas na Bahia. Foi através do DEFEBEA que mais uma vez se tentou montar um curso superior de EF no estado (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p. 214).

A conjuntura parecia favorável para área de Educação Física com a criação do departamento subordinado à Secretaria de Educação e Cultura, incorporando órgãos que antes pertenciam a outros setores da estrutura governamental, como: Superintendência de Educação Física e as Praças de Esportes (Estádio Otávio Mangabeira – Fonte Nova, Ginásio Antônio Balbino e da piscina Juracy Magalhães), além de ser responsável por todos os professores e médicos especializados que faziam parte da rede pública estadual (FERRARO, 1991).

As discussões em torno da criação do Curso Superior em Educação Física voltaram à pauta do governo, dessa vez, na gestão do Governador Antônio Lomanto Júnior, após solicitação feita pelo Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes – DEFEBEA, através do processo 226/65, de 03 de maio de 1965.

Diante de tal solicitação, o Governador designou a comissão, através da portaria de nº 15, com intuito de constituir mecanismos que viabilizassem a criação da Escola de Educação Física no Estado. Após análise criteriosa, a comissão elaborou o plano de trabalho, sendo encaminhado ao Conselho Estadual de Educação e Cultura para análise e parecer, que apontou positivamente a viabilidade de implantação do referido curso, sinalizado na resolução 30/1967, que criava a Escola de Educação Física da Bahia, homologada pelo Governador Antônio Lomanto Júnior. Mas, lamentavelmente, a Bahia sofre mais um golpe, com a reforma constitucional de 1967, atingindo a Secretaria de Educação e Cultura, impedindo a implantação do curso, forçando o Governador do Estado através de decreto retirar as providências para sua instalação (FERRARO, 1991).

Além do aspecto supracitado, a área de Educação Física sofre mais uma perda, dessa vez, na estrutura governamental. Após cinco anos de criação do Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes – DEFEBEA, o Governo de Luiz Viana Filho em 1967, através da reforma administrativa, resolve extinguir o departamento da estrutura administrativa, passando a ser Divisão de Educação Física, Recreação e Esportes – DEFRE, órgão da subdivisão do Departamento, causando desconforto entre os profissionais, em especial, a

Associação dos Professores em Educação Física da Bahia – APEFB, favorecendo uma regressão em relação aos demais Estados da Federação (FERRARO, 1991).

As dificuldades encontradas durante esse percurso favoreceram o fortalecimento da área de Educação Física em termos de organismos de representação, fato que fora diagnosticado através do Plano Integral de Educação e Cultura desenvolvido pelo Governo de Luiz Viana Filho em 1969, que dentre outras providências, buscava diagnosticar a real situação do Ensino Superior no Estado da Bahia. Os resultados obtidos sinalizavam para necessidade de abertura de novos cursos em todo Estado. No que tange as atividades físico-desportivas, foram diagnosticados até o ano 1967, a existência de 354 associações esportivas, congregando 49.088 associados em 51 unidades esportivas na capital e 300 associações com 87.736 membros efetivos no interior (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p. 210).

O diagnóstico feito pelo Governo do Estado e as condições de infraestrutura disponibilizada na cidade de Salvador a credenciava para implantação da Escola Superior de Educação Física, além das amplas possibilidades de desenvolvimento de atividades esportivo cultural. Todavia, a carência profissional para compor o quadro de professores da área das Ciências da Saúde, uma das áreas necessárias para a formação docente, frustraram novamente os sonhos de muitos baianos (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p. 210).

Esse cenário de incerteza dificultava o desenvolvimento da Educação Física enquanto disciplina no âmbito escolar, bem como, das atividades físico-esportivas nos espaços não escolares, necessitando de paliativos para minimizar tais dificuldades, conforme apontaram Pires, Rocha Júnior e Marta (2014):

Neste cenário de inexistência de um curso de EF na Bahia, havia dificuldades para o trato com a disciplina no espaço escolar e também para o trabalho com a atividade física e o esporte, forçando a tomada de resoluções para sanar tal quadro. Assim, em 1971, algumas pessoas foram participar de um curso intensivo de Licenciatura de curta duração, na escola Superior de Educação Física de Recife. O objetivo era qualificá-las para que atuassem com a disciplina EF no Estado da Bahia, sobretudo nos futuros Ginásios Polivalentes, criados em 24 cidades do interior. Essa iniciativa se deu através do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN), do Ministério de Educação e Cultura, realizado pela Universidade Federal da Bahia, a partir da Faculdade de Educação (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p. 211).

Os autores apontam ainda que,

Várias foram as tentativas para a criação de uma escola de EF e muitas, senão todas, movidas pelos próprios e poucos professores licenciados pela ENEFD. Todavia, por motivos diversos, nenhuma das investidas deu resultado e até o início da década de 1970, a Bahia continuava sem ter seu



curso, ficando para trás em relação a vários estados brasileiros, inclusive alguns do nordeste (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p. 211).

O fato é que, em muitos estados, os processos de implantação de cursos de formação em Educação Física emergem após os diplomados na ENEFD retornarem as suas localidades de origem, diferentemente do que ocorrera no Estado da Bahia, que conquistou o primeiro curso de formação profissional em Educação Física, vinte e quatro anos após a saída do primeiro diplomado, em 1949, pela ENEFD, e por iniciativa de uma instituição privada, a Universidade Católica de Salvador (UCSAL) em 1973, conforme apontaram Pires, Rocha Júnior e Marta que:

Em alguns estados os cursos surgiram logo após o da ENEFD. Em outros, como a Bahia, os cursos demoraram mais para serem fundados. Nesta localidade foi só em 1973 que se instalou um curso de Educação Física, o da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Assim, até esta data, qualquer pessoa interessada em cursar a área era obrigada a ir para outro lugar. [...] Durante muito tempo o curso da UCSAL foi o único do estado, já que o da Universidade Federal da Bahia só surgiu em 1988. Até 1973, os baianos que buscavam cursar Educação Física eram obrigados a sair de suas terras, indo na maioria das vezes para o Rio de Janeiro, para a ENEFD, a “escola padrão” (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2013, p.5).

É oportuno afirmar que esse percurso apresentado nos ajudará a compreender os caminhos percorridos para estruturação do primeiro curso de formação profissional em Educação Física do Estado da Bahia, e as possibilidades encontradas posteriormente a este, para a implantação dos demais cursos, refletindo sobre os avanços ou retrocessos das estruturas curriculares e o tempo de duração desses cursos. Além disso, estudar o percurso histórico de criação do primeiro Curso de Educação Física da Bahia, nos ajuda a compreender os efeitos do atraso na formação profissional e, conseqüentemente, na atuação e nos currículos da Educação Física, foco da nossa pesquisa.

Nesse sentido, o próximo tópico deste capítulo, focaremos na análise dos estudos que apresentam a formação profissional em Educação Física no Estado da Bahia, notadamente, a constituição dos cenários para a estruturação desses cursos, tempo de duração e as motivações que impulsionaram a escolha profissional em Educação Física.

## 2.2 ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA BAHIA: A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

### 2.2.1 Curso de Educação Física da UCSAL

Os momentos de inquietudes, esperanças e desesperanças tomavam conta dos profissionais de Educação Física baianos, quando o assunto em pauta, durante muitos anos,

tratava-se do projeto de implantação e abertura de um curso de formação profissional em Educação Física no Estado da Bahia. As intensas e incansáveis medidas para que a Bahia obtivesse as condições necessárias para o funcionamento da Escola de Educação Física surgem desde a década de 1940, quando diagnosticado a inexistência de professores especializados em Educação Física, enquanto os demais estados da federação avançavam na criação de seus cursos de formação na referida área (FERRARO, 1991).

A inferência que passamos a fazer a despeito dessa trajetória em prol da abertura da Escola de Educação Física no Estado da Bahia ao longo deste estudo perpassa por entender o pensamento dos idealizadores dessa proposta após tantos anos de luta, em especial, no que se refere a constituição curricular desse curso. Era possível que os pensamentos de outrora persistissem após tantos anos da formação na ENEFD pelos baianos? Quais justificativas para adoção de tal estrutura?

Tais questionamentos são respondidos nos estudos de Pires, Rocha Júnior, e Marta (2014)<sup>13</sup>, quando estes afirmam ter percebido que muitas Escolas de Educação Física criadas após a Escola Nacional de Educação Física e Desportos - ENEFD, tiveram como parâmetro a referida escola, principalmente, na organização curricular, inclusive, com oferecimento idêntico das disciplinas curriculares, bem como, nas orientações metodológicas, demonstrando que a ENEFD cumpriu com o propósito para o qual fora criada, servir de “Escola Padrão” para demais escolas do País. Sobre esta questão, os trechos abaixo nos apontam que:

[...] a organização de outros cursos de formação de professores no mesmo padrão da ENEFD, tanto em sua organização curricular como nos métodos adotados, foi provavelmente o meio mais eficaz de moldar a EF brasileira (GRUNNEVALDT apud PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, 2014, p.211).

Apontam ainda os autores que,

Na Bahia não foi diferente. É importante ressaltar que os idealizadores e articuladores do primeiro curso de EF eram quase todos graduados na ENEFD. Destacam-se os professores Alcyr Ferraro, Newton Miranda, Fernando Chagas e Georgeochoama (este egresso da Escola de Educação Física do Exército). Todos eles trabalharam no projeto de criação de uma escola superior de EF, que resultou na criação do curso na UCSAL (PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, 2014, p.211).

---

<sup>13</sup> Mais detalhes sobre este tema ver em PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JÚNIOR, Coriolano Pereira; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro Curso de Educação Física na Bahia – trajetórias e personagens. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, jan./mar. 2014.

É importante destacar que os esforços despendidos em prol da constituição do curso de Educação Física, não foram direcionados à Universidade Católica de Salvador - UCSAL, pelo contrário, consultaram primeiro a Universidade Federal da Bahia – UFBA e, naquele momento histórico, a referida instituição rejeitou a possibilidade de implantar o curso de tal natureza, conforme nos apontou o professor Alcyr Ferraro:

Com esse propósito, a APEFB indicou entre seus membros uma ‘Comissão Executiva’ que deveria visitar as autoridades, visando sensibilizá-las para a criação da Escola de Educação Física. [...] A primeira visita foi ao Reitor Lafaiete Pondé, da Universidade Federal da Bahia, em audiência solicitada. O grupo saiu decepcionado por não encontrar qualquer receptividade nem interesse pela causa (FERRARO, 1991, p. 69).

Mas, afinal, que importância teria a Educação Física naquele contexto histórico e político da Bahia? Salientamos que o Estado da Bahia nos idos de 1970 era um dos últimos estados da federação, sem Curso Superior em Educação Física, apresentando 95% dos professores não qualificados, trabalhando nos estabelecimentos de ensino público ou particular, apontando assim, para uma situação que não poderia continuar. Portanto, se fazia necessário mexer na expressão de honra e dignidade da comunidade e das autoridades constituídas do Estado e, usando de estratégias de sensibilização, a APEFB mobilizou os meios de comunicação<sup>14</sup> disponíveis e, através da imprensa falada, escrita e televisionada, mostrava a necessidade da criação da Escola de Educação Física (FERRARO, 1991).

Frustrados, mas, incansáveis, as estratégias adotadas pela APEFB, sob a direção do Professor Alcyr Ferraro<sup>15</sup> foram alteradas, dessa vez, buscando o caminho das Instituições de Ensino Superior, no intuito de perceber a viabilidade de se ter o curso em suas estruturas, para posteriormente, estabelecer o diálogo com as autoridades competentes.

Percebemos então, que houve uma preocupação dos profissionais em elaborar e adequar os discursos, no sentido de satisfazer exigências daquele momento histórico, coadunando com os estudos de Foucault (2012, p.35) quando diz que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”.

Naquele momento histórico, o Brasil vivia momentos de cautelas e turbulências com o golpe dado pelos militares, instaurando o longo período de ditadura no País. Nesse aspecto, os vários anos de luta, favoreceram uma maturidade nos membros da APEFB, sobretudo, para

---

<sup>14</sup> Ver os destaques nas manchetes do Jornal A Tarde em FERRARO, Alcyr Naidiro Fraga. A Educação Física na Bahia: memórias de um professor. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

<sup>15</sup> O professor Alcyr Naidiro Fraga Ferraro assume a presidência da Associação de Professores de Educação Física da Bahia – APEFB, pela terceira em 07 de agosto de 1971, para o biênio 1971/1973.

perceber o momento certo de recuar em algumas proposições, fato que aconteceu após orientação da professora Leda Jesuíno, conforme apontou o professor Alcyr Ferraro no fragmento da narrativa abaixo:

Nessa ocasião, encontrei-me com a professora Leda Jesuíno que, sabedora da situação e acompanhando o desenrolar do movimento, deu-me um conselho: ‘Não pense na criação de uma escola, e sim num Curso de Licenciatura a ser criado numa Unidade de Ensino em uma das Universidades existentes. Torna-se simples a sua criação por viabilizar o curso dentro de estrutura já existente, tendo, no fim, os mesmos objetivos – Licenciados em Educação Física’ (FERRARO, 1991, p.71).

A infraestrutura era outro aspecto que tinha que ser pensado quando se pensavam na implantação de um curso com tal natureza. As estruturas existentes naquele momento na capital eram de Administração Pública Estadual e, nesse sentido, necessitavam o estabelecimento de acordos entre as partes, caso o curso tivesse que funcionar na UCSAL. Segundo Ferraro (1991), em audiência com Dr. Bernardo Spector, Secretário da SETRABES<sup>16</sup> e com Dr. Wilson Angelim, Diretor da Vila Olímpica, estes, se colocaram interessados e sensíveis, o que era fundamental para a emissão de um parecer técnico favorável. Vejamos o que narra o autor:

Sendo a Vila Olímpica órgão integrante da SETRABES, foram colocadas à disposição, todas as suas instalações para qualquer entidade pública ou privada que viesse a ser favorável a criação da Escola. Depois de diversos contatos com ambos, surgiu a ideia de procurar o Reitor da Universidade Católica do Salvador com o fim de viabilizar um convênio (FERRARO, 1991, p.71).

A partir de então, faltavam poucos passos a serem dados para que APFEB alcançasse o objetivo estabelecido, o Curso de Educação Física, e na oportunidade dos festejos de aniversário do Colégio Estadual da Bahia (Central), a comissão da referida entidade, composta pelos professores Alcyr Ferraro, Newton Miranda, Fernando Chagas e um grupo de estudantes, procuraram uma forma de sensibilizar o Governador do Estado, Antônio Carlos Magalhães, no intuito de solicitar a Instalação da Escola, obtendo a seguinte resposta:

[...] ‘escola superior isolada, na Capital, eu não crio, instalamos Universidades no interior’. Contra argumentamos: ‘E um convênio com a Universidade Católica do Salvador para uso das instalações da Vila Olímpica?’, ao que ele respondeu de pronto respondeu: ‘topo’ (FERRARO, 1991, p. 72).

---

<sup>16</sup> SETRABES – sigla da Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social.

Narra, ainda, o autor que,

Anteriormente, tinha sido levado pelo meu concunhado, Francisco dos Reis Beltrão para um contato com Monsenhor Eugênio Veiga, Reitor da UCSAL [...]. Quando falei no Curso de Educação Física, Monsenhor botou a mão na cabeça e disse: ‘Não sou louco, não tenho instalações para Educação Física’. Mostrei-lhe a possibilidade de um convênio com o Estado para uso da Fonte Nova, e logo mudou de atitude, prometendo analisar com interesse a proposta (FERRARO, 1991, p. 72).

O caminho estava trilhado pela Comissão composta pelos membros da APEFB favorecendo o contato entre Governo do Estado e Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Todavia, os aspectos legais deveriam ser atendidos em conformidade com a lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, que dentre outras providências, fixava normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, tendo que a Universidade Católica do Salvador buscasse as estratégias necessárias, para implantar o curso de Educação Física, que dentre outros aspectos, tinha que disponibilizar nos currículos dos outros cursos de graduação, atividades de Educação Física e Esporte.

Enquanto os aspectos legais eram pensados, em 28 de junho de 1972, às 15 horas, no Palácio Rio Branco, o Convênio era assinado entre Governo do Estado e Universidade Católica do Salvador, cujo teor, concedia a UCSAL, o direito de utilização da Vila Olímpica da Bahia para fins de educacionais, em especial, para o Curso de Formação em Educação Física. Tal convênio fora assinado e publicado no Diário Oficial do Estado de 30 de junho de 1972. Dentre os itens enfatizados no convênio, destacamos três cláusulas que demonstravam claramente os fins pelos quais o documento fora prescrito e em que condições fora prescritos, vejamos:

O Estado da Bahia, representado por seu Governador Dr. Antônio Carlos Magalhães, e a Universidade Católica do Salvador, representada pelo Reitor Monsenhor Eugênio Veiga, objetivando a utilização de dependências da Vila Olímpica da Bahia, necessárias ao ensino prático do Curso de Educação Física, mediante as Cláusulas e condições seguintes:

Cláusula I – O presente Convênio tem por finalidade o ensino de Educação Física e Desportos, estimulando o desenvolvimento e prática de atividades desportivas em geral e para a realização deste objetivo, permite a utilização de dependências da Vila Olímpica da Bahia, a serem oportunamente designadas para a realização de aulas práticas que serão ministradas no Curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador.

Cláusula IV – Com uma antecedência de no mínimo 10 (dez) dias do início do ano letivo, a Universidade Católica do Salvador deverá comunicar à Vila Olímpica da Bahia o horário das aulas práticas do Curso Superior de Educação Física, bem assim o nome dos professores responsáveis pelos mesmos.

Cláusulas V – As atividades do Curso Superior de Educação Física da Universidade Católica do Salvador não poderão, em nenhuma hipótese, prejudicar as programações da Vila Olímpica da Bahia, e, em caso de

coincidência de horários, a Vila Olímpica da Bahia sempre terá direito à preferência (FERRARO, 1991, p. 72 - 73)<sup>17</sup>.

Os professores viveram momentos de tensões e expectativas, face aos retrospectos dos governos anteriores, necessitando da aprovação do Conselho Universitário, para a efetivação do curso e alívio dos seus idealizadores, fato que ocorrera em 27 de dezembro de 1972, tendo ocorrido à seleção para ingresso em 1973, conforme nos apontaram Pires, Rocha Júnior e Marta (2014):

A partir de então, com a afirmação do convênio entre UCSAL e o estado da Bahia, o grupo de professores viveu meses de expectativa para a aprovação do curso no Conselho Universitário e sua criação efetiva e, ainda, a realização do vestibular. Foi só em 27 de dezembro de 1972, após reunião do Conselho Universitário, que o curso de EF da UCSAL foi aprovado, com o início de seu funcionamento previsto para 1973 (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p.215).

Outro aspecto que deve ser destacado se refere aos critérios adotados para o ingresso de candidatos ao Curso de Educação Física na Universidade Católica do Salvador, que teve sua efetivação em 11 de janeiro de 1973. Os candidatos tinham que efetivar suas inscrições no vestibular na área II (Ciências Biológicas), caso, fossem classificados, os mesmos seriam submetidos à segunda etapa de testes, com exames clínicos e laboratoriais, exame biométrico e avaliações da aptidão física, que consistiam de testes de habilidades motoras, teste de Cooper e teste de eficiência natatória (FERRARO, 1991).

A conquista do Curso de Educação Física fora motivo de muito orgulho para os abnegados professores e associados da APEFB, mesmo que a sua estruturação não tivessem de acordo com o preconizado pelos mesmos, pois o curso foi implantado sem sede própria, onde as disciplinas eram ministradas em diversas localidades, conforme apontou Alcyrr Ferraro:

As matérias pedagógicas eram dadas na Faculdade de Educação e no Convento da Lapa, as médicas na Escola de medicina e saúde pública, e as matérias profissionalizantes da Educação Física eram ministradas pelo Departamento de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, na Vila Olímpica da Bahia, graças ao convênio entre o Governo do Estado e a UCSAL (FERRARO, 1991, p. 79).

Apesar da conquista a duras penas pela área, os aspectos sociopolíticos aos quais foram pensados e, posteriormente, implantado o curso Educação Física, não foram dos mais favoráveis, haja vista que, as discussões iniciaram no período do “Estado Novo” e, que perduraram até a “Ditadura Militar”.

---

<sup>17</sup> Ver documento na íntegra em FERRARO, Alcyrr Naidiro Fraga. A Educação Física na Bahia: memórias de um professor. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

Os reflexos dessa influência foram percebidos na constituição da coordenação e, conseqüentemente, da equipe docente responsável pelas disciplinas específicas do Curso de Educação Física, sendo essas disciplinas ministradas por profissionais com formação na referida área de conhecimento, tendo o professor Georgecohama Almeida Arcanjo, um dos idealizadores do curso, recusada sua indicação pela Diretora da Faculdade de Educação da UCSAL, professora Octávia Veiga Araújo, provocando a recusa de outros professores em participar do processo inicial do curso (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014).

As motivações para tal recusa podem ter sido provocadas por aspectos políticos, já que o referido professor não se afinava com a política do Governo do Estado daquele momento histórico, bem como, com a constituição curricular, havendo discordâncias em relação as concepções de Educação, Educação Física e formação profissional difundida por muito tempo pela ENEFD, conforme apontou o professor em entrevista concedida a Pires (2008):

[...] ocorre que esse currículo aí, essa grade curricular, foi montada de acordo mesmo com a ideia que se tinha de Educação Física aqui na Bahia. Não era propriamente uma ideia que eu comungasse, mas, de qualquer sorte, é... vinha ao encontro primeiro dos professores existentes, compreendeu? (GEORGECHOAMA em depoimento pessoal 2007 apud PIRES, 2008, p.).

Dessa forma, o Curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador fora implantado em conformidade com a Resolução do Conselho Federal de Educação, na forma do que dispôs o art. 26 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, que definia o currículo mínimo e a duração mínima dos cursos superiores, levando em conta as conclusões do Parecer n° 894/69, que incorporava a resolução, conferindo o título de Licenciado em Educação Física, com matérias básicas, relacionadas à área das ciências biológicas e as matérias profissionais, acrescidas de matérias pedagógicas de acordo com o Parecer 672/69 (BRASIL, 1969).

Portanto, o Curso de Educação Física da UCSAL se configurou com a duração mínima de 1.800 horas-aulas, ministradas no mínimo em 3 anos e no máximo em 5 anos, conforme Art. 3° da Resolução, tendo na estrutura curricular 36 disciplinas, organizadas de acordo com o quadro abaixo:

**QUADRO 1. DISCIPLINAS DO CURRÍCULO**

Ciências humanas (formação geral)	Conhecimentos Didático- pedagógico	Ciências biológicas	Técnico-desportiva
Filosofia;	Prática de Ensino;	Anatomia;	Atletismo I; Atletismo II;

Estudos dos Problemas Brasileiros; Teologia; Português; e Língua Instrumental.	Metodologia; Organização da Educação Física e do Desporto; Didática; Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º e 2º graus; e Psicologia.	Biologia; Biometria; Fisiologia; Higiene; Cinesiologia; Socorros de Urgência; Fisiologia do Esforço.	Ginástica I; Ginástica II; Ginástica III; Ginástica IV; Ginástica Olímpica; Ginástica de Reabilitação; Natação I; Natação II; Basquetebol; Voleibol; Rítmica; Handebol; Recreação; Futebol ou Rítmica II; Pesos e Alteres ou Rítmica III.
--	--	--	---

Fonte: PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014, p.219.

Observamos nos estudos desenvolvidos acerca da história da Educação Física da Bahia, no que tange a estruturação curricular do Curso de Educação da UCSAL, uma dissociação entre disciplinas oferecidas para homens e para mulheres, oferecidos nos dois últimos semestres, tendo a obrigação do cumprimento das 36 disciplinas para a conclusão do curso (FERRARO, 1991; PIRES, 2008).

Destacamos a seguir, a grade curricular, com a carga horária e créditos distribuídos por disciplinas na época da fundação do curso de Educação Física da UCSAL, em 1973, onde a influência da ENEFD não estava tão evidente enquanto Escola Padrão, devido a Reforma Universitária de 1968, que modificou a estrutura dos cursos universitários em todo País, sobretudo, das disciplinas de formação geral. No que tange as diferenças entre UCSAL e ENEFD, nota-se o predomínio das disciplinas desportivas no curso da UCSAL, caracterizando a concepção de Educação Física centrada na prática esportiva (PIRES, 2008).

#### QUADRO 2. GRADE CURRICULAR, CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS

1º SEMESTRE – FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Anatomia	75	03
Biologia	75	03
Biometria	30	02
Estudo dos problemas brasileiros	30	02
Filosofia	60	04
Português	60	03

  

2º SEMESTRE - FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Atletismo I	60	02
Fisiologia	45	02
Ginástica I	60	02
Higiene	30	02
Língua Instrumental	60	02
Teologia	60	03



3º SEMESTRE - FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Atletismo II	60	02
Basquetebol	60	02
Estrutura e Funcionamento do ensino de 1º e 2º graus	60	03
Ginástica II	60	02
Natação I	60	02
Psicologia	90	05

4º SEMESTRE - FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Cinesiologia	45	02
Didática	75	04
Ginástica III	60	02
Natação II	60	02
Rítmica	45	02
Voleibol	60	02

5º SEMESTRE - FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Futebol (para os homens)	60	02
Ginástica IV	45	02
Ginástica Olímpica	60	02
Handebol	45	02
Metodologia	60	03
Rítmica II (para as mulheres)	60	02
Socorros de urgência	30	02

6º SEMESTRE - FEMININO E MASCULINO		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Fisiologia do esforço	60	03
Ginástica de Reabilitação	45	02
Organização da Educação Física e Desporto	30	02
Peso e halteres (para os homens)	45	02
Prática de ensino	60	02
Recreação	60	02
Rítmica III (para as mulheres)	60	02

Fonte: FERRARO, 1991; PIRES, 2008

Os caminhos difíceis percorridos para implantação do curso de Educação Física na Bahia, em especial, na UCSAL, talvez não tenha possibilitado que a concepção de currículo adotado pelos idealizadores do referido curso, refletissem o momento sócio-histórico de sua implantação, em que o País vivia momentos de tensão propiciados pelo regime ditatorial promovido pelos militares. Embora a Reforma Universitária de 1968, sinalizasse para mudanças curriculares necessárias aos cursos universitários, não foram suficientes para que o curso de Educação Física da UCSAL, recém-estabelecido, fosse questionado na sua

perspectiva de formação profissional, inclusive, com sugestões de alterações na estrutura curricular, poucos anos após o início. Tais propostas de alterações curriculares recaíram no conjunto de disciplinas e métodos adotados pela UCSAL, considerados descontextualizados (PIRES, ROCHA JÚNIOR e MARTA, 2014).

O fato é que a estrutura curricular, bem como, a metodologia adotada pelos docentes da UCSAL tinha no seu âmago, a necessidade de instrumentalizar seus estudantes para serem técnicos desportivos e não professores, e com isso, sem analisar a conjuntura das escolas baianas, destino de muitos após diplomados, reproduziam o que apreenderam, transformando os estudantes em atletas, ratificando o discurso da escola enquanto espaço que preparavam os ídolos esportivos que representasse a nação. Em relação a esse aspecto Santo (2004) nos apontou que a formação da UCSAL causou-lhe a:

[...] primeira sensação de insatisfação com a minha formação, sem saber, ao certo, o que eu estava fazendo ali, já que eu sonhava em ser professor e a escola me transformava em atleta, sendo avaliado nas disciplinas pela execução do movimento e não pelo domínio do conteúdo e da metodologia do ensino. É daí que vêm as minhas primeiras inquietações, desse processo que vivi na minha formação (SANTO, 2004, p. 19).

Em que se pese qualquer crítica à metodologia adotada pelos idealizadores, para a implantação do primeiro curso de Educação Física do Estado da Bahia, alguns aspectos devem ser relativizados, tendo em vista: 1) a formação acadêmica de muitos egressos da ENEFD que compôs o corpo docente do curso na UCSAL, que os preparavam para reproduzirem os ensinamentos apreendidos na referida Escola; 2) a Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, serviu de Escola Padrão não somente para a UCSAL, mas, para muitas instituições de ensino superior em todo Brasil naquele momento histórico; 3) e por fim, a importância histórica do curso de UCSAL para o destino da Formação Profissional em Educação Física na Bahia.

A relevância do Curso de Educação Física da UCSAL, para a constituição dos demais cursos de formação em Educação Física na Bahia, será assunto do próximo segmento, quando analisaremos as trajetórias e contextos desses Cursos de Formação.

### 2.2.2 Curso de Educação Física da UFBA

As movimentações em torno da estruturação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA começaram a se configurar no cenário baiano após a implantação do curso da UCSAL, em 1973. Nesse período, a Universidade Federal da Bahia possuía na

sua estrutura de formação profissional, o Colégio de Aplicação Reitor Miguel Calmon, responsável por materializar os conhecimentos discutidos nos Cursos de graduação, em especial nas licenciaturas, em situações reais de ensino--aprendizagem, função estratégica da referida Instituição de Ensino. Todavia, apesar da sua relevância enquanto campo de pesquisa e de experiências pedagógicas para os professores da área de educação da Universidade, em 1975, o Colégio de Aplicação Reitor Miguel Calmon fora desativado, fato lamentável para o processo educativo, mas, que, estava em conformidade com disposto na Reforma Universitária (FERRARO, 1991).

Evidentemente que com a extinção do Colégio de Aplicação, alguns professores, cujas funções profissionais serviam naquela estrutura, ficaram a disposição de outros setores, a exemplo do Professor Alcyr Naidiro Fraga Ferraro, este, ficando a disposição da Superintendência Acadêmica, fato que motivou o Superintendente a convidá-lo para a estruturação do projeto de implantação das práticas desportivas em atenção ao Decreto Lei 69.450, de 1º de novembro de 1971, conforme nos apontou Alcyr Ferraro:

Com a sua extinção em 1975, fiquei à disposição da Superintendência Acadêmica. Em 1977, fui convidado, pelo então Superintendente Dr. Orlando Sales, para fazer parte de um projeto de implantação da Educação Física na Universidade, a fim de dar cumprimento ao Decreto Lei 69.450, de 1º de novembro de 1971, cujo prazo de execução (6 anos) estava para se esgotar (FERRARO, 1991, p. 94).

É importante salientar, que o Decreto Lei nº 69.450/71, regulamentava o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, e estava relacionada à Sistemática da Educação Nacional e, especificamente a Educação Física, em todos os níveis de ensino, tendo nos artigos 1º, 2º e 3º a ênfase necessária para apontar a relevância de tal área de conhecimento no Sistema de Ensino Universitário, vejamos:

Art . 1º A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art . 2º A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

Art . 3º A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

III - No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à

consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade (BRASIL, 1971, p.).

As medidas impositivas expostas nos dispositivos legais, em especial, as expressas nos artigos supracitados do Decreto Lei nº 69.450/71, retratavam o momento histórico e político vivido pelo Brasil, após o golpe militar de 1964, conforme nos apontam os estudos de Pires (2008):

Nunca é demais lembrar que parte de nossa intelectualidade apoiou o golpe militar de 1964, e, dessa forma, é possível perceber projetos articulados, sobretudo para a área de Educação Física e esportes. As estruturas físicas que hoje encontram-se deterioradas, na época eram atrativas para a prática de atividades no intento de cumprir o idealizado, ou seja, com a prática desportiva afastaria a juventude universitária do debate político e desarticulava os estudantes (PIRES, 2008, p 91).

Apesar das medidas aplicadas e dos posicionamentos políticos da época, que resultaram na lamentável extinção do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia, em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 69.450/71, pudéssemos inferir com base nos estudos apresentados, que a área de Educação Física passou a conquistar espaços estratégicos para os discursos proferidos pelo Governo naquele momento histórico, discursos estes, apresentados em forma de dispositivos legais.

Nos anos de 1977, a pedido da Superintendência, foi encaminhado para o Conselho Universitário, o projeto de autoria do professor Alcyr Ferraro, para análise e aprovação da referida instância universitária, fato que aconteceu em 16 de Agosto de 1977, a fim de integrar a Educação Física, Desportiva e Recreativa nos currículos dos cursos da UFBA, como disciplina de caráter obrigatório em três semestres consecutivos ou não, totalizando três créditos. A esse respeito Ferraro (1991) relatou no fragmento abaixo:

Enviado o projeto ao Conselho Universitário, foram ouvidos diversos setores e, em Parecer de 16 de agosto de 1977, foram aprovadas as Normas da Câmara de Ensino de Graduação para Educação Física, Desportiva e Recreativa a fim de integrar os currículos da UFBA. No mesmo Parecer, foi criado o Departamento de Educação Física, alocado na Superintendência Estudantil [...]. A partir do ano de 1978, todos os Cursos de Graduação da UFBA foram promovidos das atividades da Educação Física, de acordo com as Normas ratificadas pelo Conselho de Coordenação (FERRARO, 1991, p. 94).

Observamos então, que as discussões em torno da estruturação do Curso de Educação Física na UFBA foram momentaneamente retiradas de pauta, uma vez que a sinalização negativa no início da década de 1970, fizeram com que os professores fossem mais cautelosos, no intuito de conquistar espaços naquele cenário educativo.

Outro aspecto a ser destacado, se refere a necessidade de estruturação do quadro de professores de Educação Física do Departamento, para cumprimento do disposto no Decreto Lei nº 69.450/71, tendo em vista que a UFBA vivia o momento de expansão e, conseqüentemente, aumento no número de estudantes praticantes das atividades esportivas oferecidas no currículo dos diversos cursos, favorecendo o aumento de carga horária, não podendo ser cumprida somente por um docente. Além disso, havia a necessidade de diversificação das atividades, com intuito de contemplar a grande massa de estudantes.

Para tanto, foram indicados pelo professor Alcyr Ferraro para integrar o departamento os seguintes Professores: Hélio José Bastos Carneiro de Campos, Dival Fonseca de Albergaria, Neusa Tavares de Luna, Agnaldo Germano da Silva, Milton Gesteira Diniz, Sérgio Figueiredo Silva e, posteriormente José Ney do Nascimento Santos, Orlando José Hage de Santana, Cacilda Silva Souza, Carlos Roberto Colavolpe e Euricles Miguel Filho, este último, contratado pela Reitoria (FERRARO, 1991).

Salientamos que esses professores eram contratados pela UFBA como colaboradores, mas, lotados em órgãos executivos e não em uma unidade de ensino, circunstâncias que ocasionavam prejuízos, pois, não podiam ascender na carreira universitária, apesar da intensidade de trabalhos desenvolvidos com as atividades de ensino e extensão. Tal situação provocou no corpo docente, certos desconfortos ao ponto de se inquietarem, decidindo ampliar as discussões em favor da criação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA (CAMPOS, 2014).

Os encaminhamentos foram direcionados à Diretoria da Faculdade de Educação - FACED, solicitando a transferência do Departamento de Educação Física para uma unidade de ensino, tendo em vista as atividades desenvolvidas de ensino e extensão. Em resposta, a Diretora da FACED, a professora Jandyra Simões solicitou esclarecimentos dos professores, no que tange: as características didático-científicas do Departamento de Educação Física; o número de componentes, em especial, docentes lotados no departamento; as atividades que estavam sendo desenvolvidas e a abrangência da ação; quais as perspectivas futuras para ampliação e desenvolvimento das atividades (FERRARO, 1991).

Segundo Ferraro (1991), os esclarecimentos foram dados em 07 de agosto de 1985, através do ofício nº 31/85, que destacaremos abaixo dois pontos importantes:

- a) A UFBA, cumprindo um dispositivo legal através do Decreto Nº 69.450 de 1º de novembro de 1971, criou o Departamento de Educação Física com o fim de planejar, implantar e executar as atividades físico-desportivas na Universidade como disciplina curricular em todos os cursos de graduação em caráter obrigatório e obtendo os créditos correspondentes.

As atividades didáticas compreendem as partes curriculares e extra-curriculares [...].

e) A criação do Curso de Licenciatura em Educação Física, permitindo a ampliação de nossas atividades, será viável com a conclusão do Centro de Esportes. Vale observar que a UFBA é, talvez, a única universidade federal do Brasil a não possuir o Curso de Educação Física (FERRARO, 1991, p. 103-104).

A exposição de motivos foi suficiente para mobilização das autoridades competentes e, posterior transferência do Departamento de Educação Física à estrutura da Faculdade de Educação, em janeiro de 1986, propiciando diálogos com mais frequência entre os departamentos, fato que contribuiu para que em 14 de março de 1986, a Diretora da FACED designasse alguns docentes, através da publicação da portaria 01/1986, com a intenção de elaborar o anteprojeto de criação do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Os trâmites legais seguiram-se normalmente e, paralelamente a estes, por deliberação da reitoria da UFBA, efetivou a transferência do Centro de Educação Física e Esporte, estrutura pertencente à Superintendência Estudantil para a FACED, sob a responsabilidade do Departamento de Educação Física, garantindo o funcionamento do curso em sua totalidade (PIRES, 2008).

Enfim, o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA foi aprovado pela Câmara de Ensino e Graduação, através do Parecer Nº 425/87, em 16 de Junho de 1987, tendo enquanto Presidente o Prof. José Rogério da Costa Vargens e o Prof. Silvio Brito Borges, relator do processo, tendo em seguida, a instalação oficial o Colegiado do Curso. Os trâmites seguiam-se em conformidade com a Resolução Federal de nº 69/1969, todavia, conforme Alcyr Ferraro:

Em 19 de outubro de 1988, foi encaminhada à Câmara de Ensino e Graduação uma revisão do Currículo do Curso. Essas modificações resultaram da necessidade do Colegiado adaptar a proposta do Curso à Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação, uma vez que esta não se encontrava em vigor na época da aprovação do mesmo. Pelo Parecer No. 444/89 de abril de 1989, a Câmara de Ensino e Graduação aprovou a reformulação. Sua proposta curricular passou a compreender a formação geral (humanística e técnica), conhecimentos filosóficos da sociedade e o aprofundamento de conhecimentos específicos da área (FERRARO, 1991, 109-110).

Percebemos então, que a ênfase dada aos aspectos biológicos e físico-esportivos por ocasião da criação do Curso de Educação Física da UCSAL, na nova resolução, passou a dividir as atenções com outros saberes tão importantes e reclamados, além de, minimizar equívocos históricos em que dissociavam atividades destinadas às mulheres e aos homens. A Resolução 03/87 possibilitou ainda, uma flexibilidade curricular muito

importante para aquele momento, transferindo a responsabilidade do Conselho Federal de Educação para as Instituições de Ensino Superior, no que tange a estruturação curricular, a carga horária do curso, passando para 2.880 horas, cumpridas em tempo mínimo de 4 anos (PIRES, 2008).

Tais aspectos contribuíram para que a estrutura curricular do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA, implantado em 1987, fosse considerada uma das propostas mais inovadoras na formação em Educação Física no Brasil, ao ponto do Colegiado do Curso de Educação Física receber o convite da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP para participar do I Simpósio Nacional sobre a Reforma Curricular, em Julho de 1988, e assim, discutir a configuração curricular do Curso de Educação Física da UFBA. Na ocasião foram representando o Colegiado do Curso, os professores Alcyr Naidiro Fraga Ferraro e Hélio José Bastos Carneiro de Campos, quando foram destacados os seguintes aspectos: a concepção do professor de Educação Física, o currículo com o segmento epistemológico, segmento do contexto, totalidade da práxis pedagógica, os fluxograma, quadro com estudos optativos, carga horária e créditos (FERRARO, 1991).

Eis que a grade curricular do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, com os créditos e carga horária por disciplina, se apresentava da seguinte forma:

### QUADRO 3. GRADE CURRICULAR, CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS

1º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Anatomia I	60	03
Bases Biológicas do Desenvolvimento Humano	75	04
Introdução a Filosofia	60	03
Introdução a Sociologia	60	04
Rítmica	60	03
Voleibol I	60	03

  

2º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Atletismo I	90	04
Cinesiologia da Dança I	60	04
Dimensão Estética da Educação	90	05
Fisiologia I	60	04
Ginástica	105	05
Sociedade e Educação	90	05

  

3º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Basquetebol I	60	03
Educação e Identidade Cultural	60	03

Fisiologia do Exercício	90	04
Fundamentos da Alimentação e Nutrição	45	03
Fundamentos Psicológicos da Educação	90	04
Ginástica Rítmica Desportiva I	60	03

4° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Aprendizagem, Desenvolvimento Humano e Educação	90	04
Capoeira I	60	03
Currículo	60	04
Futebol I	60	03
Ginástica Escolar	75	04
Natação I	90	04

5° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Filosofia e Educação	60	04
Ginástica Especial	60	03
Handebol I	60	03
Organização Educação brasileira II	60	03
Recreação I	75	04
Socorros de urgência II	60	03

6° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Didática I	120	05
História da Educação Brasileira	60	03
Medidas e Avaliação da Educação Física	60	04
Organização e Administração Desportiva	60	03
Treinamento Desportivo	105	05
Optativa	75	04

7° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Estágio Supervisionado I	180	04
Seminário I	60	03
Optativa	75	04
Optativa	75	04

8° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Eletiva	60	03
Estágio Supervisionado II	120	04
Higiene, Educação e Saúde	60	03

Fonte: PIRES, 2008.

Essa nova estrutura curricular apresentada pelo Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA, apresentava aspectos singulares, sobretudo, pela proposta inovadora na Educação Física Brasileira naquela época, mas, que também traziam equívocos



na compreensão de formação profissional, a partir da visão fragmentada de produção de conhecimento e, conseqüentemente da formação humana, sem refletir criticamente a questão da formação profissional em Educação Física no Brasil, conforme nos apontou Santo (2004):

Ao me deparar com o currículo prescrito na UFBA e com a forma com que os professores das disciplinas chamadas de técnico-desportivas tratavam o conhecimento, foi uma grande decepção. Esse currículo prescrito, apesar de ter uma fundamentação teórica avançada, tinha e tem até hoje uma estrutura de disciplinas não muito diferente da Escola em que eu me graduei, final da década de 70, e alguns professores mantinham uma metodologia de ensino semelhante àquela dos professores do meu tempo, o que apontava para uma desarticulação entre o marco conceitual e o elenco de disciplinas (p. 19).

Diz, ainda, o autor que,

Do ponto de vista teórico, isso significava um atraso absurdo, haja vista o que já se tinha produzido até aquele momento sobre formação em Educação Física no País. Basta ver que as produções da década de 80 traziam questionamentos e apontavam grandes contradições presentes nos cursos de formação, na perspectiva de encontrar caminhos para a superação dessas contradições (SANTO, 2004, p. 19).

É importante ressaltar, que o processo de formação em Educação Física dos professores idealizadores dos primeiros Cursos da Bahia, se deu, pela vivência que esses profissionais tiveram na fase escolar com os esportes, além da influência exercida pelos seus professores/técnicos durante as aulas de Educação Física escolar, onde podemos inferir que estes fatores foram fundamentais e motivadores para busca de tal formação, favorecendo que egressos da ENEFD, idealizassem e montassem os primeiros cursos em terras baianas nas décadas de 1970 e 1980, levando em consideração as influências do modelo e concepção de Educação Física de outrora, onde acreditamos que tenha sido o maior equívoco.

Outro aspecto que pode ter contribuído para a implantação desses cursos sem análises mais criteriosas no que tange aos currículos e os encaminhamentos metodológicos das disciplinas, se refere à burocratização políticas do Estado da Bahia, propiciando atrasos na formação em Educação Física e, dessa forma, o desejo de ter, desconsideravam aspectos relevantes para uma melhor qualificação desses Cursos. Todavia, o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA apresentou alguns avanços em relação ao Curso da UCSAL, especialmente, pelo fato de ter sido constituído na Faculdade de Educação – FACED, possibilitando diálogos com outros profissionais da área de Educação, inclusive, durante os momentos de reestruturação curricular das licenciaturas (SANTO, 2004; PIRES, 2008).

A despeito de todos os aspectos ora citados e, que, provavelmente causaram desconfortos e desencontros de cunho pedagógico, pelas relações complexas estabelecidas na estrutura na FACED, o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA apontou avanços significativos para formação profissional, a partir das releituras do processo em que a Educação Física passa a vivenciar doravante aos debates ocorridos em nível nacional na década de 1980, superando os paradigmas existentes, que restringiam as discussões da área aos aspectos físicos e técnicos. Vale ressaltar, que essa nova roupagem estabelecida no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA influenciou as discussões nos demais Cursos, em especial, os que foram implantados nas Universidades Estaduais no Estado da Bahia, conforme veremos a seguir.

### 2.2.3 Expansão dos Cursos de Educação Física na Bahia: a caminho do interior

A expansão dos Cursos de Educação Física no Estado da Bahia se deu com mais ênfase a partir da década de 1990, especialmente, devido ao processo de desburocratização do Sistema Educacional por parte do Governo Federal. Lógico que esse processo de flexibilidade que propiciou o surgimento de novas Instituições de Ensino Superior – IES e, conseqüentemente de cursos por todo Brasil, não se configurou de maneira simples.

Na verdade, havia a necessidade e, em caráter de urgência, de adequar à política educacional no Brasil às exigências da política internacional, “como condição/imposição para o refinanciamento da dívida externa nacional” (CAPELA,1997, p.5). Dentre as transformações que a política educacional brasileira necessitava experienciar e, que possibilitariam a estruturação e organização da educação superior, os aspectos jurídicos eram fator preponderante para essas mudanças, necessitando de releituras da lei vigente e readequações para uma nova lei, com intuito de favorecer o crescimento em número de Instituições de Ensino Superior – IES no Brasil, por conseguinte, a oferta do número de cursos e vagas.

Daí, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9394/96), alguns aspectos intrínsecos a essa lei foram pensados, propiciando essa expansão, conforme nos apontaram Andrade e Verhine (2011):

No bojo dessas transformações estão algumas questões presentes nos debates internacionais sobre a educação superior: a preocupação com a ampliação da demanda e expansão, seus objetivos e funções, as tecnologias de informação e o papel da universidade na sociedade do conhecimento, a integração entre

o ensino e a pesquisa; a qualidade, a eficiência, a equidade e a competitividade dos sistemas; as mudanças nos perfis profissionais a serem formados pela universidade; a necessidade da formação continuada e permanente, a relação das instituições com o Estado e os setores produtivos, o financiamento da educação superior, dentre outros (ANDRADE; VERHINE, 2011, p.1).

As mudanças conferidas pela nova lei foram estabelecidas em consonância com as orientações dos organismos internacionais, corroborando para que alguns princípios fundamentais fossem enfatizados, favorecendo a expansão da Educação Superior no Brasil. Dentre os princípios enfatizados nessa lei, a descentralização de poder entre o Governo e as Instituições de Ensino Superior, são destacados no Art. 53º da LDB 9394/96, que versa sobre o exercício da autonomia universitárias, assegurando às Universidades a criação, organização e extinção, em sua sede, de cursos e programas de educação superior, obedecendo as normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino (BRASIL, 1996).

Outro aspecto a ser destacado, se refere a coexistência de instituições públicas e privadas de ensino, propiciando a expansão de instituições de iniciativas privadas no mercado educacional, sendo preponderante para os destinos do ensino superior na sociedade brasileira, cabendo à União o papel fundamental de coordenar, avaliar e zelar pela qualidade da educação superior. Portanto, pensando assim:

A flexibilidade das orientações legais propiciará a expansão das oportunidades educacionais para a criação de novas instituições de ensino superior privadas em todas as regiões do país. No final da década de 1990 existiam 1.097 IES, das quais 82,49% eram privadas e apenas 17,5% estavam na categoria pública. No final de 2008, o Censo da Educação Superior apresentou um crescimento de 105,3% em relação ao final da década de 1990 no total de IES no Brasil. No setor público, o índice de crescimento foi de 22,9%. As instituições federais tiveram uma grande contribuição nesse indicador, visto que no final da década de 1990 existiam 60 instituições federais no país e, no final de 2008, esse número já representava 93 instituições, um aumento de 55%, principalmente a partir do ingresso do governo Lula. O setor privado, por sua vez, responsável pelo maior número de matrículas, teve o melhor desempenho, garantindo um crescimento de 122,7% no número de IES no mesmo período (ANDRADE; VERHINE, 2011, p.2).

No que tange ao contexto da Educação Superior na Bahia, o Estado, acompanhou as tendências nacionais, sobretudo, nos aspectos da organização, expansão, diversificação e oferta, com tendência à interiorização das Instituições de Ensino Superior de responsabilidade estatal, com ofertas diversificadas de cursos superiores em todas as regiões a partir da década de 1990. Segundo nos indicaram Andrade e Verhine (2011):

A oferta diversificada dos cursos superiores na Bahia, acompanhando os indicadores nacionais nos primeiros anos do século XXI, mantém a tendência de crescimento dos anos 1990. Em relação à década de 1990, em 2008 constatamos uma evolução de 197,6% no número de IES e de 204,6% no número de matrículas. O setor privado apresentou um crescimento mais expressivo no mesmo período: 227,7% no número de IES e 428,8% no número de matrículas. Na distribuição por categoria administrativa, o Censo da Educação Superior de 2008 apresentou um total de 125 instituições: 2,4% federais, 3,2% estaduais e 94,4% privadas (p.3).

Em relação à Educação Física, observamos que a oferta de cursos na referida área, teve crescimento significativo nos períodos compreendidos entre o ano de 1997 até o final da primeira década do Século XXI, sobretudo, a partir de 2002. Durante esse período ocorreu o processo de interiorização de Cursos de Formação em Educação Física, principalmente, ofertados por instituições públicas estaduais. Todavia, havia uma demanda reprimida dessa formação no interior da Bahia, favorecendo a concentração da maioria dos estudantes na capital e região metropolitana do Estado, devido à expansão da rede privada de ensino, representando naquele período cerca 71% da oferta de vagas nos Cursos de Educação Física em todo Estado da Bahia (PIRES, 2008).

A evolução quantitativa e significativa do número de cursos de formação profissional em Educação Física impulsionaram crescimentos fabulosos no número de matrículas no Estado da Bahia, em especial, pela necessidade de qualificação para o ingresso no mercado de trabalho, mediante aos dispositivos legais do Plano Decenal de Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica e a própria LDB 9394/96.

É importante frisar que, apesar da década de 1990 se configurar de maneira representativa para a formação em Educação Física no interior da Bahia, registramos na cidade de Ibicaraí, região sul do Estado da Bahia, o primeiro curso de Educação Física do interior do Estado, oferecido pela Faculdade Montenegro, de iniciativa privada, criada nos idos de 1989. Contudo, a relevância desse processo de interiorização foi notadamente de responsabilidade das Universidades Públicas Estaduais, conforme nos apontou Pires (2008):

[...] podemos considerar, em grande medida, que a afetiva expansão e consequente interiorização da Formação Profissional em Educação Física na Bahia foi consolidada pelas Universidades Públicas Estaduais. Portanto, em ações que pareciam articuladas, todas as Universidades Estaduais baianas, na sua grade de oferta, mobilizaram-se a partir da segunda metade da década de 1990 para a criação de Cursos de Formação de professores de Educação Física (p.115).

A relevância dos Cursos de Educação Física criados em meados da década de 1990 favoreceram o crescimento considerável de profissionais com tal formação no início do Século XXI, minimizando carências históricas dessa área de conhecimento. Nesse processo, em 1997, são implantados o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Jequié, locus de nossa formação acadêmica, e o Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, na cidade de Feira de Santana.

A disposição das Universidades Estaduais supracitadas em criar o curso dessa natureza, impulsionou a crescente expansão de novos cursos de Educação Física pelas Instituições de Ensino Superior do Estado, fato constatado em 1999, com a implantação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na cidade de Guanambi; a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, em 2004, implantou o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física em sua estrutura, contemplando as cidades de Ilhéus a Itabuna. No ano de 2005, dois novos cursos de Licenciatura em Educação Física foram criados nas cidades de Jacobina e Alagoinhas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e, posteriormente, em 2014, na cidade de Teixeira de Freitas, pela mesma instituição.

Enfatizamos ainda, que além dos cursos regulares, criadas pelas Instituições Públicas e Privadas citadas anteriormente, o Estado da Bahia superou a marca de 03 (três) cursos existentes até o final da década de 1990, atingindo em 2014 o número surpreendente de 77 (setenta e sete) Cursos de Educação Física, sendo que 70 (setenta) desses cursos na modalidade presencial e 07 (sete) cursos a distância. Desse total, 49,35% são oferecidos por instituições públicas, tendo a licenciatura enquanto única opção de formação e 50,65% por instituições privadas, com a opção de 51,28% pela licenciatura enquanto formação profissional e 48,72% a opção pelo bacharelado. Ressaltamos ainda, que, muitas das Instituições de Ensino Superior de natureza jurídica privada, oferecem as duas opções de formação (INEP, 2015).

Nesse cenário, percebemos o destaque da Universidade do Estado Bahia – UNEB na oferta de Cursos de Formação em Educação Física, sobretudo, em relação às demais instituições de natureza jurídica pública, conforme apresentaremos a seguir, em quadro de distribuição de Cursos de Formação em Educação Física por municípios que possuem campi da referida instituição, bem como, a modalidade de cursos:

**QUADRO 4. DISTRIBUIÇÃO DE CURSOS NOS CAMPI DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

<b>Nº CURSOS</b>	<b>MUNICÍPIOS/CAMPI</b>	<b>MODALIDADE</b>	
01 Curso	Vários Municípios	A Distância	
02 Cursos	Alagoinhas	Presencial	Contínuo
			Plataforma Freire
02 Cursos	Barreiras	Presencial	Plataforma Freire
01 Curso	Bom Jesus da Lapa	Presencial	Plataforma Freire
01 Curso	Euclides da Cunha	Presencial	Plataforma Freire
01 Curso	Eunápolis	Presencial	Plataforma Freire
03 Cursos	Guanambi	Presencial	Contínuo
			Plataforma Freire
			Plataforma Freire
03 Cursos	Irecê	Presencial	Plataforma Freire
03 Cursos	Itaberaba	Presencial	Plataforma Freire
03 Cursos	Jacobina	Presencial	Contínuo
			Plataforma Freire
			Plataforma Freire
01 Curso	Juazeiro	Presencial	Plataforma Freire
02 Cursos	Lauro de Freitas	Presencial	Plataforma Freire
01 Curso	Salvador	Presencial	Plataforma Freire
02 Cursos	Seabra	Presencial	Plataforma Freire
01 Cursos	Senhor do Bonfim	Presencial	Plataforma Freire
02 Cursos	Serrinha	Presencial	Plataforma Freire
02 Cursos	Teixeira de Freitas	Presencial	Contínuo
			Plataforma Freire
Total de 31 Cursos	16 Municípios/Campi	02 Modalidades	

Fonte: INEP, 2015

A partir da análise deste quadro, podemos inferir que a UNEB no ano de 2014, disponibilizou 31 (trinta e um) Cursos de Formação em Educação Física, ou seja, 40,26% dos cursos ofertados no Estado da Bahia, distribuídos em 16 (dezesesseis) campi, dos quais 96,77% na modalidade presencial e 3,23% na modalidade à distância.

É importante salientar que nos dados apresentados no que tange a modalidade presencial, apenas os campi da UNEB instalados nos municípios de Alagoinhas, Guanambi, Jacobina e Teixeira de Freitas oferecem cursos regulares contínuos, e os demais campi os cursos disponibilizados são ofertados através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Plataforma Freire, criado pelo Ministério da Educação, para contemplar os professores que estivessem efetivo exercício do magistério público (INEP, 2015).

A criação dos Cursos de Educação Física pelas Universidades Estaduais da Bahia, nos possibilitou destacar dois aspectos que nos chamaram atenção e que acreditamos serem relevantes para refletirmos sobre a opção de formação profissional adotada por essas instituições, quais sejam: o primeiro aspecto se refere a opção pela licenciatura enquanto formação, subentendendo que os egressos deveriam estar aptos para atuar na qualidade de

docentes desse componente curricular na educação básica, mesmo que os cursos implantados a partir do ano de 2004 tenham tido na Resolução nº 7, de 31 de março de 2004, a opção pela graduação ou bacharelado enquanto formação; e o segundo aspecto está relacionado a adoção desse projeto de formação profissional, e neste sentido, recorreremos a Pires (2008) quando ressaltou em seus estudos que após:

[...] análise dos projetos de criação dos cursos de Educação Física das Universidades Estaduais baianas, podemos observar que na UESB, UEFS, UNEB e UESC, todos eles, em maior ou menor medida, assumem a continuidade de um perfil de formação iniciado na Bahia pelo Curso de Educação Física da UFBA. Esse resultado, a nosso juízo, é fruto de uma combinação de fatores, quais sejam: abrigarem-se em uma estrutura pública de ensino, sobretudo em um ambiente universitário: contar com professores (concurados) egressos do Curso da UFBA, o que favoreceu uma orientação parecida com a formação recebida; estarem orientados pela mesma legislação referente à formação profissional em Educação Física no Brasil, 03/87, e pelas Diretrizes Nacionais; na elaboração dos seus projetos, consultorias dadas por professores do quadro docente da UFBA (p. 118).

Evidentemente que os momentos vivenciados pelo Curso de Educação Física da UFBA durante a criação e conseqüentemente, pelos seus docentes e discentes, coincidiram com os momentos de grande efervescência nas discussões e reflexões sobre a Educação Física brasileira durante a década de 1980, acima de tudo, nos aspectos sócio-históricos e políticos vivenciados pela sociedade brasileira, que de certa forma, refletiam nos aspectos teórico-metodológicos das diversas áreas de conhecimentos, mas, sobretudo, na área de Educação Física, que assumia discursos e práticas de acordo com a ordem vigente.

Os reflexos desse processo favoreceram que releituras fossem feitas sobre a Educação Física, na tentativa de superação dos equívocos históricos cometidos, propiciando o aumento considerável de produção acadêmica e científica na década de 1990, estimulando que as universidades repensassem seus currículos, para além dos conteúdos/conhecimentos a serem enfatizados, mas, principalmente, para os aspectos teórico-metodológicos incorporados, contribuindo para posicionamento mais crítico diante da realidade acadêmica e social.

Percebemos então, que os primeiros Cursos de Licenciatura Plena em Educação Física que surgem após o Curso da UFBA, em especial, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, sofreram influências em um determinado momento de suas histórias, da formação do Curso de Educação Física da UFBA, tendo em seus quadros funcionais, a maioria de docentes egressos da UFBA,

[...] reivindicam para si a condição de ser crítico, emancipatório e criativo, adotando em certa medida a história como matriz de referência, procurando

sintonizar a Educação Física, o esporte e o lazer com as problemáticas significativas de pesquisa e de demandas das comunidades (PIRES, 2008, p.118-119).

Destacamos nesse processo, o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié, lócus de formação acadêmica da maioria dos atores sociais, professores de Educação Física que compuseram o universo deste estudo e, assim, se fez necessário recorrermos primeiramente a nossa memória, por acreditarmos que “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2003, p.29).

Neste sentido, observamos que o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, fora constituído baseado em projeto de formação profissional cujo objetivo era e, acreditamos que ainda seja, habilitar seus educandos e educandas para exercício de suas funções educadoras, prioritariamente, na área formal (Educação Básica e Superior), mas, também, possibilitar o acesso a conhecimentos diversos que permitissem à atuação na área não formal (academias, condomínios, associações desportivas, clínicas e clubes).

Naquele período, alguns aspectos foram fundamentais e, que acreditamos ter contribuído para criação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, dos quais destacamos dois: o primeiro, reivindicado pelo mercado de trabalho em relação à formação profissional de Educação Física, em especial, no âmbito das Instituições de Ensino da Educação Básica de naturezas jurídicas públicas e privadas, apresentando o quadro funcional constituído, em sua maioria, por professores leigos. Portanto, havia a necessidade de qualificação desses e de outros tantos profissionais para atuarem nesse mercado; e o segundo, a aceitabilidade da comunidade jequeense à prática desportiva, fato evidenciado na participação de grandes públicos nos diversos eventos esportivos desenvolvidos na cidade, em especial, as diversas edições dos jogos escolares, denominado de Jogos e Recreações, iniciado na cidade de Jequié na década de 1970 e, que pode ter sido semelhante a criação de muitos cursos em nível nacional.

É importante salientar, que a implantação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB se deu em meio aos aspectos supracitados, mas, sobretudo, para cumprimento do LDB 9394/96 e Plano Decenal de Educação. Todavia, o Curso de Educação Física da UESB foi criado sem as mínimas condições necessárias para funcionamento, quais sejam: 1) Formação do Corpo Docente – naquele período, o campus da UESB em Jequié possuía apenas dois professores concursados, com formação na área de Educação Física, necessitando a abertura de processo de seleções e concursos públicos, para preenchimento do



quadro de vagas do curso, para lecionarem as disciplinas específicas da Formação Profissional em Educação Física, em especial, durante o processo de formação da primeira turma, fator dificultado pela burocracia governamental; 2) Estruturas Físicas – a inexistência de estruturas físicas (ginásio de esportes, piscinas, laboratórios), dificultava a realização das vivências práticas necessárias, para a formação na referida área de conhecimento; 3) e por fim, o acervo bibliográfico – a estruturação da biblioteca, no que tange, a título e periódico, direcionado à área de conhecimento da Educação Física era inexistente, além da escassez de referências bibliográficas na área das Ciências Biológicas, que contemplasse a disciplinas do tronco comum a outros cursos de formação ofertados no campus de Jequié.

Os aspectos ora mencionados, foram motivos de muitas reivindicações por parte dos discentes durante os quatro primeiros anos de funcionamento do curso, favorecendo a melhoria da estrutura do curso, com abertura de seleções públicas e posteriormente, concursos públicos para as vagas do magistério superior; com a construção de estrutura física e aquisição de equipamentos que possibilitassem a materialização dos conhecimentos discutidos teoricamente; a aquisição de títulos e periódicos, melhorando o acervo bibliográfico; e o investimento posterior, na qualificação do corpo docente que saíam para Mestrado e Doutorado.

No que se refere a proposta curricular do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB apresentou, conforme Pires (2008):

[...] o rompimento entre teoria e prática na formação, na medida em que se pensava o estágio como eixo articulador do currículo e não como produto final do Curso. As disciplinas estão dispostas muito mais para a abordagem dos aspectos teórico-metodológicos, expressando teoricamente os sentidos e significados, e não mais só instrumentalização técnica (p.119).

Destacamos que a disposição das disciplinas na grade curricular do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, principalmente, nos três primeiros semestre, favoreceram consistência nas discussões sobre os aspectos históricos, filosóficos e sociológicos, contribuindo para melhor compreensão do processo educacional em que a Educação Física estava, e acreditamos que ainda esteja inserido na realidade brasileira. Para tanto, a grade curricular do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, com os créditos e carga horária por disciplina, estavam dispostos da seguinte forma:

**QUADRO 4. GRADE CURRICULAR, CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS**

1º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Biologia Geral	60	03

História da Educação I	60	03
Introdução a Filosofia	60	04
Introdução a Sociologia	60	04
Português Instrumental	75	03
Psicologia da Educação I	60	03

2° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Anatomia	60	03
Estrutura e Funcionamento do Ensino dos 1° e 2° Graus	75	04
Filosofia da Educação I	60	03
História da Educação Física	75	04
Metodologia da Iniciação Científica	60	03
Psicologia da Educação II	75	04

3° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Didática	75	04
Educação Física Escolar	75	04
Fisiologia humana	60	03
Psicomotricidade	75	04
Recreação e Lazer	60	03
Sociologia da Educação I	60	03

4° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Cinesiologia	60	03
Educação e Sociedade	60	03
Fisiologia do Exercício	60	03
Metodologia do Atletismo	75	04
Metodologia do Desporto	60	03
Metodologia do Voleibol	75	04

5° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Antropologia Cultural	60	03
Metodologia do Basquetebol	75	04
Metodologia da Capoeira	75	04
Metodologia do Futebol	75	04
Metodologia da Natação	75	04
Métodos e Técnicas da Pesquisa Científica	60	03

6° SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Educação Física para Deficientes	90	05
Estágio Supervisionado I	135	04
Metodologia da Atividade Física	60	03
Metodologia do Handebol	75	04
Metodologia da Ginástica Rítmica Desportiva	75	04
Seminário I (Monografia)	60	03

7º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
Atividade Física na 3ª Idade	45	02
Estágio Supervisionado II	135	04
Medidas e Avaliação no Ensino da Educação Física	75	04
Optativa I	60	03
Organização Desportiva	75	04
Primeiros Socorros	60	03

8º SEMESTRE		
Disciplina	Carga Horária	Créditos
A Práxis no Currículo	60	03
Estágio Supervisionado II	135	04
Optativa II	60	03
Optativa III	60	03
Seminário II (Monografia)	60	03

Fonte: UESB, 1996.

Objetivamente, o fluxograma da forma disposta acima, deixava clara a opção de fortalecimento da docência enquanto possibilidade de intervenção profissional em diversos campos de atuação, mas, sobretudo, no âmbito escolar. Então, a importância da descrição desse percurso histórico, nos revelou as motivações e visões de formação apresentadas desde as primeiras iniciativas de criação do Curso de Educação Física no Estado da Bahia até a implantação do Curso na UESB e, assim, percebermos o percurso e o currículo de formação profissional em diferentes momentos, possibilitando compreendermos em quais cenários foram pensados e implantados as escolas de formação dos nossos atores sociais, professores de Educação Física, participantes desta pesquisa, que contribuíram com suas memórias, para que melhor estendêssemos as opções por tal formação.

A importância de trazer a esse estudo reflexões acerca da história de criação dos Cursos de Formação Profissional em Educação Física no contexto baiano, nos possibilitou compreender o cenário escolar em que os professores de Educação Física vivenciaram na fase de escolarização e, assim, estabeleceram suas primeiras aproximações com a referida área; as visões que persistiam da Educação Física nos períodos de criação dos cursos, captando as influências sofridas pelas Instituições Superiores na Bahia, para que possamos perceber no segundo momento, a opção de formação e atuação.

Nesse sentido, na segunda parte deste estudo, apresentamos as nossas fontes orais, professores de Educação Física que estão em efetivo exercício da regência na Educação Básica, no município de Jequié, na tentativa de compreender suas histórias de vidas, analisando três aspectos fundamentais: a aproximação com a Educação Física durante a fase

escolar; a visão que persistia durante o período de escolarização; e os porquês da opção pela Formação Profissional em Educação Física.

### 3 DAS HISTÓRIAS VIVIDAS ÀS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

#### 3.1 PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REMINISCÊNCIAS INICIAIS

As reflexões contidas neste tópico são frutos das entrevistas concedidas pelos professores de Educação Física, atores sociais que nos aproximamos com intuito de extrairmos das histórias de vidas desses atores, vestígios de fatos e acontecimentos vivenciados no passado, que nos permitissem perceber suas trajetórias sociais.

Foram estabelecidos contatos com os professores, definindo do local e dia para a realização da entrevista. Iniciamos as entrevistas, solicitando dos professores entrevistados, o consentimento para o uso das informações contidas nas entrevistas, inclusive dos seus nomes para fins de pesquisa. Tais consentimentos eram gravados, além desses professores, assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. Realizamos uma primeira entrevista para testar o instrumento, onde optamos por uma narrativa livre, por possibilitar uma aproximação às memórias individuais dos atores sociais em questão.

O primeiro ator social que nos aproximamos foi o professor Luciano Meira Del Sarto, que nos concedeu entrevistas em dois momentos: a primeira em 06 de abril de 2014 em sua residência, quando realizamos uma entrevista com intuito de testar o instrumento de coleta de dados da pesquisa; e a segunda entrevista, dois meses depois em 08 de junho de 2014, em nossa residência no município de Jequié, quando buscamos complementar informações extraídas do ator social, no primeiro momento.

O professor Luciano Meira, é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Campus de Jequié/Bahia. Nascido em 1972, no município de Salvador e, que por circunstâncias familiares<sup>18</sup>, foi morar aos dois meses de idade em Jequié, município do interior da Bahia, na residência dos avós maternos, sendo criado definitivamente por estes, após o falecimento de sua mãe. Atualmente, exerce suas atividades profissionais em duas Unidades Escolares da Educação Básica, no Colégio da Polícia Militar Professor Magalhães Neto, de natureza jurídica pública estadual e no Colégio Social de Jequié, de natureza jurídica privada.

O professor Luciano Meira Del Sarto teve sua infância enriquecida por brincadeiras variadas desenvolvidas com seus irmãos e amigos, em ruas próximas a sua residência. Sobre sua infância, relata:

---

<sup>18</sup> Durante a entrevista o Professor Luciano Meira Del Sarto relata que foi criado pelos avós, porque a mãe não pôde criá-lo.

[...] mas, na minha época de infância costumava jogar futebol na Avenida Rio Branco, minha casa é onde é o Boulevard 384 e ali tinha uma garagem que a gente fazia de trave, então a gente jogava bola ali, brincava ali, brincava muito de polícia e ladrão, da Avenida Rio Branco até o posto Maringá, pegando até o viveiro, toda aquela parte de cima de bicicleta, é..., basicamente as brincadeiras eram essas, de bicicleta, bola, às vezes íamos para o clube, às vezes não, com uma certa frequência íamos para o clube, jogar..., bola, nadar. [...] esqueci de informar também, a gente brincava às vezes de se esconder, ali na..., na rua, e com o tempo surgia, às vezes, a gente brincava, com o tempo, skate, quando a gente estava um pouquinho maior, um skate mais simples, tal, que era o que se utilizava na época. Na época não tinha ainda a questão do videogame, videogame era um que se instalava na televisão com dois pontinhos, que ficava mexendo pra cima e pra baixo, e era caro, nem todo mundo tinha condições de ter aquele jogo, então, nós nos prendíamos muito as brincadeiras de rua, como falei, ao futebol, a bicicleta (SARTO, ano).

Percebemos no relato acima, que havia uma diversidade de brincadeiras desenvolvidas durante a fase da infância do nosso ator social, e que na sua maioria retratavam aspectos da vida cotidiana, ou seja, durante o desenvolvimento da infância, as informações apreendidas pelas crianças do mesmo convívio social, eram materializadas na forma de brincadeira, sendo que tais aspectos eram reproduzidos de maneira lúdica. Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a distinção feita pelo ator social entre brincadeira e jogo, sendo que a brincadeira traduzia uma realidade social, o jogo se refere à constituição de elemento da cultura corporal<sup>19</sup> que fazia uso de bola e, que não traduzia a realidade concreta, mas, que ganhava um caráter competitivo, mesmo que distantes dos ditames do esporte de rendimento.

Interessante notarmos que o jogo traduzia para o ator social citado acima, em um conjunto de traços correlatos a competição e com funções culturais também semelhantes, não ficando explícito na narrativa, pelo seu caráter lúdico, porém, perceptível para nós, pela diferenciação que o mesmo faz entre brincar e jogar ao se referir às atividades desenvolvidas. Portanto, reconhecer a importância do jogo, e aqui incluímos as brincadeiras infantis enquanto parte intrínseca do jogo é percebê-los além dos limites físicos e, sim, tornar-se capaz de captar a essência desse elemento constituinte dos hábitos e costumes de determinada população. Neste sentido, recorreremos a Huizinga (1999, p. 6) quando afirma que “reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa, mesmo no mundo animal, os limites da realidade física”.

A partir das relações estabelecidas no convívio social em que as brincadeiras e jogos são fundamentais para o desenvolvimento social e intelectual, o indivíduo passa desvelar outros espaços que vão se configurar em conquistas, e a escola se caracteriza em uma dessas

<sup>19</sup> Termo utilizado no Livro Metodologia do Ensino da Educação Física de autoria de Castellani Filho et al (2009), para atribuir a toda atividade física e, que neste estudo atribuímos aos jogos e o esporte.

conquistas. Para o professor Luciano Meira Del Sarto não foi diferente, ingressando em instituições educacionais entre final da década de 1970 e início da década de 1980, iniciando seu processo de escolarização, a princípio na rede privada e, posteriormente, em escolas da rede pública, vivenciando a princípio, experiências que reproduziam os hábitos e costumes do cotidiano social. Vejamos no fragmento da entrevista abaixo, a narrativa em que o referido ator social afirma tal fato:

Eu estudei na... na... no Mundo Infantil, que também ficava próximo de minha casa. [...] final da década de 70, início da década de 80, estudei todo esse período lá [...] que é quando fomos para, quando nós fomos, quando eu fui para escola, no caso, já na..., 3º, 4º, 5º, 6º ano, nós permanecemos com essas mesmas brincadeiras, assim, nós não utilizávamos videogame, nada disso, era basicamente brinquedo, brincadeira de bicicleta na rua, futebol, quando chega na... no... nos meus onze, doze anos, que eu fui para 5ª série antiga, hoje sexto, aí no Colégio Polivalente, passei a jogar voleibol, treinar voleibol, nas aulas de Educação Física, com o professor Valfredo Dórea, e a partir dali, me tornei um jogador de voleibol aqui da cidade, dali fui para o CAP no 8º ano, não desculpas, fui para o IERP, depois para o CAP e retornei depois para o Polivalente, onde eu encerrei meus estudos lá, no ensino médio (SARTO, 2014).

A importância do ato de brincar se configurou em fator essencial para esse ator social, pois foi através das vivências lúdicas que ele experimentou situações diversas, que se expressaram no desenvolvimento físico e cognitivo, em uma intensa relação que propiciaram conquistas individuais e coletivas, enfatizada intensamente até o terceiro ciclo do ensino fundamental, quando este inicia uma nova etapa nas aulas de Educação Física, norteadas pela prática do esporte.

Naquele período, as discussões em torno da Educação Física escolar eram limitadas aos aspectos físico-esportivos e a ginástica, com ênfase maior à prática esportiva, sobretudo nas escolas de ensinos fundamental e médio, localizadas no município de Jequié/Bahia, reduzindo essa abordagem as modalidades de quadra convencionalmente praticados, quais sejam: basquetebol, futsal, handebol e voleibol. No caso específico do professor Luciano Meira Del Sarto, a modalidade de voleibol se constituiu enquanto opção desportiva a partir dos 11 anos de idade, quando este ator ingressa no 3º ciclo do ensino fundamental. Essa vivência do esporte na escola foi enfatizada no fragmento abaixo, da entrevista concedida pelo professor Luciano Meira Del Sarto no segundo momento, em 08 de junho de 2014, em nossa residência:

[...] na escola, nós tínhamos aula de Educação Física, e a aula de Educação Física na escola, era basicamente futebol, naquela época, por volta do final de 70, início dos anos 80, e, então gostava de futebol, eh... bater os babas, jogava muito no Jequié Tênis Clube, e só que quando cheguei no..., no

Polivalente, já na 5ª série, que hoje é sexto ano, como falei teve um uma seleção, pra que a gente pudesse tá participando das modalidades esportivas, e o que me levou a optar, a jogar eh... voleibol, a treinar voleibol, fiz o teste, passei, vim ser atleta de voleibol, foi a questão que, quando estava jogando bola, sempre tinha aquelas pancadas, eu detestava, cansei, que terminava brigando, então, para evitar determinadas situações, eu botei na cabeça, não vou jogar futebol e passei a jogar voleibol, e terminei me apaixonando pelo esporte, e ai vim jogar eh... pelo colégio que eu estudei, colégio Polivalente, porém, antes de jogar pelo Polivalente, apesar de ter começado a treinar no Polivalente, com o Professor Valfredo, o primeiro colégio que joguei foi o IERP, eu saí do Polivalente e fui para... para o Instituto de Educação Régis Pacheco (SARTO, 2014).

A ênfase dada ao esporte na década de 1980 nas escolas do município era muito grande, em virtude da participação das unidades escolares em eventos realizados na cidade, e talvez tenha sido o aspecto que motivou a inserção do ator social em questão no ambiente esportiva de forma espontânea, e sem influências de outros atores sociais, conforme narrativa abaixo:

Isso aconteceu por volta de 87, mais ou menos, foi a primeira vez que eu joguei voleibol. [...] não tinha colega nenhum que jogava voleibol, não conhecia ninguém que jogava voleibol, como falei, no colégio existia testes, e... eu vi algumas pessoas jogando lá, eu falei:” poxa, gostei daquele esporte, deixa eu vê como é” e fui para o teste, e o professor achou que eu tinha condições de, de, de passar a treinar voleibol, mas, não tive influência de parentes ou amigos, porque todas as pessoas que conhecia jogava futebol. [...] Eh...! Quando eu treinava, e ia participar dos jogos, eh... era caráter competitivo mesmo, nós treinávamos para chegar lá no torneio, na competição que fosse e ganhar, ou seja, nós treinávamos muito com objetivo de ser o primeiro, ser o primeiro colocado, ganhar.<sup>20</sup>

Sobre a influência do esporte nas aulas de Educação Física, esta, deve-se ao fato do status adquirido pelo esporte, enquanto um dos maiores fenômenos sociais surgidos a partir do advento da modernidade em nível mundial, favorecendo que a área de Educação Física se apropriasse desse conhecimento no âmbito escolar, muitas vezes, contrapondo as aulas de ginásticas exaustivamente praticadas sobre os auspícios de militares. Em relação à opção do esporte no âmbito escolar recorremos a Tabora de Oliveira (2001, p. 34-35), quando afirma que:

[...] a opção oficial pelo o esporte no Brasil foi decorrente de um transplante cultural, à medida que o esporte se consolidava como um dos maiores fenômenos de massa contemporâneos e que a pesquisa em esportes começava a ganhar relevo no país a partir da influência dos países desenvolvidos. Assim, o governo promoveu o desenvolvimento da Educação

<sup>20</sup> Extraído da narrativa do professor Luciano Meira Del Sarto em entrevista concedida a este pesquisador em 08 de junho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.



Física escolar nessa perspectiva, reduzindo seu campo de intervenção à prática esportiva de rendimento. Essa perspectiva estaria bem afeita a um processo de colonização cultural, em que pouca ou nenhuma autonomia é conferida à produção e à organização da cultura própria dos países menos desenvolvidos. Isso porque a consolidação do esporte como prática corporal teria implicado aceitar de forma definitiva e unívoca os códigos desportivos e disseminados pelos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, entre outros (SARTO, 2014).

Com base no fragmento ora citado e nos trechos da entrevista concedida pelo professor Luciano Meira Del Sarto, buscamos perceber em narrativas de outros atores sociais, professores de Educação Física, indícios que sinalizem as causas, além das já descritas, para o esvaziamento dos jogos e brincadeiras tradicionalmente desenvolvidos na fase de infância desses atores do contexto escolar.

Outro ator social que tivemos a oportunidade de entrevistar foi o professor Franck Nei Monteiro Barbosa, que nos concedeu entrevista em 14 de julho de 2014, em nossa residência. Sobre o referido ator social, este é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ Campus de Jequié/Bahia. Nascido em 1968, no município de Jequié/Bahia, onde permanece residindo atualmente. O referido professor encontra-se em efetivo exercício da regência, exercendo suas funções profissionais no Colégio da Polícia Militar Professor Magalhães Neto e na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, ambas de natureza jurídica pública estadual. Durante sua infância, acompanhava seu pai em suas aventuras, tanto em atividades de caça e pesca quanto nos campos esportivos, esta última atividade, concentrava maior parte do tempo destinado à atividade de lazer por eles desenvolvida.

Entretanto, foram nos contatos sucessivos com os colegas residentes em casas, localizadas no mesmo logradouro público, em um bairro periférico onde residiam seus pais, que o ator social em questão, constituiu seu repertório de habilidades cognitivas e motoras, construindo e reconstruindo elementos que possibilitassem seu desenvolvimento também no aspecto sociocultural, pela diversidade de atividades lúdicas executáveis por eles, mas, sobretudo, pelas aquelas que eram possíveis realizar, pois as questões de infraestruturas locais, muitas vezes impediam o desenvolvimento de outras tantas atividades lúdicas desenvolvidas naquele momento histórico. Em relação a sua infância, o referido ator social em entrevista concedida para esta pesquisa, explicitou com mais clareza no fragmento abaixo:

[...] morava na casa dos meus pais, no bairro do Joaquim Romão e na rua que eu morava não tinha ainda calçamento, era chão, chão batido e nós, eu e os meus colegas, os amigos da rua, os vizinhos, os quintais também não tinha muro, então os quintais na minha casa e na casa dos meus vizinhos

também não tinha muro, então desde manhã cedo antes de entrar na escola, eu lembro quando eu entrei na primeira escola que eu estudei, eu lembro [...] Bom, mas antes disso a gente brincava muito na rua, eu, meus colegas, meus vizinhos a gente brincava de tudo, de bola, de bicicleta, de peão, de gude, de piculinha, de esconde-esconde, de brincadeiras inventadas por nós também, né? Por exemplo, uma brincadeira que a gente inventou de vira-lata. E o vira-lata era, jogava uma lata, pegava uma lata, montava qualquer tipo de lata, amassava a lata todinha, ela ficava no formato tipo de um disco, né? Meia achatadinha, a lata, então nesse formato ela ia mais longe, então jogava a lata pra longe e quando a lata caía, o pegador tinha que ir pegar a lata e voltar e encontrar quem tava escondido, entendeu? Aí, deu-se o nome, batizou essa brincadeira de vira-lata (risos) aí, mas era muito legal<sup>21</sup>.

O reflexo do ato de brincar nas fases iniciais da vida do entrevistado foi expresso de maneira a demonstrar a imensa amplitude da dimensão dos elementos da cultura popular<sup>22</sup>, em que os jogos e brincadeiras ditavam o tom e os ritmos para o desenvolvimento humano e social, que de maneira quase natural, os significados atribuídos às brincadeiras, demonstravam a sua importância no contexto social em que o mesmo se criou. Além disso, o que percebemos no momento da narrativa, em especial, deste professor, são os momentos de excitação e a fascinação com que as recordações trazidas à sua memória provocaram, talvez a mesma excitação e fascinação que estaria sentindo se o ato de brincar estivesse próximo de acontecer.

A fase da infância que antecede a educação escolarizada tem um tempo relativamente bastante significativo na vida de todas as crianças, mas não duradouro, pois outras possibilidades de aprendizagem surgiam em outros contextos sociais, e com isso, outras atribuições. E nisso não fora diferente para o professor Franck Nei, que iniciou seu processo na educação formal com uma professora e vizinha, em uma escolinha instalada no espaço da residência da educadora, visando propiciar a seus irmãos (da professora) e outras as crianças residentes próximos àquela localidade, pudessem iniciar o processo de alfabetização.

Naquele momento, as brincadeiras tão importantes para o desenvolvimento infantil não deixaram de acontecer em detrimento de outras atividades que surgiram, mesmo quando

---

<sup>21</sup> Extraído da narrativa do professor Franck Nei Monteiro Barbosa em entrevista concedida a este pesquisador em 14 de julho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.

<sup>22</sup> O termo Cultura Popular será utilizado por nós neste estudo para expressar as manifestações produzidas ou reproduzidas por determinada classe social, neste caso, os jogos e brincadeiras produzidos pela classe popular, porém, segundo ABREU (2003:95) “não deverá ser apenas entendida como o conjunto de objetos ou práticas que são originárias ou criadas pelos setores populares”, mas, sim, por tudo aquilo que se apropriam e redefinem os significados de valores, hábitos, atitudes, de qualquer origem nacional, regional ou social”. Ver mais detalhes ABREU, Martha. Cultura Popular, um Conceito e várias histórias. In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

estes adentram o universo da escola oficial<sup>23</sup>, demonstrando a importância dos jogos e brincadeiras da cultura popular no desenvolvimento físico, cognitivo e social durante a fase da infância e pré-adolescência, conforme narrou o professor Franck Nei Monteiro Barbosa no fragmento abaixo:

A gente brincava muito. Brincava de manhã, de tarde, de noite até que chegou o belo dia que nós fomos pra escola realmente sistematizada, né? Digamos, o primeiro ano e eu fiz o meu primeiro ano de escola no Colégio, Escola Reunida João Cordeiro. A Escola Reunida João Cordeiro, ela ficava ali do lado da Igreja Matriz de Jequié, que hoje ela tá até desativada, mas nessa escola João Cordeiro, eu fiz o primeiro, segundo, terceiro e a quarta série. [...] Já entrei aí, eu... eu... eu creio que foi com sete anos de idade que entrei nessa escola, estudei até a quarta série e nessa escola a gente brincava de piculinha, né? Pega-pega e brincava também de bola, de futebol, né? Não era esse futebol de hoje, mas era um futebol de menino, né? Bola de plástico e tal e a gente jogava e, de vez em quando, tinha uma estagiária, quando a gente pegava uma turma com estagiária e a estagiária trazia novas brincadeiras, né? (BARBOSA, 2014).

É interessante percebermos que naquele período, apesar da Educação Física já se encontrar respaldada no art. 7º da Lei 5.692/71, constituída enquanto disciplina obrigatória nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, muitas escolas não possuíam em suas estruturas curriculares a referida disciplina, restringindo os momentos de vivências corporais a ações recreativas, muitas vezes, conduzidas por professores regentes ou estagiários, nos permitindo construir suposições sobre a legitimidade de tal área de conhecimento nesse contexto.

É importante salientar que, independentemente dos encaminhamentos dados para o desenvolvimento das vivências corporais, acreditamos que as atividades lúdicas enfatizadas durante a fase da infância, apontaram relevâncias singulares para o crescimento físico, intelectual e social do professor Franck Nei, possibilitando que este, confrontasse as realidades educativas em diferentes tempos e espaços pedagógicos, sobretudo, a partir do 3º ciclo do ensino fundamental, fase de escolarização em que o acesso a outros bens culturais, em especial, aos esportes e de maneira mais enfática. No fragmento abaixo, extraído da narrativa do professor Franck Nei Monteiro Barbosa, este, narrou que:

[...] com onze anos eu fui pro IERP. Se eu não me engano, com onze anos de idade eu tava na quinta série. Eu fui pro IERP- Instituto de Educação Régis Pacheco e no Régis Pacheco, no IERP eu estudei da quinta série até o terceiro ano do ensino médio. Então todo meu ensino fundamental II, vamos dizer assim, e ensino médio foi no IERP. né? Eh... eu estudei no IERP até o ano de 1987, 88 parece, foi o ano que eu concluí o ensino médio. E no IERP a gente brincava muito, a gente brincava também de pega-pega, que é

---

<sup>23</sup> Sobre escola oficial, estamos nos referindo à instituição educacional regularizada no Sistema Educação.

piculinha e a gente jogava também futebol. Era o esporte que tinha era o futebol, porque naquele tempo quem jogava vôlei era gay... a gente chamava, entre os meninos infelizmente tinha esse preconceito, não aparecia ninguém pra nos ajudar (risos) então a resenha era essa: quem jogava vôlei era gay, então a gente não queria ser gay, ninguém queria jogar voleibol, mas, uma contradição, na época dos jogos, né? Todas as modalidades, a turma toda ia torcer pelo IERP. independente da modalidade que fosse, né? Vôlei, handebol, basquete, futsal, então... são as contradições da vida (BARBOSA, 2014).

A partir do contato com esse outro espaço educacional, a visão se modifica, o brincar que antes se configurava como algo espontâneo e desprovido de estigmas, passa a adquirir novos olhares, descortinados pela cultura esportiva, principalmente pela monocultura futebolística, impregnada pelos valores preconceituosos propagados na época e enfatizado por profissionais graduados em Educação Física e leigos, ou seja, não graduados, que atuavam também com esse componente curricular, reproduzindo a cultura esportiva e com isso, os valores intrínsecos a esse elemento da cultura corporal.

As reflexões trazidas daquele momento histórico por nosso ator social durante sua fase de escolarização exigia, de certa forma, uma atenção especial, pois se tratava de um momento em que o ato educativo se constituía em reproduzir os conteúdos esportivos, sem a devida preocupação de estabelecer reflexões pedagógicas, se limitando “à explicação das técnicas e ao desenvolvimento de habilidades, objetivando o exercício e o domínio por parte dos alunos.” (CASTELLANI FILHO et al, 2009, p. 29).

Salientamos que naquele período, início da década de 1980, na instituição educacional citado pelo ator, apenas dois profissionais possuíam graduação em Educação Física e, esses profissionais, foram graduados pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL, o que não nos causou estranheza a ênfase dada ao esporte, pois havia o predomínio de disciplinas desportivas no currículo do curso da UCSAL, conforme sinalizamos no capítulo anterior, caracterizando a concepção de Educação Física trazida por esses docentes para o contexto escolar.

A partir dessas reflexões, passamos a analisar outras narrativas concedidas pelos professores de Educação Física que compuseram o universo deste estudo, na tentativa de encontrar indícios que coadunem com o pensamento dos atores sociais ora citados, sem perder de vista a duração do tempo em que essas lembranças se tornaram mais nítidas, mas, cientes que estas lembranças não reconstituíram fatos do passado, pois:

A condição da memória, ou melhor, da forma da memória é tal, que só é verdadeiramente atuante e psíquica e não se confunde com o mecanismo do hábito. A memória (entendida neste sentido) não tem poder sobre os estados passados e não os devolve a nós em sua realidade de outrora, porque não os

confunde entre si nem com os outros mais antigos ou mais recentes, ou seja: ela se baseia nas diferenças (HALBWACHS, 2003, p.119).

Dessa forma, buscaremos perceber nas narrativas das histórias de vida de outros atores sociais, professores de Educação Física, o tempo em que tais fatos ocorreram, em especial, os momentos anteriores à formação profissional, por entendermos ser necessário deslocar as lembranças mais significativas, contribuindo para recomposição das memórias, sobretudo, nos aspectos educacionais.

O terceiro ator social entrevistado para o desenvolvimento deste estudo e, que nos possibilitou o acesso às suas lembranças de outros tempos, foi o professor Laerson Lopes da Silva, concedendo-nos a entrevista em 22 de julho de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães na cidade de Jequié, locus em que do trabalha desde ano de 2002. O professor Laerson é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ Campus de Jequié/Bahia. Nascido no município de Jequié/Bahia em 1966. Tem exercido suas funções profissionais na Secretaria Municipal de Educação no município de Jequié e no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, ambas as instituições de natureza jurídica pública, sendo a primeira no âmbito municipal e a segunda no âmbito estadual.

O professor Laerson Lopes da Silva teve na fase infância a possibilidade de vivenciar por jogos tradicionais da cultura popular e brincadeiras cantadas, que apesar de ser desenvolvidas em meio harmonioso, exigia de toda população cuidados, devido à situação em que sociedade brasileira vivia com a instauração da Ditadura Militar, provocando momentos de tensões. Sobre a fase de infância narrou o professor Laerson Lopes da Silva no fragmento do trecho da entrevista abaixo:

Bem, primeiramente, eh..., tenho uma história bacana com respeito a vivência nas brincadeiras, na rua aqui com meus coleguinhas ainda, algumas coisas vagas, mas tem algumas coisas fixas até, as brincadeiras de rua que é a queimada, as brincadeiras de roda, as cantigas de roda, algumas brincadeiras de tabuleiros que é interessante também e também os babinhas com o golzinho fechados numa certa época também. Ah...<sup>24</sup>

Da fase anterior ao período de escolarização, poucas lembranças foram possíveis ser registradas, pois, ao ser questionado sobre tal fase e os eventos ocorridos, o professor Laerson Lopes nos relatou que se lembrava de poucos eventos, portanto, não saberíamos sinalizar neste estudo, se os fatos narrados estariam relacionados ao momento inicial ao fato histórico ora sinalizados, ou se outros fatores contribuíram para seu desapego e conseqüentemente, seu

---

<sup>24</sup> Extraído da fala do professor Laerson Lopes da Silva em entrevista concedida a este pesquisador em 22 de julho de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia.

esquecimento. O fato é que tivemos que traçar uma cronologia a partir do ano de nascimento para compreendermos de que período o professor em evidência se referia.

A fase de escolarização fora iniciada a princípio em uma escola particular, mas, a partir da segunda série, atualmente terceiro ano do ensino fundamental, o professor Laerson Lopes da Silva passou a estudar em Unidades Escolares de natureza jurídica pública, concluindo a fase na Educação Básica.

Curiosamente o desapego de episódios da fase da infância, anteriormente ao ingresso na educação formal, cede espaço às suas lembranças mais nítidas a partir de sua vivência com outros elementos da cultura popular, como também a outros atores sociais, passando a constituir universo socialmente diferenciado na fase de escolarização, trazendo uma nitidez em suas lembranças, nos possibilitando inferir que, ao se esquecer de fato que fizeram parte da história de vida, sobretudo da fase de infância com seus amigos, o professor Laerson Lopes da Silva demonstrou que tais lembranças não apresentou importância no presente, ao ponto de não despertá-lo.

Daí, ao passo que o sujeito interage no tempo e no espaço socialmente favorável, as suas lembranças mais nítidas ganham maior relevância, organizando no presente, sua memória. Nessa perspectiva, percebemos na narrativa do referido ator social, que em sua memória, ele traz fatos com maior nitidez que ocorreram a partir do 3º ciclo do ensino fundamental, ou seja, da 5ª série, quando as atividades esportivas passam a fazer parte do seu cotidiano escolar com mais ênfase. Vejamos o trecho do fragmento retirado da narrativa deste ator social, quando se reporta às atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física e os acontecimentos que deixaram esses rastros de lembranças, sendo corporificado na sua memória:

Na minha, exclusivamente futsal e, no finalzinho da tarde, as turmas de... de futebol de campo, onde praticamente selecionava para, os atletas que tinha mais aptos pra participar dos campeonatos da cidade na categoria juvenil, o professor Vanderli, hoje em memória, né? [...] Bem, mas aí aconteceu uma coisa inusitada, eu nesse momento, uma certa vez, eh... o, eu gostava de jogar no gol, né? Mas ainda não... não tinha nenhuma ideia do que se tratava competição, de jogar modalidade esportiva, nem nada, eu lembro que eu tava na sexta série, não lembro agora, acho que foi isso sexta série eh..., na quadra, na quadra, na quadra que chega no portão de entrada da IERP, eu ainda de sandália havaiana, eu lembro a cena, eu sentado lá e não tinha goleiro no handebol. Nesse dia o professor Vanderli tava cuidando handebol, eu nem sabia que modalidade era essa, e aí ele me chamou: menino, pega no gol aqui. Eu lembro bem que foi muito interessante, guardo isso com muita alegria, é uma coisa que eu não esqueço jamais. E daí eu fui pro gol, eu pegando aos moldes de futsal mesmo. Primeira resposta que eu tive, foi uma bolada no meio do rosto e eu achei aquilo interessante, absurdamente interessante, mas, de uma certa forma foi empolgante, por causa disso foi

que eu fui gostando no negócio, falei: “poxa, como é legal”. Daqui a pouco eu recebo uma bolada no meio da barriga, não pegou no estômago, na região do estômago, nem nada. Poxa, tô defendendo bola aqui, todo mundo vibrando por causa das defesas, não sabia nem do que se tratava. Menino vai pegar nos jogos. Falei:”que jogos é esse?” Eu nem sabia do que se tratava os jogos. Posteriormente, eu fiquei sabendo que eram uns jogos chamados Jogos e Recreações. Eu ainda garotinho, ainda, nessa fase, não lembro a idade, mas já tava na quinta série, isso aconteceu, basicamente, na sexta série, então logicamente dá pra gente ver [...]”<sup>25</sup>

As ênfases dadas à cultura esportiva no interior das instituições escolares naquele período se perpetuaram no currículo da Educação Física, tomando dimensões que não foram possíveis avaliar sua intencionalidade dentro do contexto escolar, mas, sem dúvida, compreenderíamos pela função sociocultural que a educação exercia naquele momento histórico, quando buscava propiciar o acesso aos saberes culturalmente desenvolvidos e socialmente difundidos.

Neste sentido, recorreremos ao estudo de Palma, Oliveira e Palma (2010), que sinaliza para reflexões e proposições do currículo de Educação Física, requerendo maiores atenções, sobretudo, quando este currículo se torna executável. No fragmento do abaixo, os autores sinalizam para visão sobre o currículo em projeto eminentemente educativo, vejamos:

[...] o currículo é importante, mas pensamos que também é primordial saber como ele se torna real, como é transformado em operação, ou seja, ação com significado e intencionalidade. [...] Pelo fato de a escola ser um constructo social, a educação que nela acontece tem uma função sociocultural, e o currículo, parte fundante desse processo, é organizado para que a escola cumpra essa função, garantindo aos estudantes o acesso aos saberes socialmente disponíveis (PALMA; OLIVEIRA; PALMA, 2010, p. 20).

Outras aproximações nos foram possibilitadas durante o período de coleta das informações para o desenvolvimento desta pesquisa, dentre elas, uma importante contribuições para este estudo foi concedida pelo professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 5 de agosto de 2014, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, local de atuação profissional do referido ator social, que antes de ser transformado em escola profissionalizante, recebia a denominação de Instituto de Educação Régis Pacheco – IERP.

O professor Luciano Carolino, como é conhecido, é bacharel em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Nasceu em 1966, no município de Salvador, capital do Estado Bahia, onde residiu durante suas fases de infância e parte da adolescência.

---

<sup>25</sup> Extraído da fala do professor Laerson Lopes da Silva em entrevista concedida a este pesquisador em 22 de julho de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia.

Desenvolve suas atividades profissionais em três Unidades Escolares da Educação Básica, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP, no Centro Educacional Ministro Simões Filho, ambos de natureza jurídica pública estadual e municipal, consecutivamente e, no Colégio Matisse de natureza jurídica privada.

A necessidade de acompanhar seus pais, que se deslocaram da capital do Estado da Bahia para o interior por motivo de trabalho, fez com que o professor Luciano Carolino se transferisse para cidade de Jequié em momento posterior a vinda dos pais, onde concluiu o ensino médio. As suas experiências das fases de escolarização foram todas construídas na rede privada de ensino. No diálogo estabelecido durante a entrevista, o referido professor abordou as atividades desenvolvidas durante o período da sua infância e parte da adolescência com bastante saudosismo, vejamos:

Tive uma infância muito... muito... muito gostosa, digamos assim, com muitas brincadeiras, muitos amigos do lado, com que foram feitos, a gente brincava muito, naquela época, de..., de futebol, futebol sempre, sempre teve presente na minha vida, eh... de... de picula, todas essas brincadeiras que as crianças, antigamente, brincavam. [...] Geralmente, eram as mesmas brincadeiras e era aquela brincadeira que, que as crianças, antigamente, brincavam né? Picula, esconde-esconde, futebolzinho, aquela, tinha também uma que até um pouco mais violenta, chamava-se garrafão, não sei se você chegou a brincar de garrafão. Garrafão é um pouquinho mais assim, mais, mais exacerbada, mas, basicamente, eram as mesmas brincadeiras, tanto na escola, como também no... na e na... na..., no nosso eixo familiar, né? Digamos assim, residencial, no caso. Eram... eram... eram o mesmo tipo de, de jogos e brincadeiras e isso aí, também, como fala meu amigo Emilinho, remete a... a... a uma fase que foi muito legal certo? Foi essa fase minha de..., da infância até a pré-adolescência, porque foi... foi essa coisa de descobertas, de... de construção mesmo de amizade, certo? E, eh... no, que você falou, quanto à questão das brincadeiras, como... como eu já repeti, foram as mesmas brincadeiras, de picula, de baleado, de esconde-esconde, futebol. Agora, o futebol sempre teve presente, tanto na escola como também na... na... na parte residencial também<sup>26</sup>.

As experiências lúdicas desenvolvidas e relatadas eram iguais as descritas anteriormente em outras narrativas, bem como as atividades desenvolvidas no interior das escolas. No âmbito escolar, a cultura esportiva era reproduzida como elemento predominante nas aulas de Educação Física, apontando indícios que nos faz inferir, que apesar de contexto social diferenciado, aqui nos referimos ao desenvolvimento e a expressão da sociedade soteropolitana em relação à cidade de Jequié, lócus deste estudo e cenário das histórias de

---

<sup>26</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.



vida dos outros atores, as atividades lúdicas, como os jogos e brincadeiras e, especificamente, as atividades esportivas se igualavam.

A relevância de apreender novos esquemas e vivências favorece que o repertório cognitivo e motor desenvolvam-se amplamente nas diversas fases do desenvolvimento humano, os jogos frutos das expressões espontâneas e voluntárias da fase de infância exerciam importante função nesse processo de aprendizagem, em determinado tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas e absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, atividade acompanhada de um sentimento de tensão e alegria, e de uma consciência de ser que é diferente daquela da vida cotidiana (HUIZINGA, 1999).

Em outro fragmento da narrativa do professor Luciano Carolino, constatamos a presença do esporte internalizado no espaço educacional com elemento da cultura corporal quase que exclusivo, e nisso, não se difere de outros cenários já descritos. Neste sentido, recorreremos ao fragmento extraído do trecho da entrevista realizada com o referido professor, que retrata o período compreendido a partir do 3º ciclo do ensino fundamental, onde o contato com a Educação Física se tornou mais evidente. Vejamos a narrativa abaixo:

Eh... depois, com onze anos de idade, meus pais vieram morar em Jequié e eu fiquei em Salvador, continuei estudando lá, porque estudava no Antônio Vieira, aí meu pai não... não... não quis me tirar do colégio, aí eu continuei morando lá, morando com minhas tias, aí eu passei a morar no Barbalho, no Santo Antônio do Carmo que, que faz parte do Barbalho e, também, foi também, uma... uma continuidade de vida maravilhosa, também, passar minha, minha pré-adolescência e adolescência lá, fiz muitos amigos, muito legal mesmo, continuei com... com... com essa questão de futebol que sempre teve, assim, futebol, voleibol (PINTO, 2014)..

Os estudos desenvolvidos pelo Castellani Filho et al (2009, p. 29) apontam que a amplitude e qualidade das reflexões realizadas pelos atores sociais no contexto da escola e de todo processo educacional, por quaisquer que seja a área de conhecimento, determinando os conteúdos/conhecimentos de ensino que pretendem ensinar e que serão possíveis de serem apreendidos pelas áreas de conhecimentos e, conseqüentemente, pela escola, direcionando a importância e qualidade do currículo escolar.

O que observamos ao longo do desenvolvimento deste estudo, de forma unânime e irrestrita, foi a utilização do esporte enquanto conhecimento de maior relevância das aulas de Educação Física, abordado com mais veemência na fase escolar, durante o ensino fundamental, especificamente da 5ª a 8ª série e no ensino médio, onde acreditamos que era justificável naquele período, uma vez que a sociedade brasileira ainda vivia momentos de tensões, devido ao regime implantado no País no início da década 1960, conduzido pelos

militares e, por entender que os esportes propiciaram momentos de descontração, mas, também, de controle da grande massa de estudantes, apontando para necessidade de integrar o Brasil no cenário mundial, enquanto potência olímpica.

Neste sentido, percebemos que por conta de ordenamentos legais regidos pelo regime político da década de 1970, a Educação em geral e, a Educação Física de maneira específica, se restringiram a reprodução de ideários políticos, que muitas vezes se distanciavam do real sentido atribuído a Educação, que é a formação de sujeitos autônomos. Portanto, a postura adotada pelo Sistema Educacional e, incorporada por muitas escolas em todo País, limitavam as discussões da área de Educação Física, a ginástica e ao esporte, se furtando assim, de explorar uma diversidade de elementos da cultura corporal, dentre eles os jogos e brincadeiras da cultura popular. A esse respeito, recorremos ao fragmento retirado de um trecho dos estudos desenvolvidos por Taborda de Oliveira (2001), quando diz:

[...] a Educação Física escolar alterou profundamente seu quadro de atuação na escola na década de 1970 a partir dos ditames das novas políticas públicas gestadas pelo governo autoritário. Sendo aquele o período da ditadura militar no Brasil, desenvolveu-se uma estreita interpretação que imputa a Educação Física escolar uma função de reprodução do ideário oficial, calcado na ideologia da Segurança Nacional e do Brasil Grande, por sua vez afeita aos interesses no capital monopolista internacional. Além disso, a tecnificação das práticas corporais representaria melhoria das condições da força de trabalho, no sentido de torná-la mais eficiente e eficaz no processo de produção; a racionalidade e o planejamento da economia da educação conformavam então, às políticas públicas e, conseqüentemente, às práticas escolares, deixando pouco ou nenhum espaço para a intervenção dos sujeitos na história (p.36).

As narrativas dos atores sociais nos causaram sensações positivas, que nos instigavam a conhecer outras histórias de vida e, impulsionado por essas sensações de prazer, nos acercamos do professor Luciano Ferreira Bittencourt, que nos concedeu entrevistas em 09 de Agosto de 2014, em sua residência na cidade de Jequié/Bahia. Sobre o professor Luciano Ferreira Bittencourt, este, teve oportunidade de concluir dois cursos de Formação Profissional, cursando primeiramente, Licenciatura em Letras e posteriormente, Licenciatura Plena em Educação Física, ambos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O referido ator social nasceu no município de Jequié/Bahia em 1973, mas, viveu até os cinco anos na cidade de Nova Itarana, município do interior da Bahia, retornando para Jequié, onde reside até o presente momento. Desempenha sua função profissional, em efetivo exercício da regência no componente curricular Educação Física, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho na cidade de Jequié/Bahia, unidade escolar de natureza jurídica pública estadual.

No que tange a fase de infância o professor Luciano Ferreira Bittencourt explicitou que as lembranças vagas dessa fase, das brincadeiras que eram realizadas, principalmente no período em que residiu na cidade de Nova Itarana e ao retornar ao município de Jequié as lembranças são mais nítidas. No fragmento abaixo nosso ator social narra um pouco essa trajetória, vejamos:

Bom, na verdade, eu nasci em 1973, janeiro de 1973. Assim, só, só recuperando por mim que essa fase da infância ela... ela... eh... como tá muito longe, as recordações, elas vem e, às vezes, elas desaparecem. Mas olhe bem, eu nasci em 1973, né? Aqui em Jequié, mas na verdade, minha família morava em Nova Itarana que é uma cidade próxima ai a Milagre, muito pequena. Então assim, até os cinco anos de idade eu vivi lá em Nova Itarana e as recordações são muito poucas, né? Muito poucas, mas lembro assim, vagamente, da questão das brincadeiras de rua, né? Brincadeiras de rua, brincadeiras normais como toda criança, picula, enfim, essas brincadeiras que todos nós, as crianças, na época, era uma coisa normal e, também, a questão do futebol. Mas, na verdade, essa, essa construção, ela é mais clara aqui em Jequié [...] <sup>27</sup>.

É interessante percebermos no fragmento da narrativa acima que, em uma perspectiva de memória, o indivíduo parte de um presente, evocando lembranças de um passado reavivado, tornando-se uma lembrança presente, e isso ocorre, porque quando um episódio reaparece na memória, o faz no presente pelo estado de consciência do indivíduo que recorda. Lógico, que mesmo de maneira consciente, a memória é refém do tempo, de um tempo que deixa suas marcas, e as marcas mais evidentes do tempo, possivelmente não sejam demonstradas nas lembranças e sim, no esquecimento, naquilo que foge as nossas recordações, e nesse sentido, Deleuze (2010) evidencia que:

[...] alguma coisa de essencial escapa à memória voluntária: o *ser-em-si* do *passado*. Ela faz como se o passado se constituísse como tal depois de ter sido presente e, assim, seria necessário esperar um novo presente para que o precedente passasse, ou se tornasse passado. Dessa maneira, no entanto, a essência do tempo nos escapa, pois se o presente não fosse passado ao mesmo tempo que presente, se o mesmo momento não coexistisse consigo mesmo como presente e passado, ele nunca passaria, nunca um novo presente viria substituí-lo. O passado, tal como é em si, coexiste, não sucede ao presente que ele foi. Na verdade, nós não apreendemos alguma coisa como passado no mesmo momento em que a sentimos como presente [...]. Mas é porque as exigências conjuntas da percepção consciente e da memória voluntária estabelecem uma sucessão real onde, mais profundamente, há uma coexistência virtual (p.54).

---

<sup>27</sup> Extraído da fala do professor Luciano Ferreira Bittencourt em entrevista concedida a este pesquisador em 09 de Agosto de 2014 em sua residência na cidade de Jequié/Bahia.

Com efeito, percebemos um exercício constante de vivificação das lembranças mais relevantes de fatos ocorridos no passado, favorecerão que a memória voluntária dure por mais tempo, preenchendo uma lacuna deixada no tempo e no espaço de sua vida, ancorando-se em referências que permitam esse prolongamento. Nesse sentido, as lembranças mais evidentes estão ancoradas em referências construídas na fase escolar, compreendida entre os ensinamentos fundamental e médio, principalmente pelas vivências em atividades ludoesportivas, conforme o professor Luciano Ferreira Bittencourt sinalizou no fragmento abaixo:

[...] na verdade, no ensino fundamental não havia professor de Educação Física, isso é um detalhe importante. A minha primeira aula de Educação Física, ela vai acontecer na quinta série, no Polivalente com o grande mestre, professor Valfredo Dórea, né? É ali que eu vou começar a ter esse encontro assim, digamos assim, mais especificamente com a Educação Física e com o esporte. O que havia no Fernando Barreto era justamente aquelas brincadeiras de criança que o futebol fazia parte, eh... mas na escola, eh... especificamente, o futebol já nessa época, especialmente no meu grupo, o futebol era algo que se sobressaía a outras brincadeiras e outras modalidades esportivas (BITTENCOURT, 2014).

Percebemos então, ao instigar o professor Luciano Ferreira Bittencourt sobre sua história de vida, favoreceu que esse ator reavivasse sua memória de maneira involuntária ou instantânea, possibilitando estímulos à memória voluntária e, assim, a evocação de episódios passados no presente. Nesse sentido, se fez necessário decifrar os signos para conhecer os significados que são expressos por ele na memória, principalmente quando a recordação nos vem de maneira involuntária, dando-lhe assim, um sentido adequado, mesmo que tenhamos a possibilidade de redescobrir este sentido bruscamente (DELEUZE, 2010).

Bergson (1999) afirma que, a memória opera para recuperar lembranças de outrora, todavia, essas lembranças não surgem em nossa memória instantaneamente e, sim, na medida em que a invocamos, se configurando paulatinamente em nossa mente, dando contornos cada vez maiores as imagens, e por assim dizer, às nossas memórias.

Portanto, a necessidade de reconstruir no presente, lembranças de fatos ou acontecimentos que demarcaram no tempo a área de Educação Física no município de Jequié/Bahia, possibilitou nossa aproximação ao professor Alberto José Andrade Ferreira, que nos concedeu entrevista em 12 de agosto de 2014, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, local também de atuação profissional do referido ator social. Sobre nosso ator social, o mesmo é licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Nascido no município de Jequié/Bahia em 1966, onde reside até o presente momento e exerce sua função profissional,

em efetivo exercício da regente, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, Unidade Escolar de natureza jurídica pública estadual.

Em relação à fase de infância o professor Alberto José relata que teve a oportunidade de vivenciar de maneira diversificada, os elementos da cultura popular tradicionalmente difundido pelos grupos sociais, em especial, as atividades lúdicas desenvolvidas pelas classes populares, contribuindo assim, com seu desenvolvimento físico, cognitivo e social. No fragmento abaixo nosso ator social narra um pouco essa trajetória, vejamos:

Bom, eu nasci em 66, em fevereiro de 66. Naquela época era a época da Ditadura Militar. Eh... uma época super, hiper, conturbada no país, então, minha infância foi uma infância bastante, bastante proveitosa. A minha memória motora foi bastante, eh... como vou falar? Eh... ampliada, né? Pelo, pela, pelas atividades que a gente fazia na época que era picula, esconde-esconde, eh... baleado, eh... eh... saltar muro em casa de vizinho, roubar fruta na casa do vizinho, ir atrás de animal no... no... no mangueiro aqui de seu Pompílio Sampaio, então minha infância foi assim bastante interessante, no nível de brincadeiras e memória motora<sup>28</sup>.

Ao analisar a narrativa do nosso ator social, sentimos a satisfação que sentira em rememorar as fases que outrora vivenciou. Percebíamos que naquele momento, ele não estava sozinho em suas lembranças, as atividades narradas demonstravam os sentidos e significados intrínsecos a ela, como que estivesse se preparando para iniciá-la. Percebemos então, a necessidade de recorremos ao pensamento de Halbwachs na tentativa de ratificar aquilo que sentíamos, quando ele nos diz:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam (HALBWACHS, 2003, p. 43).

E quando retornamos as informações contidas na entrevista concedida pelo professor Alberto José, percebermos uma narrativa enriquecida de sensações positivas, expressas na face e na emoção em que o referido professor rememorava as suas vivências com os colegas, sobretudo, os jogos e brincadeiras populares, mas, também, um tom de seriedade ao narrar a passagem para o ensino fundamental, a partir da 5ª série, onde o esporte se constituiu parte do seu cotidiano, sempre atrelado aos treinamentos e a perda de ludicidade. Vejamos o fragmento do trecho da entrevista com o professor Alberto José Andrade Ferreira:

No primário não. No primário era basicamente, eram..., eram basicamente as mesmas brincadeiras. Eram baleado, pique-esconde, eh...; corrida, 1, 2, 3 de salvar, era basicamente isso, agora tinha o queimado, pião, gude, soltar pipa, essas coisas assim, não mudou muito não na... na... no primário. Quando a

---

<sup>28</sup> Extraído da fala do professor Alberto José Andrade Ferreira em entrevista concedida a este pesquisador em 12 de Agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

gente, quando a gente passou pro... pro... pro fundamental maior, né? Que é de 5ª à 8ª, sim, aí houve uma modificação, porque já foi à introdução do esporte, eu já fui pra uma escola que tinha prática esportiva, eh... e comecei a praticar o esporte, aí vim me identificar com isso e, então, não é que eu tenha abandonado, mas, dentro da escola, tudo se voltou pra prática esportiva. [...] Quer dizer, vim pro IERP, aí teve aquela chuva de vento que destruiu a, praticamente, boa parte da cidade e aí o colégio, o IERP não tinha, não teve, não tinha, não ia começar aula, só ia começar aula três meses depois. Eu fiz aquele teste de admissão, passei no Polivalente e fui estudar lá em 77. Estudei 77, 78, 79 e 80 no Polivalente.

O fato é que ao chegar à escola, o referido ator social se deparou com estruturas curriculares que traduzem desejos, muitas vezes, que assumiam significados distantes da realidade escolar, do processo de ensino e da aprendizagem, distanciando o conhecimento da realidade social concreta dos estudantes. A ênfase dada ao esporte nas aulas de Educação Física distanciavam os educandos e educandas de outros conhecimentos que poderiam contribuir também, com esse processo de formação naquele período, conforme nos narrou o professor Alberto José Andrade Ferreira no fragmento a seguir:

Bom, como você sabe. Nessa época, a aula de Educação Física era em turno oposto, em turno oposto, então com essa, com essa coisa de turno oposto a gente tinha a prática, a vivência da... da atividade física voltada para o esporte, handebol, baquete, futsal, voleibol, então o professor direcionava muito a aula dele pra isso, não, é, não abolindo aquele aspecto ginástico, mas mais voltado pro aspecto, eh... prática esportiva. [...] No turno oposto não, era só prática esportiva. Como eu me identifico com vários esportes, na realidade com os quatro, pratiquei os quatro, então eu, praticamente eu ficava todas as tardes no colégio, de segunda a sexta (FERREIRA, 2014).

Diz, ainda, o professor que, na transição entre o ensino fundamental para o ensino médio, as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física persistiam, especialmente no desenvolvimento das aulas de Educação Física, não se diferindo em nada das práticas desportivas optativas, oferecidas aos estudantes que demonstrassem interesse e tivessem habilidades suficientes para competir e, assim, representar a unidade escolar em competições externas à instituição, organizadas no município de Jequié/Bahia, conforme a narrativa abaixo nos apontou:

Bom! Como o Polivalente só tinha até a 8ª, nessa época, eu voltei pro IERP. Cheguei aqui, foi uma época ruim do Colégio também, peguei outra fase ruim do colégio que tava sem professores. Por eu ter sido, por eu ter me destacado em algumas modalidades, eu recebi uma bolsa pra estudar no CEMS, fui estudar no CEMS. Lá, eu continuei com prática esportiva no turno oposto, sendo que eu tinha aula de Educação Física, que era prática esportiva, e tinha turma de esporte que era específica pra o, pra, pra se preparar pro jogos, que..., que na cidade tinha os jogos, assim..., bem saudosos mesmo, que chamava Jogos e Recreações que é uma coisa assim, que eu acho que toda, toda pessoa que, dessa época, era assim, ficava

contando os segundos pra chegar essa época, esse Jogos e Recreações que era uma coisa assim, que mexia a cidade como um todo, não só a nível de esporte, mas a nível de, de comércio, porque vendia material esportivo, vendia roupa, as pessoas queriam se arrumar pra poder ir pro Ginásio de Esportes, o Ginásio de Esportes ficava lotado todos os horários, não é igual, hoje em dia não “c” vai, tem o JERP, “c” vai no Ginásio de Esportes tem um, um grupo, normalmente o mesmo grupo, é, são as pessoas que tão jogando ou as pessoas que tão, se relacionam com essas pessoas que tão jogando. Antigamente não, envolvia toda a escola, a comunidade escolar. Então, isso traz, assim, até uma nostalgia bastante, lembrar nisso, porque eu participei essa fase todinha de... de grandiosidade dos jogos (FERREIRA, 2014).

Para entender esse movimento, necessário se faz que compreendamos o processo de formação desses profissionais que atuavam na área de Educação Física no período da escolarização dos nossos atores sociais, o que não é a nossa pretensão, mas, entendermos que naquele período muitos dos professores que atuavam na Educação Física escolar eram leigos ou possuíam sua formação voltada para o atendimento de prerrogativas oficiais como já fora citado anteriormente, quando se acreditava em uma abordagem daquilo que se tinha de mais avançado, ou seja, o esporte de rendimento propagado a partir da modernidade como possibilidade educativa, apesar de considerarmos um retrocesso.

Trilhamos caminho semelhante aos já descritos para nos aproximarmos do professor Eduardo Costa Vieira, nos concedendo entrevista em 4 de setembro de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado no município de Jequié/Bahia. Sobre o ator social, este, nasceu no município de Jequié em 1975, lócus que cresceu e se desenvolveu. Possui Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Montenegro, instituição de natureza jurídica privada, localizada no município de Ibicarai/Bahia. Iniciou sua trajetória profissional no município de Ilhéus/Bahia na área da atividade física, indo posteriormente para município de Brumado/Bahia para trabalhar com *fitness*. Ao retornar para município de Jequié, passou a desenvolver suas atividades no âmbito escolar. Atualmente, exerce suas atividades profissionais em duas Unidades Escolares da Educação Básica, no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, de natureza jurídica pública estadual e no Campus de Educação Integrada, instituição de natureza jurídica privada.

Durante as fases de infância e pré-adolescência o referido ator social viveu momentos riquíssimos com as vivências lúdicas desenvolvidas com seus irmãos em um sítio de propriedade de seus pais. Dos jogos e brincadeiras vivenciados pelo professor Eduardo Costa Vieira, o futebol se constituiu em prioridade para as diversões, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e técnicas que foram materializadas com a prática da

modalidade de futsal e, posteriormente do futebol de campo. Sobre a fase da infância relata nosso ator social:

Bem, a minha infância foi praticamente voltada pra as brincadeiras, onde a gente utilizava, onde desenvolvesse o repertório da... da... da cultura corporal. Até sem perceber, às vezes, de que forma a gente tava desenvolvendo isso, mas naquela época, eu nasci em 1975, e..., a partir do momento em que a gente passa a utilizar, entender melhor o corpo da gente, as brincadeiras eram todas voltadas nesse sentido, que a gente não tinha o que a gente tem hoje, né? Eu passei minha infância toda, praticamente, eh... brincando principalmente no sítio onde eu morava, né? Eu tenho mais três irmãos e a gente formava um grupo, onde a gente desenvolvia aquelas brincadeiras ali. [...] Aquelas brincadeiras que a gente conhece já, esconde-esconde, amarelinha, pega-pega e, principalmente, o futebol, né? Porque eu sempre, desde que eu me conheço por gente, eu andei com a bola debaixo do braço. E aí a gente podia desenvolver esse futebol de várias formas, eu e meu irmão mais velho, já que o outro não gostava muito. Então, aí a gente passava a utilizar o futebol, basicamente, na maioria do tempo livre que a gente tinha. Eh... e hoje, eu percebo que essas brincadeiras nossas, foi que fez com que eu desenvolvesse eh... a técnica, os fundamentos do futebol sem perceber, porque a gente utilizava, assim, muito espaço pequeno pra poder jogar, sempre jogando um contra um, porque eram só nós dois, e a gente ia criando dificuldades e ia tentando vencer essas dificuldades, isso, eu percebo, que fez com que eu pudesse desenvolver muito a minha prática, a minha técnica, né? Os fundamentos do futebol, sem perceber, lógico. A gente não tinha noção de nada, mas o espaço pequeno que a gente tinha, a gente tava sempre utilizando pra jogar bola<sup>29</sup>.

A realidade vivenciada na zona rural, onde as diversas atividades ludoesportivas eram desenvolvidas, acrescidas das atividades da vida cotidiana no sítio, contribuíram para que o professor Eduardo Costa Vieira desempenhasse com facilidade tarefas que exigissem destrezas e habilidades, sobretudo as que envolvessem o interesse físico-esportivo na fase escolar. No âmbito escolar, as experiências com as atividades lúdicas permaneceram das fases da educação infantil ao 2º ciclo do ensino fundamental, propiciado pela regente de classe, conforme nos apontou o referido ator social no fragmento da narrativa abaixo:

Subir em árvore. Possibilitava que a gente tivesse sempre utilizando o corpo, desenvolvendo essa cultura. E eu sinto sim que a partir daí, a partir desse momento, quando eu ingressei na escola, eu tinha muito mais facilidade em determinadas atividades do que os colegas, porque eu passei um tempo exercitando isso, entendeu? Nas aulas de Educação Física, eh... eu sempre era aquele que se destacava mais, por ser mais ágil, por ter uma coordenação motora melhor, entendeu? [...] Eu comecei a ter aula de Educação Física quando eu... quando eu ingressei na primeira série. [...] Eh..., 82, mais ou menos. [...] Fundamental I. Isso. Exatamente. Que, na verdade, assim, as aulas não eram ministradas por professores de Educação Física, né? Era a professora... da sala de aula. [...] A regente da sala de aula que nos levava pra um espaço vazio, aí a gente fazia algumas brincadeiras, jogava baleado,

---

<sup>29</sup>Extraído da fala do professor Eduardo Costa Vieira em entrevista concedida a este pesquisador em 4 de setembro de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado no município de Jequié/Bahia.



brincava de pega-pega, alguma coisa desse tipo, entendeu? E aí, eu percebia assim que o meu desenvolvimento motor era mais acentuado do que o dos colegas, de alguns colegas que, talvez, não tiveram a experiência que eu tive de vida, né? Por viver no sítio, por viver muito na roça, vivenciando aquelas coisas do dia-a-dia do pessoal ali, e assim, porque eu tinha, realmente, um desenvolvimento acima da média (VIEIRA, 2014).

Percebemos que as histórias de vidas dos atores sociais, professores de Educação Física que fizeram parte deste estudo, começam se assemelhar no contato com a realidade escolar, persistindo a visão da Educação Física focada na reprodução de conhecimentos da cultura esportiva, geralmente, propiciado aos mais hábeis e da ginástica a todos, principalmente, durante a fase de escolarização compreendida entre o 3º ciclo do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio, independentemente da instituição escolar que os atores sociais estudassem. Outro aspecto interessante observado durante as narrativas se refere ao desenvolvimento da ginástica enquanto conhecimento pedagógico desenvolvido durante as aulas de Educação Física, geralmente, ministradas por profissionais militares ou que tivessem sido influenciados por militares, através do método da ginástica calistênica reproduzido pelas as forças brasileiras.

A esse respeito, a narrativa do professor Eduardo Costa Vieira, concedida para este estudo, enfatiza com mais detalhe o período de escolarização mencionado acima:

Eu estudei no CAP na quinta série e isso foi em 86, mais ou menos 86. Me lembro que meu primeiro professor de Educação Física era um militar. Então, tudo isso que eu te falei dessas vivências e brincadeiras, ficou pra trás, né? A gente..., nesse primeiro período da quinta série, as aulas de Educação Física, entrava muita coisa do militarismo, até pela formação dele, entendeu? [...] Eh... muito exercício físico. Eu lembro que quando a gente começava o ano, a gente fazia o exame, o exame biométrico que eles chamavam, né? Tirava as medidas como se fosse uma avaliação física. E aí, nas aulas, a gente sempre fazia muita corrida, né? Muito..., muito polichinelo, às vezes até flexão de braço, abdominais, aí a gente já tava entrando nessa. [...] Aí, aqueles alunos que tinham afeição com determinado esporte era selecionado pra fazer parte de um grupo do esporte. Como eu tinha uma afeição com futsal, desde a quinta série eu já passei participar das aulas de esporte, né? Que naquela época eles preparavam as equipes pra participar dos jogos. Então, eu comecei por ter essa afeição com o esporte, mas os meus colegas, que não tinham essa afeição com o esporte, continuaram a fazer as aulas de Educação Física, não tiveram acesso a essa prática esportiva, até o momento em que esse professor estava conosco. Foi só na quinta série. A partir daí, a partir da sexta série, as aulas de Educação Física já eram voltadas pra prática esportiva. Cada aluno escolhia uma modalidade esportiva que se identificava mais e se inscrevia nessa turma (VIEIRA, 2014).

Acreditamos que o caminho estabelecido neste tópico se constituiu bastante revelador para entendermos a visão que persistia da área de Educação Física escolar nas Instituições

Educacionais no município de Jequié e, em outros municípios do Estado da Bahia, em um período conturbado politicamente, mas, enriquecido pelos os jogos e brincadeiras infantis desenvolvidos durante a fase da infância e pré-adolescência dos atores sociais deste estudo e, posteriormente, a aproximação do componente curricular Educação Física.

É importante frisar, que ao trazer elementos da cultura corporal, como: os jogos e brincadeiras e, posteriormente, as modalidades esportivas propiciadas nas fases de pré-escolar e de escolarização, nos possibilitou compreender os caminhos percorridos pelos atores sociais que fizeram parte deste estudo, e, que, de certa forma, motivaram a uma aproximação acadêmica e profissional com a área de Educação Física.

Nessa perspectiva de análise, percorreremos caminhos semelhantes ao estabelecido neste tópico para discorrermos a segunda parte deste capítulo, desta vez, aproximando das memórias dos professores de Educação Física, extraindo das suas histórias de vida, narrativas que apontem para a opção de Formação Profissional em Educação Física.

### 3.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: MEMÓRIAS QUE PERSISTIRAM

O cenário constituído no município de Jequié, interior da Bahia, nos idos de 1996 era favorável à Formação Profissional em Educação Física, em especial, para atuação no âmbito escolar, pois, naquele período dos 11 (onze) professores com formação superior na área, apenas 08 (oito) professores atuavam no âmbito escolar, 02 (dois) professores na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e 01 (um) professor atuando na área não formal, ou seja, em academia de *fitness* e musculação, ratificando a estatística apresentada no capítulo anterior.

É importante salientar, que a maioria dos professores possuía formação em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL, sendo um professor egresso da Universidade Federal da Bahia e uma professora da Faculdade Montenegro. Todavia, com a implantação de Cursos Superiores em Educação Física em meados da década de 1990, em especial, nos campus da UESB, esse cenário no referido município começa a sofrer alterações na primeira década do século XXI, retratando uma realidade positiva quanto a formação.

Nesse sentido, a ideia de organizarmos este tópico surge a partir das análises realizadas das narrativas feitas pelos profissionais de Educação Física, quando sujeitamos suas lembranças a esse cenário social, sendo possível captarmos um esquema de sentido e

significado nessas narrativas constituindo no universo cognitivo e afetivo, que possibilitaram que suas memórias criassem identidades, neste caso, com a área de Educação Física.

A aproximação à área de Educação Física recai sobre a identificação que os atores sociais têm com os esportes. A frequência com que os esportes são mencionados nas narrativas, a compreensão que dele se faz, a distinção que estabelecem entre o esporte, os jogos e as brincadeiras são perceptíveis em todas as entrevistas concedidas para este estudo. Portanto, as menções feitas sobre os esportes desenvolvidos durante a fase escolar sinalizaram o caminho a ser percorrido, onde podemos inferir que o esporte tenha sido o principal motivador para Formação em Educação Física dos nossos atores sociais.

O fato do esporte se caracterizar enquanto elemento da cultural corporal que historicamente fora instituído na qualidade de fenômeno social de grande expressão mundial e ter sido parte constitutiva do componente curricular Educação Física, enquanto principal conhecimento abordado nas escolas que nossos atores sociais estudaram nos possibilitou elegê-lo como uma das categorias de análise mais evidenciada. Salientamos que a aproximação ao objeto esporte não se caracteriza em fato isolado nas narrativas deste estudo, pois, a existência da cultura esportiva no interior das escolas, tornou-se perceptível muito antes do período em análise no município em questão e em todo mundo.

Na verdade, este fenômeno vem demarcando sua trajetória em tempos e espaços diferentes com intensidade, em alguns momentos, servindo como possibilidades de entretenimento para o público de espectadores e para seus praticantes, em outros momentos, podendo servir como um legítimo representante das elites e do Estado à medida que detém valores, como: competição, rendimento e recordes, ou seja, produção, defendidos pelas classes ideologicamente dominantes que detinham o poder, sendo propagados para toda sociedade, e assimilado pelas instituições que incorporavam esse modelo de esporte (BRACHT, 2005).

É importante analisarmos que o cenário que esse modelo de esporte se configurou, viveram momentos interessantíssimos, sobretudo, pela necessidade que as classes populares sentiram de repensar seus papéis dentro da sociedade. E o cenário europeu em geral, e países como a França e a Inglaterra de maneira específica, se constituíram em cenários importantíssimos na história em nível mundial. Todavia, para o modelo de esporte praticado na atualidade, o cenário inglês fora extremamente marcante, especialmente por ter sido naquele cenário que desencadeou o modelo dos esportes modernos, conforme nos apontou Norbert Elias (1992) no trecho a seguir:

Muitos tipos de desportos que hoje são praticados, de maneira mais ou menos idêntica, por todo o mundo tiveram origem em Inglaterra. [...] Propagaram-se para outros países, principalmente, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. O futebol, sob a forma que se tornou conhecida em Inglaterra por association football ou através da abreviatura popular de soccer, foi um deles. Corridas de cavalos, luta, boxe, tênis, caça à raposa, remo críquete e atletismo foram outras formas. Mas, nenhuma foi adoptada e absorvida pelos outros países com tanta rapidez, como se deles fizessem parte, como o futebol. Nem gozaram de tanta popularidade ( p. 187).]

A disseminação desse modelo de prática esportiva se propaga por todo mundo, repleto de valores e normas regidos pela sociedade moderna europeia e, que, dificilmente não seriam incorporadas pelas sociedades que se pretendiam desenvolver. No entanto, percebemos que são nas instituições educacionais que os modelos das ginásticas e de esportes disseminados mundialmente, ganham maiores evidências por se tratarem de instituições que possuíam e possuem facilidades na transmissão de regras, normas e valores impostos pelo sistema social, se constituindo em legítimos aparelhos ideológicos a serviço do Estado, muitas vezes, propagando interesses alheios às classes populares e menos favorecidas. E a Educação Física na qualidade de disciplina obrigatória do currículo das escolas brasileiras, assumindo o papel de disseminador das práticas esportivas? Sobre esse aspecto, recorreremos ao trecho do estudo de Marta (2009) que analisa a adoção do esporte pela escola, afirmando que havia uma:

[...] adoção dos padrões europeus de trabalho corporal, o modelo esportivo inglês e os métodos ginásticos (em especial o francês). Ou seja, durante o século XX, e mais especificamente nas décadas de 30 e 40, assiste-se à consolidação da Educação Física como disciplina obrigatória nos currículos escolares, bem como a eleição de seus conteúdos, os esportes e a ginástica, como alternativa de trabalho corporal nas cidades brasileiras dentro e fora das instituições de ensino formal, e que encontram sua justificativa nos discursos médico e pedagógico, utilizados conforme os interesses políticos da época (p.21).

Percebemos então, que as discussões em torno do esporte, desde a sua origem, em meio à efervescência dos movimentos sociais europeus que demarcaram a modernidade, em meados do século XVIII e XIX até o período supracitado, ganha uma ênfase ainda maior no âmbito escolar, o que nos permite compreendê-lo enquanto um elemento da cultura corporal que assumiu características competitivas dentro e fora das escolas, próprias dos movimentos que marcaram este período (BRACHT, 2005,13).

Significa dizer que o esporte praticado naquele período começa a apresentar uma série de características que possibilitaram identificar e diferenciá-lo das práticas encontradas em civilizações tradicionais -com destaque para o ritmo das mudanças - que na condição moderna

ocorreram com rapidez extrema. Assim, o esporte moderno surge em consonância com as ideias que moveram esse período que foram a velocidade e a comunicação, algo que proporcionou transformações globais gerando a necessidade de refletir sobre o sistema político, ou seja, o repensar em relação a transformação de produtos e serviços em mercadorias (HIRATA & PILATTI, 2007,1).

É interessante analisarmos ainda, que o modelo de esporte que se desenvolvera no Continente Europeu, inicialmente não encontrou campo fértil e propício para o seu desenvolvimento na sociedade. Contudo, a partir de sua inserção no âmbito escolar público inglês e, posteriormente, em diversos países do mundo, ganha uma maior visibilidade e deixam de ser percebidos como ameaça à ordem pública. O que é inevitável afirmar, que independentemente da vontade de uma determinada classe social, o movimento em torno do esporte desde a sua gênese apontavam características que o tornaria o fenômeno social de grande aceitabilidade e importância para as nações em pleno desenvolvimento econômico. Por certo, o esporte moderno se diferenciaria de qualquer outra manifestação que o antecedeu, e neste sentido recorreremos ao fragmento de um trecho do estudo Norbert Elias que aborda a gênese do desporto a partir de um olhar sociológico. Vejamos:

Na verdade, as sociedades contemporâneas não são as primeiras nem as únicas cujos membros sentiram prazer no desporto. [...] Sem considerar brevemente o problema de conhecer se, na realidade, as competições de jogos da antiga Grécia possuíam as características daquilo que agora consideramos como 'desporto', é difícil clarificar a questão de saber se o tipo de competições de jogos que se desenvolveram durante os séculos XVIII e XIX, em Inglaterra, sob o nome de 'desporto', e que desde aí se propagaram a outros países, era alguma coisa relativamente nova ou se se tratava do reaparecimento de alguma coisa antiga que, sem explicação, estivesse desaparecida. O termo 'desporto' é utilizado no presente de uma maneira bastante vaga, de forma a abranger confrontos de jogos de numerosos gêneros (ELIAS, 1992, p. 191).

No Brasil, esse modelo de esporte ganha corpo e ocupa os diferentes espaços sociais, encontrando campo fértil com a abertura dos portos na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, quando o País começou a desfrutar das novidades produzidas pelos países europeus, posteriormente pela América do Norte. Através dos portos a sociedade brasileira passa a ter contato com o mundo exterior, sofrendo assim, influências não apenas de Portugal, mas de outros países da Europa. Estas influências foram marcantes no setor econômico, com o início da industrialização e também, no setor educacional, através da instalação de escolas de origem europeia, oferecidas aos filhos da aristocracia (MELO, 2001).

O que observamos é que a cultura esportiva está atrelada a um conjunto de fatores que demonstra certa intencionalidade, principalmente, quando essa cultura está repleta de valores e costumes de determinada classe social, provocando sistematicamente mudanças de ordens socioculturais, políticas e econômicas em que vivia o Brasil. Em seus estudos Bourdieu (1990) sinaliza a necessidade de observarmos essas transformações, vejamos;

A história das práticas esportivas só pode ser uma história estrutural, levando em conta as transformações sistemáticas acarretadas, por exemplo, pelo surgimento de um esporte novo [...] ou a difusão de um esporte existente [...]. Uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando o aumento do número de praticantes [...] é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes (p.210).

Partindo dessas premissas, e coadunando com Bosi (2003, 20) quando afirma que “a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado”, buscamos analisar nas narrativas concedidas pelos professores de Educação Física, nossas fontes orais, averiguando a influência da cultura esportiva durante o processo de escolarização. Para tanto, recorreremos a Bourdieu (1990) quando afirma que:

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. (p. 208).

A presença do esporte enquanto elemento da cultura corporal mais evidenciado nas aulas de Educação Física ganham contornos que possibilitaram mudanças no perfil dos profissionais da área de Educação Física, anteriormente limitada por modelos de aulas respaldadas nos moldes militares, que restringiam aos conteúdos da ginástica. Lógico, que é questionável as reais intenções sociais e políticas para a introdução do esporte no âmbito da cultura escolar, e sobre este aspecto Taborda de Oliveira (2001) nos instiga a pensar que:

A ideia corrente de que o desenvolvimento do esporte através da Educação Física escolar ganhou força e até mesmo se consolidou a partir do ideário do governo totalitário, devidamente amparado em fórmulas bem sucedidas em outros países (transplante cultural), é imprecisa a partir do momento que desconsidera as especificidades da formação sócio-histórica da cultura brasileira, inclusive de suas práticas corporais e da intervenção dos sujeitos no interior da instituição escolar (p. 42).

A introdução do esporte no âmbito escolar não se deu de maneira ingênua, é possível inferir que havia uma intenção, pois a sociedade brasileira vivia momentos de turbulência provocada pela Ditadura Militar, e a inserção de prática esportiva no interior das escolas brasileira, além de desviar a atenção dos jovens para os problemas sociais, possibilitaria o surgimento de adeptos a essa nova ordem social.

Os indícios da influência desse modelo de prática nas aulas de Educação Física são percebidos nas entrevistas concedidas pelos professores de Educação Física para este estudo. O período em que o esporte surge nas vidas desses atores coincidiu com o momento de difusão de modalidades esportivas, como: basquete, futsal, handebol e voleibol, ganhando mais ênfase na sociedade brasileira a partir da visibilidade dada nos meios de comunicação, em especial, na televisão, difundindo o esporte tanto no cenário nacional quanto no internacional, em período compreendido entre o final da década de 1970 à década 1980, conforme ratificou o professor de Educação Física, Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014, vejamos:

Mais ou menos isso, 76, 77. Foi quando eu entrei na outra fase do Vieira, porque o Vieira era dividido em Vieirinha, que era até a quarta série e, a partir da quinta série era o Vieirão. Então, foi aí, mas aí também, a Educação Física também, já vem voltada mais ao esporte. Era futebol, era vôlei, era handebol, era basquete<sup>30</sup>.

Outros indícios que nos possibilitou reafirmar a presença das modalidades esportivas no interior das escolas da educação básica, como conhecimentos que norteavam as aulas de Educação Física, são retratados em outros fragmentos das entrevistas concedidas por outros atores sociais, vejamos:

Basicamente, era ginástica e esporte. Ou você fazia ginástica ou você praticava o esporte e eram os quatro de quadra, restrito aos quatro de quadra<sup>31</sup>.

A gente ia pra aula pela manhã e a tarde tínhamos as aulas de Educação Física que eram aulas de prática esportiva. Cada aluno se inscrevia em uma modalidade e ali passava o ano todo trabalhando dentro daquela turma apenas<sup>32</sup>.

Assim, na medida em que apresentamos os indícios que apontem para a confirmação de que o esporte se constituiu, e acreditamos que ainda se constitua na qualidade de conteúdo central da Educação Física escolar, possibilitamos que as memórias dos nossos atores sociais,

<sup>30</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

<sup>31</sup> Extraído da fala do professor Alberto José Andrade Ferreira em entrevista concedida a este pesquisador em 12 de Agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

<sup>32</sup> Extraído da fala do professor Eduardo Costa Vieira em entrevista concedida a este pesquisador em 04 de setembro de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia.

professores de Educação Física fossem reconstruídas e, assim, reavivadas no presente estudo, trazendo a tona um conjunto de lembranças comuns a esses atores. Sobre a possibilidade de reconstrução das lembranças dos nossos entrevistados, recorremos a Halbwachs (2003), quando nos diz que:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros [...], o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (p.39).

É essencial que tenhamos a compreensão que ao reconstruirmos essas lembranças, muitas vezes temos a percepção de que muita coisa não se alterou, principalmente por percebermos que a possibilidade de sistematização dos conhecimentos na área de Educação Física no currículo escolar nunca ficou bem estabelecida, apesar dos esforços de alguns teóricos em sistematizar currículos para a referida área, a sua materialidade na escola, muitas vezes são improváveis de realização, pois não conseguem estabelecer conexões que permitam sequenciá-los, tampouco relacioná-los a realidade social dos educandos e educandas, ficando as aulas de Educação Física de outrora e da atualidade restritas ao esporte e, em uma perspectiva de rendimento.

A ênfase dada à cultura esportiva nas aulas de Educação Física durante o período em análise retratava o trabalho realizado junto aos educandos no sentido de incorporação neles, o espírito competitivo, necessário para aquele momento histórico, principalmente nos eventos em que as escolas participavam. Em relação a intensidade com que as modalidades esportivas eram enfatizadas no interior das escolas, recorremos aos fragmentos extraídos das entrevistas concedidas por alguns professores, que afirmam:

[...] Os Jogos e Recreações. Ele... tinha o caráter competitivo, o, o, as escolas participavam, eh... treinavam durante o ano todo pra ganhar ali, aqueles jogos, era..., era os jogos que ficou famo... famoso na região, então assim, todos os alunos das escolas queriam tá participando dele, então treinava muito pra poder participar desse, desse jogos<sup>33</sup>.

[...] Eu lembro que algumas escolas, alguns alunos de escolas públicas se destacavam, as escolas do... do... particulares, elas providenciavam imediatamente uma bolsa parcial ou uma bolsa integral pra estudando na escola particular, já que era muito difícil um aluno de baixa renda, geralmente de escola pública, estar estudando em escola particular, até por causa, pela inserção social também, e o custo também das mensalidades<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Extraído da fala do professor Luciano Meira Del Sarto, em entrevista concedida a este pesquisador em 08 de junho de 2014, em nossa residência na cidade de Jequié.

<sup>34</sup> Extraído da fala do professor Laerson Lopes da Silva em entrevista concedida a este pesquisador em 22 de julho de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia.



É importante salientar, que na memória de nossos atores sociais permanecem vivificadas de lembranças do modelo dessa prática corporal, e essa “memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2003, 31). O sentido e significado dessas práticas esportivas são reavivados nas memórias de outros atores com bastante intensidade, inclusive de práticas excludentes, que valorizam sempre os mais fortes e hábeis em detrimento da participação. Vejamos a seguir a narrativa do professor Luciano Ferreira Bittencourt em entrevista concedida a este pesquisador em 09 de Agosto de 2014, que aponta para essa afirmativa:

Porque a época que eu participava como atleta, só jogava realmente, os melhores do colégio, né? E não haviam, não havia na verdade, por parte da direção, talvez também foi um discussão que amadureceu pós curso de Educação Física aqui em Jequié, a gente não pode negar, na verdade as escolas estão preocupadas em ganhar os jogos nas suas respectivas modalidades, os profissionais hoje ainda estão, na verdade, ninguém entra em quadra, isso é uma grande, eh... é um grande falácia dizer que alguém treina um time e entra lá e só quer competir, eu quando vou pra lá eu quero ganhar, obviamente que eu aprendi a perder, a vida me, a vida me ensinou a perder, isso faz parte da minha... perdi muito, mas já ganhei mais.

Percebemos que a narrativa desse ator social, traduziu o modelo de esporte desenvolvido pelas escolas no município de Jequié/Bahia naquele período, com valores próprios de sociedades que incorporaram o modo de produção capitalista enquanto norte, reproduzindo aspectos da produção e do rendimento e, que adentraram o espaço escolar antes mesmo da década 1980, nos instigando não apenas pensar sobre como essas práticas esportivas se constituíram no período escolar desse e dos outros atores sociais que fizeram parte do universo deste estudo, mas, também, inferirmos sobre a influência de tais práticas na opção de formação profissional em Educação Física. Com efeito, considerando que o esporte operou com certa liberdade nas lembranças desses atores sociais, é possível encontrar indício de sua influência no processo de formação acadêmica e profissional. Vejamos algumas narrativas que sinalizam para essa afirmativa:

[...] Serviu como referência até na... pra... pra... pra você ter uma... uma... uma fonte motivadora e, também, repensar algumas questões, mas o esporte, realmente, motiva a você fazer, não só por fazer Educação Física, se tratando

de Educação Física, mas o esporte é o grande motivador de você estar no curso de Educação Física, sem dúvida<sup>35</sup>.

Em outra narrativa:

Ah, com certeza, com certeza, com certeza foi através do esporte. [...] Eu fiz na Universidade Católica de Salvador. Entrei em 86 e me formei em 89. É isso aí, me formei em 89, foram três anos e meio. [...] Naquela época o... o currículo lá era bem tecnicista, eu não sei hoje, como está hoje, não sei se há alguma modificação, que deve ter tido, eu acho que até, tá até um pouco mais, mais alongada, quatro anos, antigamente era até três anos<sup>36</sup>.

E as experiências reportadas pelos professores durante as entrevistas, nos permitiram fazer inferências e construir um esquema de saberes sobre o currículo de formação, através dos relatos de fatos, acontecimentos, aprendizados, que de alguma maneira desprenderam do fluxo temporal e, que permaneceram nas memórias dos atores sociais, onde a relação entre o objeto esporte e a formação profissional docente, em especial a escolar, podem estar impregnadas nas lembranças construídas pelos profissionais durante todo processo de formação, em meio ao ambiente social dinâmico, nos possibilitando um crescimento pessoal, onde acreditamos que pela nossa:

[...] memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, 36).

A maneira com que o esporte fora propagado dentro das instituições de educação a partir do terceiro ciclo do ensino fundamental aponta a necessidade de entendermos e relacionarmos o contexto ao qual o esporte se manifesta com os diversos espaços sociais em que é possível estabelecer essa relação, podendo se manifestar, inclusive, nas opções da Formação Profissional, ratificado em mais uma narrativa, conforme nos afirmou o professor Luciano Ferreira Bittencourt a seguir:

Eu acho que todo a... todo... todos aqueles que se aproximaram, eu acredito que quem chega ao curso de Educação Física pra fazer um curso (interrupção), quem chega pra fazer um curso (interrupção), quem chega pra fazer um curso de Educação Física, eu acho que chega por dois motivos basicamente, talvez existam outros que não. Mas eu acho, as pessoas que sempre gostaram do esporte ou praticaram alguma modalidade ou foram jogadoras de futebol profissional ou não, ou aquela pessoa é uma pessoa que desde cedo sempre gostou de... sempre se preocupou com o corpo, sempre buscou uma qualidade de vida, se for um cara que sempre se cuidou, acho

<sup>35</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

<sup>36</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

que essas são as duas pessoas que buscam a..., na sua maioria, o curso de Educação Física. Então assim, eu fui pro curso de Educação Física, logicamente, pela minha vivência esportiva, então, né? Isso pra mim tá bem claro. Foi o que me motivou e o que me fez, após ter feito a graduação já, ter a coragem de enveredar por outra licenciatura. Disso aí eu não tenho dúvida<sup>37</sup>.

Percebemos nas narrativas supracitadas, que as conduções das práticas do esporte evidenciado no contexto escolar que, de certa forma, disseminavam valores socialmente aceitáveis em nível mundial e, devidamente assimilados pela sociedade brasileira, influenciaram na opção profissional da maioria dos professores de Educação Física entrevistados e, que fizeram parte deste estudo.

Todavia, salientamos que a formação profissional em Educação Física não está subordinada a vivência do esporte em momentos anteriores a essa formação, fato esse constatado em duas narrativas, mas, que citaremos apenas o fragmento da entrevista realizada com o professor Luciano Meira Del Sarto em 08 de junho de 2014, em nossa residência na cidade de Jequié, por percebermos que o esporte fora bastante evidenciado durante a vida escolar e social deste ator social, apesar de não ter servido como elemento norteador para a sua formação profissional. A esse respeito, o fragmento extraído da entrevista com o professor apontou tal afirmativa:

Bom! Eh... como eu falei o fato de ter sido atleta, não influenciou na minha escolha, de fazer, prestar vestibular pra o curso de Educação Física, [...] mas, a partir do momento que eu passei eh... a minha vivência no esporte, juntou com toda questão teórica metodológica que eu aprendi na, na universidade, eu acho que a minha vivência acrescentou no, nos conhecimentos que eu passei a ter durante o curso de Educação Física<sup>38</sup>.

Outro aspecto a ser observado, se refere ao período da formação dos nossos atores sociais, esse demarcado de grande efervescência no campo teórico na área de Educação Física no Brasil, traduzindo na formação de um currículo com um teor crítico em relação aos modelos anteriores, incidindo em um processo de formação descolada de política de governo ou de mercado, apesar de acreditarmos que a procura pela formação em Educação Física esteja atrelado ao interesse físico esportivo.

Dessa forma, ao pensarmos no processo de formação do indivíduo, na transição entre o que se conhece e o que se pode vir a conhecer, se faz necessário refletir sobre uma série de

<sup>37</sup> Extraído da fala do professor Luciano Ferreira Bittencourt em entrevista concedida a este pesquisador em 09 de Agosto de 2014 em sua residência na cidade de Jequié/Bahia.

<sup>38</sup> Extraído da fala do professor Luciano Meira Del Sarto, em entrevista concedida a este pesquisador em 08 de junho de 2014, em nossa residência na cidade de Jequié.

questões que redefinem o processo de trabalho de quem, como, para quem, onde, quando e o que produzir. É neste contexto de mudanças estruturais e conjunturais que se exprimem as demandas profissionais da Educação Física e a forma como a intervenção deste profissional se dará, subsidiada pelo mercado de trabalho.

A dinâmica do processo educativo em uma sociedade que se encontra em transição tem influência direta nas relações que o indivíduo estabelece com seu processo de formação. No caso específico da área de Educação Física, este processo ocorreu de forma marcante por diversas influências, principalmente no início do século XX, mas não só na Educação Física, e sim, “em quase todas as áreas do conhecimento que foram objetos de políticas governamentais nessa etapa do modo de produção capitalista; é o vínculo estreito que a escola estabeleceu com o Estado ao assumir papéis relativos à normatização das relações sociais” (FIGUEIRÊDO PRIMO, 2012, p.60).

Portanto, as análises contidas neste estudo estão longe de esgotar as discussões que envolvam a formação, atuação e currículo de Educação Física, mas, nos apontam para a necessidade de repensarmos o processo, quando “a tendência da percepção não seja apenas a estabilidade, mas também a busca aventurosa do conhecimento” (BOSI, 2003, 41).

E de fato, a busca aventurosa neste estudo de construirmos uma narrativa a respeito da temática, nos possibilitou compreender, elementos importantíssimos do processo de formação profissional em Educação Física, corroborando com o pressuposto de que o esporte só não contribui no momento de escolha da formação acadêmica, pelo menos, durante o processo, mas, pode ter se constituído enquanto protagonista, permitindo aos atores sociais refletirem sobre suas histórias de vida, na perspectiva de superação das contradições sócio-históricas que possibilitem novas alternativas para transformação educacional.

A partir de então, buscaremos discorrer na terceira parte deste estudo, sobre as práticas educativas dos professores de Educação Física que estão em efetivo exercício da regência e fizeram parte do universo deste estudo. Neste sentido, analisaremos as narrativas desses atores sociais na tentativa de encontrar indícios que apontem para as práticas educativas desenvolvidas nas fases de escolarização e formação acadêmica e profissional dos professores de Educação Física, observando as visões que persistiam durante essas fases, e se essas visões refletem no desenvolvimento das práticas educativas no âmbito escolar, como também, se essas práticas educativas sofrem influências das orientações curriculares propostas para o ensino médio, permitindo-nos inferir sobre tais visões que esses profissionais de Educação Física têm da escola. Para tanto, pautaremos nossas reflexões nas análises das narrativas dos

professores de Educação Física, nossas fontes orais, confrontando com as reflexões trazidas nas orientações curriculares, editadas no ano de 2008.

## 4 MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### 4.1 DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR À FORMAÇÃO PROFISSIONAL: MEMÓRIAS REVIVIDAS

Os momentos que antecederam a construção deste tópico nos possibilitaram proceder a análise das literaturas que nortearam as reflexões sobre a trajetória de criação dos primeiros Cursos de Formação Profissional em Educação Física na Bahia e, posteriormente, o processo de expansão desse curso em todo Estado, propiciando nossa compreensão sobre o conjunto de circunstâncias históricas e sociais que determinaram o rumo da Educação Física no âmbito escolar, permitindo--nos perceber as atitudes perante as manifestações da cultura corporal que favoreceram a opção profissional dos nossos atores sociais, sendo destacado no segundo momento, por considerarmos a importância das informações contidas nas entrevistas concedidas por esses profissionais e, que nos possibilitaram estabelecer diálogos e aproximações entre suas narrativas de história de vida e as literaturas.

Neste tópico, traçamos caminhos que nos permitiram refletir sobre as práticas educativas dos professores de Educação Física a partir da análise das narrativas individuais, frutos das memórias voluntárias<sup>39</sup> desses profissionais, evocadas durante as entrevistas, sobretudo, as referentes ao período de escolarização e de formação profissional, analisando as visões que persistiram durante esses períodos e posteriormente, na atuação no mercado de trabalho, nos propiciando perceber pontos de convergências ou divergências entre essas práticas educativas e as orientações curriculares.

As narrativas de episódios passados apontados no desenvolvimento deste estudo não serão feitas com intuito de se ocupar do passado dos professores de Educação Física, mas de recompô-los no presente com aspectos das histórias de vida desses atores sociais sobre a formação educacional e das práticas educativas desenvolvidas no âmbito escolar, mas, também, buscamos captar nessas lembranças, pontos de continuidade ou descontinuidade e, até mesmo, de rupturas em relação às orientações curriculares.

Antes, porém, acreditamos ser necessário compreendermos que as práticas educativas não estão dissociadas das discussões de currículo, tampouco, de circunstâncias externas ao âmbito escolar. Para tanto, necessário se faz discutirmos e entendermos o currículo na

---

<sup>39</sup> A memória voluntária é uma expressão utilizada neste estudo por Deleuze, “que vai de um presente atual a um presente que ‘foi’, isto é, a alguma coisa que foi presente mas não o é mais. O passado da memória voluntária é, pois, duplamente relativo: relativo ao presente que foi, mas também relativo ao presente com referência ao que é agora passado. O que vale dizer que essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes” (DELEUZE, 2010, p.54).

qualidade de artefato social<sup>40</sup> que exprime desejos que estão sujeitos aos efeitos dados pelos reordenamentos sociais e suas contradições.

Esses reordenamentos exigem transformações em diversos setores sociais, que vão determinar a formação de mão de obra qualificada para atuarem no mercado de trabalho, sujeitando-as às exigências do mundo do trabalho, não como um fator determinante, mas, como fator que pode influenciar na constituição dos currículos de formação, e deste, as estratégias necessárias para organização do trabalho (ANDRADE, 2009).

No entanto, o perfil desse novo trabalhador exigido pelo mercado de trabalho, capaz de abstrair, de selecionar, dar tratamento e interpretação às informações, não tem como ser gerado dentro de determinadas empresas ou instituições sociais em curto espaço de tempo, cabendo ao sistema educacional regular o desenvolvimento de habilidades pautadas em currículos que demonstram uma dimensão mais dinâmica, em que os conhecimentos não são corporificados como algo imutável, mas, susceptíveis às alterações e às mudanças que permitam perceber tais transformações. Nesse sentido, Goodson (2012) nos diz que:

O currículo tal como o conhecemos atualmente não foi estabelecido, de uma vez por todas, em algum ponto privilegiado do passado. Ele está em constante fluxo e transformação. De forma igualmente importante e relacionada, é preciso não interpretar o currículo como resultado de um processo evolutivo, de continuo aperfeiçoamento em direção a formas melhores e mais adequadas. Uma análise histórica do currículo deveria, em vez disso, tentar captar as rupturas e disjunções, surpreendendo, na história, não apenas aqueles pontos de continuidade e evolução, mas também as grandes discontinuidades e rupturas ( p.7).

Partindo dessa premissa, percebemos que o currículo tem se apresentado historicamente como instrumento constituído socialmente para se materializar no âmbito escolar, permitindo que experiências e aproximações aos conhecimentos se traduzam em desejos do sistema social e político, cuja intencionalidade esteja fincada nos reordenamentos dados ao sistema educacional, mas, sem se dar conta da dinâmica e das exigências que as sociedades contemporâneas impõem, muito menos, sem dar respostas às indagações que historicamente surgiram e serviram como norte para as reflexões de classes e de sociedades. Segundo Goodson (2012),

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos ‘nobres’ e menos formais, tais interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades

---

<sup>40</sup> Gimeno Sacristán (2000) se utiliza do termo artefato social para designar todo e qualquer objeto produzido pelo homem historicamente, fruto de uma construção social.

de legitimação e de controle, propósitos de denominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. [...] O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos socialmente válidos (p. 8).

A importância de um processo de reconhecimento de construção curricular dentro de um determinado contexto, expressa uma tradição<sup>41</sup>, que por certo, delibera de maneira intencional, valores e costumes de uma determinada classe social a outrem, entretanto “qualquer tradição [...] é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica” (WILLIANS, 1979, p. 119).

Diz, ainda, o autor que:

Qualquer processo de socialização inclui, é claro, coisas que todos os seres humanos têm de aprender, mas qualquer processo específico une esse aprendizado necessário a uma variação selecionada de significados, valores e práticas, que, na intensidade mesma de sua associação com o aprendizado necessário, constitui a base real do hegemônico (p.120).

Nesse sentido, na visão de tradição apontada por Willians, um artefato social como currículo deveria se constituir ou poderia ser visto como um produto pronto e, conseqüentemente, como um conjunto de saberes selecionados para serem transmitidos por gerações, sendo vistos como se verdades absolutas as fossem. Essa transmissão de saberes evidenciava pressões advindas de classes hegemonicamente dominantes, de maneira a ser reproduzido mecanicamente e totalmente desvinculado da realidade social e cultural dos educandos.

Apesar da compreensão que temos do currículo como artefato construído socialmente, este, não deve ser compreendido como conceito, “mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas” (GRUNDY apud GIMENO SACRISTÁN, 2000, p.14).

Por isso, as reflexões iniciais deste tópico foram feitas com a intenção de demonstrar que as orientações curriculares estão pautadas em uma discussão de currículo e, que estes, se constituem partes indissociáveis da estrutura escolar, devendo ser compreendidos na qualidade de documentos que exprimem desejos, geralmente coordenados e deliberados por políticas de governo e, dessa maneira, estão longe de traduzirem um caráter ingênuo, logo,

---

<sup>41</sup> Raymond Willians (1979, p.118) afirma que a tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais poderoso. O que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural.



sujeitos às intervenções, reelaborações e direcionamentos de determinados setores da sociedade.

Outro aspecto que nos traz estas reflexões recai na necessidade que sentimos de verificar ao longo de nosso estudo, os seguintes questionamentos: Que visões de currículo persistiam nas aulas de Educação Física no período de escolarização dos professores? Elas persistiram durante a formação profissional? E quais os reflexos dessa formação profissional no desenvolvimento das práticas educativas no âmbito escolar? As respostas a estas indagações, buscamos nas entrevistas concedidas pelos professores durante o período de coleta dos dados, quando demos o devido tratamento às diversas narrativas.

Em relação a visão de currículo que persistia no período de escolarização, das narrativas obtidas durante as entrevistas, três nos chamam a atenção por expressar aspectos sociais em uma relação estreita com o sistema de escolarização, que teve influências dos métodos ginásticos implantados pelas instituições militares nas aulas de Educação Física, conduzidas por militares, mas, também, por professores civis que incorporaram essa concepção.

Salientamos que os momentos históricos vividos por nossos atores sociais durante a fase de escolarização, revelaram as preocupações de outrora, quando os currículos já se constituíam em referenciais para a educação, se propondo a dar direcionamento no processo de formação humana, impondo normas e valores dos grupos dominantes da sociedade.

A primeira narrativa que nos oportunizou perceber a influência dos métodos ginásticos enfatizados pelos militares foi a do professor Franck Nei Monteiro Barbosa, no momento em que ele contou como as aulas eram conduzidas pelos professores de Educação Física civis, no Instituto de Educação Régis Pacheco - IERP, em que os conhecimentos enfatizados se restringiam às ginásticas calistênicas, a corrida e ao esporte, representado na monocultura do futebol.

[...] Eu lembro que a gente fazia calistênia, os exercícios de calistênia, né? Nas aulas, eu lembro de alguns professores, eh ... professor Gugu, Nino, Vandé [...], mas quem foi mais meu professor foi o Vandé, né? Mas a gente fazia muito exercício de calistênia, a gente trabalhava muito também com corridas, e raramente, mas, muito raramente, uma brincadeira diferente, que foi com Gugu, eu já fiz aula com ele e ele fez isso, mas era raro, era raríssimo. E tinha futebol, mas futebol infelizmente só jogava quem era os selecionados pela escola, né? Vamos dizer assim, e o que jogava mais não deixava quem jogava menos jogar.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Extraído da fala do professor Franck Nei Monteiro Barbosa em entrevista concedida a este pesquisador em 14 de julho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.

É importante destacar, que os estudos históricos relativos à área de Educação Física, revelam que a referida área esteve a serviço de uma ordem vigente, servindo de instrumento de manutenção do status quo, conforme nos apontou Castellani Filho (2009), ao se referir as atividades desenvolvidas nas escolas europeias e, posteriormente em todo o mundo, se constituindo em locus privilegiado para preparação do contingente humano na nova ordem. Vejamos no fragmento abaixo quando afirma que:

[...] os exercícios físicos na forma cultural de jogos, ginástica, dança e equitação surgem na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. Esse é o tempo e o espaço da formação dos sistemas nacionais de ensino característicos da sociedade burguesa daquele período. [...] Esse tempo e espaço, ou seja, a Europa de fins do século XVIII e início do século XIX, constitui-se em palco da constatação e consolidação de uma nova sociedade – a sociedade capitalista – onde os exercícios físicos terão um papel destacado (CASTELLANI FILHO et al, 2009, p. 50).

A intensa influência das instituições militares no trato com a Educação Física na sociedade brasileira, teve sua maior ênfase nas décadas iniciais do século XX, coincidindo com o período de instauração das primeira e segunda Guerra Mundial, haja vista que as influências dos métodos ginásticos sobre rigorosa influência das instituições militares, em especial, do exército brasileiro no âmbito das escolas brasileiras aconteciam de forma incisiva, o que nos leva a inferir que tal instituição tinha propósitos para além do processo de escolarização, qual seja a manutenção da ordem e a preparação de jovens fortes e saudáveis para a defesa da pátria (CASTELLANI FILHO, 2009).

O fato de o período supracitado corresponder a quase quatro décadas anteriores à escolarização dos atores sociais que fizeram parte da nossa pesquisa, demonstra que as influências das instituições militares nas escolas perduraram também, durante todo período de ditadura militar nos idos de 1964 a 1985, fato destacado na segunda narrativa, que foi propiciada pelo professor Laerson Lopes da Silva, que na fase de escolarização estudou no Instituto de Educação Régis Pacheco. No fragmento da narrativa abaixo, o referido ator social demonstrou os momentos de medo e inquietude vividos pelos educandos, provocados pelos militares, que conduziam as aulas de Educação Física pautadas na calistênia e no rigor. Vejamos com detalhe a narrativa abaixo, quando o professor Laerson Lopes nos diz que:

[...] a partir da calistênia, eh... verificada pelo rigor militar, era um rigor que a gente ia pras aulas de Educação Física com medo, com medo das broncas, eu ficava admirado, eu tinha medo, não só eu, mas como meus coleguinhas, na época, todo mundo pequenininho e aí, via os militares lá, os moldes militar, inclusive tinha o sargento... não lembro o nome dele agora, mas, posteriormente, eu posso até lembrar o nome, mas nessa época, pesquisando

pode se saber nessa época eh... quem é que foi os sargentos. E aí, eles iam até fardados com a roupa de... de... não iam com roupa de campana, roupa de campana não, mas iam com roupas, com calça de Educação Física do exército e a, a camisa do exército de Educação Física e o rigor era militar mesmo, né? Os gritos, apitos, o rigor da ordem unida, a gente tinha que saber marchar, então a gente não estava no exército ali, tinha que saber marchar, saber... sentido, descansar, não sei o que e vamos lá, tan... tan... tan... tan... dava a volta naquele e todo mundo, as turmas todas, todas, todas, praticamente e parecia que a gente no... no... no acampamento militar, que eu lembro bem, tudo formatado, uma, duas, três, quatro linhas assim, tudo no formato de batalhão. Hoje, hoje eu dou risada e achava tão ridículo aquilo, mas, o modo militar pra escola, mas a história, a história mostra como foi essa transição da Educação Física militar e como ela estava inserida na escola, isso é bastante, bastante interessante [...]<sup>43</sup>

E a terceira narrativa que retratou a visão da Educação Física no trato com o conhecimento da área, foi concedida pelo professor Alberto José Andrade Ferreira. Durante a entrevista o referido professor acrescenta um novo elemento a narrativa, pois sinaliza o momento de transição entre a influência dos militares e o início a uma prática educativa que se pautava Educação Física Desportiva Generalizada. Vejamos no fragmento abaixo o trecho da narrativa do professor Alberto José que caracteriza tal prática:

Justamente. Essa com os vestígios da Educação Física militar e com aquela mudança da Educação Física militar pra, eh, pra Educação Física da prática desportiva, eu ainda peguei aquela fase que só ia pra equipe de esporte quem tinha uma determinada habilidade num determinado esporte, não era todo mundo. Por exemplo, o que se destacava, o professor tirava da aula de Educação Física, ele, os outros continuavam praticando esporte dentro da aula de educação física, mas na equipe de, da escola, eh, o professor selecionava os melhores atletas. Então, o cunho era realmente rendimento, mas não rendimento, aquele alto rendimento, mas sim rendimento.<sup>44</sup>

Percebemos então, que as narrativas dos três professores evidenciaram pontos de convergências nas análises das aulas desenvolvidas na área de Educação Física durante o período de escolarização, demonstrando com clareza os pontos de contato entre essas lembranças, favorecendo que se constituam em uma memória coletiva dos professores de Educação Física em relação às influências das instituições militares nas práticas educativas.

---

<sup>43</sup> Extraído da fala do professor Laerson Lopes da Silva em entrevista concedida a este pesquisador em 22 de julho de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia.

<sup>44</sup> Extraído da fala do professor Alberto José Andrade Ferreira em entrevista concedida a este pesquisador em 12 de Agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

A relação entre as lembranças individuais de outrora de fatos ou episódios comuns consistem em uma memória coletiva e está justificado nos estudos desenvolvidos por Halbwachs (2003), quando afirma que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (p.39).

Dessa maneira, os fatos constatados nas entrevistas ora citados ratificam a ideia das intervenções e influências dos militares sobre o processo de formação educacional no componente curricular Educação Física, mas, também, sinalizam a necessidade de adequação das escolas aos ordenamentos mundiais daqueles momentos históricos, favorecendo uma apropriação de outros conhecimentos da cultura corporal pela referida área. Dentre as expressões desenvolvidas no âmbito escolar, o esporte teve um destaque fundamental na consolidação da Educação Física escolar, conforme apontou os estudos de Castellani Filho et al (2009) quando afirma que:

[...] o Método da Educação Física Desportiva Generalizada, divulgado no Brasil por Auguste Listello. Predomina nesse último a influência do esporte que, no período pós-guerra, apresenta um grande desenvolvimento, afirmando-se paulatinamente em todos os países sob a influência da cultura europeia como elemento predominante da cultura corporal (p. 53).

O destaque dado ao esporte no âmbito das instituições escolares como conhecimento/conteúdo de ensino no componente curricular Educação Física, reforça a ideia de que as escolas brasileiras, bem como, outros setores da sociedade, sofreram influências de países com aspectos socioculturais e políticos diferentes do Brasil, a exemplo de países da Europa e os Estados Unidos, cujas intenções eram desenvolver nas escolas um maior grau de eficiência onde o currículo escolar reproduzisse ordenamentos do modo de produção capitalista e, assim, colocasse o Brasil no cenário mundial sobre viés do esporte de rendimento, tendo na escola o espaço propício para reprodução desses valores. Destaca-se ainda, a importância da legalização<sup>45</sup> para a Educação Física no âmbito escolar no período

---

<sup>45</sup> As reflexões sobre a legalização da Educação Física no âmbito escolar estão destacadas na Tese de Doutorado Marcos Aurelio Taborda de Oliveira, intitulada: A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência. PUC/São Paulo, 2001. Em um fragmento desse estudo, afirma o autor que: [...] a Educação Física escolar foi conformada de forma autoritária pelo Estado no Brasil, a partir das reformas educacionais de 1968 (Lei 5.540) e 1971 (Lei 5.692). Segundo as análises oriundas desses estudos, no interesse do desenvolvimento de um maior grau de eficiência produtiva no mundo do trabalho e pressupondo a importância da educação escolarizada para se atingir este fim, a tecnificação do ensino patrocinada pelo governo teria como premissa

ênfatisado, servindo para reforçar e legitimar tais práticas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001).

Por força da Lei, a Educação Física foi introduzida ao currículo escolar, dando-lhes status de disciplina escolar obrigatória, sendo assim, imposto ao currículo componente que representasse os desejos da sociedade, reproduzindo em alguns momentos de forma inconsciente os desígnios recheados de crenças e valores do sistema vigente. Dessa forma, o currículo escolar representou e ainda representa as múltiplas práticas, que são de ordem política, administrativa, intelectual, etc., incidindo na ação pedagógica e, que a Educação Física passou a reproduzir no âmbito escolar, práticas educativas de forma mais ou menos coerente a serviço da classe dominante (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001).

Então, as discussões sobre currículo ficavam restritas a transmissão de conhecimentos que muitas vezes estão distantes da realidade social dos educandos, ou seja, “não falamos de aprendizagem, e sim de ensinamento, isto é, de uma ação consciente, deliberada e encaminhada para que a aprendizagem siga certas pautas e alcance certos objetivos” (ENGUIITA, 2013, p. 54).

Neste sentido, Freire (1987) argumenta que o processo educativo se tornou um ato de depositar saberes que serão memorizados pelos educandos e, que esses educandos na condição de depositários pacientes, reproduzirão sem refletir sobre os sentidos e os significados desses saberes para suas vidas, tendo a figura do educador/depositante o papel de transmitir valores que refletem a sociedade opressora e suas contradições.

Percebe-se então, que os objetivos estabelecidos para escola estão muitas vezes distantes da realidade material dos educandos, sobretudo, por percebermos que a escola se constituiu ao longo da história, lócus de controle social e reprodução de valores da sociedade que buscou se adequar ao modo de produção capitalista enquanto diretriz para o “desenvolvimento” e, como a Educação Física estava no contexto de uma política educacional, aproveitou o momento para incorporar o esporte enquanto conteúdo mais ênfatisado, tendo como parâmetro o rendimento. O fragmento abaixo da narrativa do professor Franck Nei ratifica a visão do modelo de esporte que passou a prevalecer nas práticas educativas dos professores de Educação Física durante a fase de escolarização:

---

básica a disciplinarização, a normatização, o alto rendimento e a eficácia pedagógica. Esse pressuposto seria orientado pelo alinhamento do país a uma ordem mundial calcada no desenvolvimento associado ao capital internacional, mais explicitamente, norte-americano. Segundo esta concepção, é irrefutável a tese da dependência estrutural, o que implica necessariamente a dependência cultural, aí incluída a educação em geral e, no âmbito deste trabalho, a Educação Física escolar em particular (p. 32-33).

E no IERP aconteceu uma coisa que foi ruim, mas que graças a Deus não me marcou muito não, mas eu me lembro disso, porque quando eu fui... uma das modalidades esportivas que eu fui treinar que sempre chama os alunos do colégio, né? "Quem tá interessado?" Eu fui, eu não recordo mais qual a modalidade esportiva, mas eu sei quando eu cheguei lá, aí teve uma peneira, né? E o primeiro toque que eu dei numa bola, não sei se foi de basquete, de vôlei, de handebol, não sei, o professor: não, você não dá não, você não serve, você não serve pra essa modalidade, não. Só foi o único toque na bola e fui dispensado. Não pude praticar a modalidade desportiva<sup>46</sup>.

Segundo Bourdieu (1990, p.208), "é preciso relacionar esse espaço de esporte como o espaço social que se manifesta nele", ou seja, a forma com a qual faziam usos do esporte, na qualidade de conhecimento mais enfatizado nas aulas de Educação Física escolar, sobretudo, nas escolas em que os professores de Educação Física estudaram, independentemente do modelo político adotado pelo Brasil, promovendo processos de seleção dos mais hábeis, agéis e fortes em detrimento da participação da massa estudantil, quando a visão que persistia nas aulas de Educação Física durante esse período de escolarização, reforça a ideia de uma educação acrítica, incapaz de propiciar aos educandos olhares para realidade social ao ponto de compreender o papel a ser exercido perante essa sociedade.

A partir dessas evidências, passamos a analisar as narrativas da fase de formação profissional no intuito de percebermos as visões que persistiram das práticas educativas nos Cursos de Educação Física em que nossos entrevistados concluíram a formação acadêmica, principalmente, por se tratar de espaços acadêmicos diferenciados e, por entendermos que:

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais [...]. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas (GOODSON, 2012, p. 10).

Pensar em diferentes formas de constituição curricular em contextos educacionais e sociais diferenciados, significa percebermos que as expressões socioculturais não poderiam ser desprezadas ou inviabilizadas das reflexões de currículo. Então, analisaremos as narrativas dos professores de Educação Física partícipes deste estudo, na tentativa de encontrar indícios que apontem a constituição dos currículos das universidades em que nossos atores sociais concluíram a formação acadêmica e profissional, refletindo a luz dos olhares desses professores em relação aos tratos com conhecimentos. As narrativas estão dispostas em sequências por instituição, ou seja, as narrativas dos egressos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e, posteriormente, do egresso da Universidade Católica do

---

<sup>46</sup> Extraído da fala do professor Franck Nei Monteiro Barbosa em entrevista concedida a este pesquisador em 14 de julho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.

Salvador, favorecendo a identificação de que espaço de Formação Profissional estamos nos referindo.

As primeiras narrativas analisadas foram as do professor Luciano Meira Del Sarto. Nelas, buscamos respostas as nossas indagações que norteassem nosso estudo.

Após analisarmos as narrativas do professor Luciano Meira Del Sarto, percebemos que a vivência no esporte durante a fase de escolarização e, posteriormente na Seleção de Voleibol do município de Jequié, favoreceu que o referido ator social buscasse na formação acadêmica, elementos que o subsidiasse suas práticas educativas quando ingressasse no mercado de trabalho, fato que a principio lhe causou conflitos, pois no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, os olhares em relação ao esporte em determinado momento eram de negação ao modelo de esporte historicamente difundido, mas, em outros, os debates que surgiram no decorrer do curso propiciaram novos olhares em relação ao trato com os diversos conhecimentos abordados pela área de Educação Física. Vejamos nos trechos das narrativas do professor Luciano Meira Del Sarto:

[...] Eh... em relação ao conteúdo aplicado no ensino médio, nas aulas de Educação Física, apesar de não ter vivenciado tanto, e quando eu fui pra faculdade, existe um choque. Por quê? Estava naquela discussão, [...] esporte não pode ser praticado, esporte não cabe dentro da escola, então assim, dá uma reviravolta que na, a princípio embananou um pouco minha cabeça, porque imaginava assim, 'peraê', como que eu vivi o esporte o tempo todo, e hoje se discrimina dessa forma esse esporte dentro da escola, dentro da escola, então pra mim, foi um pouco de choque, até eu conseguir entender, que cabe sim, esporte dentro da escola, da forma que é trabalhado, ele cabe.<sup>47</sup>

Narra, ainda, o professor que:

Eh... como eu falei o, a minha entrada na, na, na universidade, e já pratiquei, já jogava voleibol, então, toda, toda a fundamentação teórica que eu tive na, na universidade, todos os debates, todas as disciplinas, vieram acrescentar e fazer com que eu pudesse perceber eu enquanto atleta de voleibol, por que eu estava fazendo aquela... por que talvez eu não entendesse por que eu faço isso, eu não tinha essa vivência da universidade, e dentro da universidade, a partir do debate, a partir de discussões, a partir de estudos, eu passei a entender muita coisa que era feita [...].<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Extraído da fala do professor Luciano Meira Del Sarto, em entrevista concedida a este pesquisador em 06 de abril de 2014 na sua residência, na cidade de Jequié/Bahia.

<sup>48</sup> Extraído da narrativa do professor Luciano Meira Del Sarto em entrevista concedida a este pesquisador em 08 de junho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.

Outra narrativa que serviu para analisarmos o currículo de formação foi concedida pelo professor Franck Nei Monteiro Barbosa. Durante a entrevista, o referido professor expõe o encantamento que tivera ao ingressar na academia e se depara com as discussões realizadas no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, diferenciando a abordagem do esporte na escola da abordagem feita do esporte na universidade. O fragmento abaixo, apesar de extenso, acreditamos ser necessário apresentá-lo na íntegra, por entendermos, que traz especificidade que demonstram as visões das práticas educativas que persistiam na universidade, permitindo-nos confrontar os diferentes olhares que os atores sociais, professores de Educação Física, trazem em relação aos conhecimentos abordados, neste caso, os esportes, a partir da intensidade que tal elemento da cultura corporal foi vivenciado em determinado momento histórico. Narra o professor Franck Nei que:

Eu queria mais, eu queria aprender, eu queria crescer e eles queriam isso também, então juntou, como diz o meu pai e minha mãe, 'juntou a fome com a vontade de comer'. Então, assim... pra mim foi... e a forma deles pensarem a Educação Física totalmente diferente da que eu vi antes e pensar o esporte, também, totalmente diferente do esporte que eu conheci. Se o esporte que eu conheci já era bom, o esporte que eu vi na universidade foi melhor ainda, entendeu? [...] Porque a abordagem do esporte na universidade... era uma abordagem que o foco não era o esporte, o foco era o ser humano que fazia o esporte. Pelo menos foi a leitura que eu comecei a fazer. De repente alguns professores na educação, no ensino fundamental e no ensino médio, educação básica, até poderia pensar assim, mas naquela época eu não pensava assim, eu não conseguia enxergar, não consegui ver esse, enxergar o esporte dessa forma, entendeu? Então, na universidade os professores conseguiram abrir os meus olhos pra esse outro lado, essa vertente, do esporte e desse ser humano que fazia o esporte. Então, se aquele esporte que eu via na escola selecionava e aquele esporte que eu participava, ele selecionava os melhores e só os melhores continuavam, na universidade eu vi que, os melhores existiam, mas que pra existir os melhores tinham que ter outros, entendeu? Então o esporte não é feito só do campeão. Pra ter um campeão tem que ter várias pessoas que vão participar, que vão competir, né? E sem ser humano não tem esporte. Se você colocar uma competição de robô não é a mesma coisa. Tem um... tem um joguinho, aí, interessante na... o jogo da mídia, que eles botam o time, mas você escolhe o time. Você escolhe o jogador, você seleciona, tem nome, entendeu? Então assim, não é só... não é o esporte sozinho. É como o torcedor, ele escolhe. É uma paixão, um amor, entendeu? Então assim, eu vi nos professores, aliás, os professores fizeram que eu observasse, que o esporte ia além... da competição, entendeu? Inclusive nuances que até mesmo fora da competição, mas que é o esporte acontecendo e eu vi isso na universidade. Os meus professores tiveram essa capacidade de abrir os meus olhos pra essa, pra esse lado que o esporte, do esporte que eu não conhecia e conheci lá e gostei. Inclusive o esporte onde todos podem participar, independente se ele é mais habilidoso ou menos habilidoso... então, e foi nesse esporte que eu acreditei, gostei e é nesse esporte que eu penso quando tô na escola... trabalhando hoje com meus alunos, entendeu? É o esporte que ele ao invés de excluir, ele tenta incluir ao máximo, mesmo com diferenças (BARBOSA, 2014).



A terceira narrativa que apresentaremos foi concedida pelo professor Luciano Ferreira Bittencourt. Durante a entrevista percebemos que o professor Luciano Ferreira Bittencourt teve e continua tendo vivências intensas com o esporte e, que este, o esporte, norteou sua opção pela Educação Física, como apontamos no capítulo II deste estudo.

Esses momentos intensos vividos no esporte antes e durante seu ingresso no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB e, posteriormente a sua saída para o mercado de trabalho, favoreceram que os conhecimentos adquiridos anteriormente fossem confrontados com as abordagens feitas no espaço acadêmico. A narrativa a seguir traz um fragmento também extenso, mas, importante para refletirmos e confrontarmos com as narrativas anteriores, principalmente a visão das práticas educativas sobre o olhar do professor Luciano Ferreira Bittencourt. Com a palavra nosso ator social:

Então assim, eu acho que a... a universidade, o curso da universidade, o curso em si, do ponto de vista de conhecimento técnico, ele acrescentou muito pouco, acredito que não só pra mim, né? Mas pra a maioria dos meus colegas. Isso eu tenho muito claro hoje. Obviamente que eu não vou dizer que o curso, o curso foi um curso importante, mas a gente precisa entender o currículo da Educação Física, justamente esse currículo, o currículo e a construção da grade curricular desse curso de Educação Física foi... foi de 1997 que foi a primeira turma. Nem sei se a grade curricular é a mesma, mas se for exige uma reforma, se ainda for acredito que exige uma reforma urgente. Mas o que eu quero dizer é que essa época também, eh, é interessante e aí eu tenho, eu tenho, eu fiz essas observações, nós temos um curso de Educação Física e eu fui da primeira turma e toda primeira turma a gente sabe que sofre alguns... alguns transtornos ao longo do processo, né? Nós não tivemos, digamos assim, espaço adequado pra maioria das práticas, nós não tivemos um ginásio de esportes, nós não tivemos uma academia, hoje você vê a estrutura, ela é importante sim, a gente sabe que é importante. Então, o curso de Educação Física hoje na UESB, é um curso, o curso que eu fiz é outro. Outro detalhe importante, os professores do curso de Educação Física, na sua maioria, eram recém-formados, a sua maioria da UFBA, né? Aí o professor Roberto Gondim tem um livro que é História da Educação Física na Bahia: Cenas e Flash da História, diretamente não, mas ele vai falar justamente dessa influência das universidades federais na... na disseminação dos cursos de Educação Física no interior da Bahia. Então assim, e qual é o perfil dos profissionais que foram formados pela UFBA? E naquele momento histórico, né? E é bom fazer esse resgate pra gente entender qual foi a formação dos professores de Educação Física. Nós temos professores formados na... na UFBA numa linha, digamos assim, em que, apesar de muito serem ligados ao esporte, nós temos toda aquela... aquela crítica que é fruto lá da, da década de 80, do processo de redemocratização do país, há uma crítica ao modelo que se instalou da universidade nos cursos, da questão do tecnicismo, da visão positivista e cartesiana de mundo, então esse curso de Educação Física, tô falando isso, porque eu fiz um curso de letras antes, eu via bem esse perfil, então assim, a gente vê um curso numa perspectiva maior, né? Abandonado um pouquinho da questão técnica dos fundamentos das modalidades esportivas, a gente vê professores que nas suas aulas se detinham mais, eh... essa questão mais sociológica do esporte,

essa discussão mais do ponto de vista, eh... sociológico mesmo, um olhar sociológico sobre o esporte e em muitos momentos da formação do curso, o conhecimento técnico que é importante, nós, eu acho que ficou um pouquinho a desejar. A gente só vai perceber isso, na verdade, quando a gente vai pra... pro universo de trabalho e aí, eu tenho certeza que não só eu, né? Mas os colegas que se formaram nesse momento, veem essa, essa, talvez, essa defasagem. Então assim, acredito que aqueles que tiveram a vivência esportiva antes da universidade, né? Tenham se saído melhor nessa prática pedagógica, sem o subsidiar... subsidiado justamente por essa experiência prática antes da universidade, né? [...] (BITTENCOURT, 2014).

Na narrativa obtida com professor Luciano Carolino Pinto, retiramos um fragmento que demonstra que a intensidade vivida com a prática dos esportes durante o período de escolarização, se constituiu de fundamental importância para formação acadêmica na Universidade Católica do Salvador, que tinha em sua base curricular a ênfase ao esporte, bem como, as atividades físicas na relação com a promoção da saúde e, dessa forma, a possibilidade de instrumentalizar seus estudantes para atuarem no mercado de trabalho na qualidade de técnicos, independentemente do espaço de atuação. Vejamos o trecho da narrativa que demonstra o trato com o conhecimento:

[...] A Católica, não sei hoje, mas ela era bem tecnicista e eu gosto disso aí, dessa questão da... da... da parte técnica, do treinar mesmo, sabe? Isso aí eu gosto, isso aí teve muito haver comigo mesmo, realmente. Naquela época o... o currículo lá era bem tecnicista, eu não sei hoje, como está hoje, não sei se há alguma modificação, que deve ter tido, eu acho que até, tá até um pouco mais, mais alongada, quatro anos, antigamente era até três anos. Eu mesmo me formei em três anos e meio, porque eu perdi uma disciplina, fisiologia humana, mas... mas me atrasou um semestre só, mas foi tranquilo. Mas eu acredito que... que seja ainda aquela, aquela mesma coisa<sup>49</sup>.

Percebemos então, que as análises das narrativas dos professores de Educação Física da fase de transição entre a Educação Básica e o Ensino Superior, favoreceram que alguns aspectos inerentes ao currículo, como: conhecimentos enfatizados; a opção de encaminhamentos metodológicos; e processo de avaliação dos cursos por parte dos egressos fossem observados, nos possibilitando inferir sobre dois aspectos: 1) os diferentes espaços acadêmicos propiciaram diferentes olhares no trato com os conhecimentos que a área de Educação Física discute, em especial, o esporte; e 2) que, em um mesmo espaço de formação, a depender da intensidade em que os esportes foram vivenciados nas fases de escolarização, propiciaram olhares diferenciados para as abordagens desse elemento da cultura corporal feitas no âmbito acadêmico.

---

<sup>49</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

É importante entendermos que o currículo na qualidade de artefato recheado de significado para ser consolidado dentro de um tempo determinado e de espaços específicos, deve estar de acordo com a especificidade do sistema educacional, possibilitando percebê-lo além dos propósitos atribuídos a tal artefato durante a trajetória histórica, como também, na qualidade de documento que serviu e serve de suporte às reflexões que devem ser geradas no referido sistema e na sociedade.

Gimeno Sacristán (2013) afirma que a constituição dos currículos se dá de maneira complexa a depender do público a qual tal artefato se destina, variando em termos de exigências e socialização dos conhecimentos. Vejamos o trecho dos estudos desenvolvidos pelo autor, quando diz que:

Os currículos são complexos, [...] e eles são distintos de acordo com os níveis e as especialidades que existem dentro do sistema educacional. Dizer que são distintos não significa tanto que seus conteúdos variem (o que também é verdade), mas que, por exemplo, eles são valorizados de maneira desigual, recebem pressões de diferentes frentes, se dirigem a públicos distintos (p.28).

Portanto, as lembranças trazidas pelos professores de Educação Física sobre as práticas educativas nas fases de escolarização e formação profissional apresentou pontos de convergências entre as visões de currículos que se tinham e as atividades desenvolvidas, nos possibilitando refletir a respeito dos diferentes olhares e lembranças que esses atores sociais trouxeram das aulas de Educação Física naqueles cenários sociais, permitindo construir uma trajetória a partir dessas análises que nos permitam observar aspectos inerentes à atuação profissional no âmbito escolar.

Então, no tópico a seguir, procuraremos encontrar pontos de convergências e divergências nos diálogos entre as memórias dos atores sociais e os aportes teóricos que fundamentam as orientações curriculares para o ensino médio, que nos permita refletir sobre as permanências e mudanças nas práticas educativas desses professores no desenvolvimento do trabalho educativo, por acreditarmos que a escola se constituiu em um grande cenário de contradições, que favorecem momentos de reflexões e de lutas contra a reprodução de valores e práticas sociais dominantes.

#### 4.2 DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Discorrer neste tópico sobre as práticas educativas dos professores de Educação Física no âmbito escolar, nos possibilitaria trazer às nossas lembranças aspectos que nos propicia

editar uma longa metragem da nossa história de vida profissional, trazendo episódios dos períodos que antecederam nossa carreira profissional, permitindo-nos analisar e refletir sobre as fases vivenciadas nas aulas de Educação Física escolar, em que as práticas educativas pautavam-se em manuais de instrução, trazendo em seu âmago o caráter de disciplinarização, condicionamento físico e, posteriormente, a esportivização.

Para tanto, acreditamos ser necessário focar nossas reflexões nas narrativas dos professores de Educação Física sobre as práticas educativas desenvolvidas nas unidades escolares que atuam, quando buscamos perceber os aspectos que nortearam a construção das propostas pedagógicas, confrontando essas práticas educativas com as orientações curriculares para o ensino médio e, assim, observarmos as visões que persistem nas aulas do referido componente.

Essa posição de trazer as narrativas dos professores sobre as práticas educativas propostas nas aulas de Educação Física escolar, de modo a reavivar em suas memórias as atividades vividas durante suas experiências profissionais, nos permite reconhecer, que não basta recordarmos de acontecimentos passados para que essas lembranças se corporifiquem no presente com exatidão, necessário se faz que as recordações de outros atores sociais favoreçam a formação de consistente massa de lembranças acerca dessas práticas. Neste sentido, buscamos justificativa para este posicionamento nos estudos de Halbwachs, quando afirma que:

[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2003, p.29).

Outro aspecto que destacamos neste tópico se refere à possibilidade de estabelecermos paralelos entre as narrativas e as orientações curriculares, por compreendermos a importância de tais documentos, em especial, pelo fato dessas orientações terem sido fundamentadas com base nos esforços coletivos da comunidade acadêmica e escolar, que se propôs a estabelecer diálogos contínuos sobre as práticas pedagógicas da Educação Física no âmbito escolar, se constituindo em documentos que orientam as disciplinas escolares, neste caso, o componente curricular da Educação Física, dando-lhe autonomia para que os professores construam dentro das suas possibilidades e peculiaridades, propostas pedagógicas para área, baseados em temas que traduzam suas experiências, mas, que, se aproximem das realidades sociais dos educandos e educandas (BRASIL, 2008).

A partir de então, apontamos alguns aspectos interessantes contidos nas orientações curriculares e, posteriormente, apresentamos os professores de Educação Física que narram suas experiências no âmbito escolar.

Para tanto, é importante destacar que tais documentos, em especial, a parte que trata da Educação Física, encontram-se amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de nº 9.3494/96, na Resolução do Conselho Nacional da Educação Básica, de nº 3, de junho de 1998, que define as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio, e no Decreto Lei nº 10.793/03, que trata da isenção da prática corporais nas aulas de Educação Física para os educandos e educandas que se julgam incapazes para vivenciar as atividades. Todavia, esse último dispositivo, foi questionado com veemência no documento, por se tratar de aspectos superados no âmbito escolar, ou seja, a escola deve incluir, e não utilizar-se de dispositivo para ratificar a exclusão.

Tal documento traz a tona discussões sobre a identidade<sup>50</sup> da Educação Física em contextos históricos diversos. Essa identidade perpassa pelos papéis atribuídos a Educação Física no cenário escolar, como: preparação de corpos para o mundo do trabalho; eugenia e assepsia de corpos, buscando a depuração da espécie humana frente às exigências da classe dominante; formação de atletas, bem como, instrumento de disciplinarização e interdição do corpo (BRASIL, 2008).

As identidades assumidas pela Educação Física escolar na história da Educação brasileira, refletiam os desejos das classes no poder sem ter a preocupação com processos educativos que libertassem os sujeitos ao invés de aprisioná-los em diretrizes curriculares impostas ao processo de escolarização, onde a produção de discursos e intervenção sobre o corpo social se tornavam mais evidentes, transmitindo aos sujeitos do processo de constituição social, neste caso, aos educandos e educandas, visões utópicas e camufladas da realidade social e, assim, transformando-os em objetos de controle.

Esse discurso de interdições e controle social sobre o corpo encontra-se respaldado nos estudos de Foucault (2011), quando nos diz que havia “uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder [...]. Ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (p.132).

Diz, ainda, o autor que:

---

<sup>50</sup> O termo identidade não está apresentado no texto na qualidade de categoria de análise para esta dissertação, mas, sim, faz referência a forma com a qual o documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio cita o termo.

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, a grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo tempo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício (FOUCAULT, 2011, p.132-133).

Observamos nas narrativas dos professores de Educação Física durante este estudo e nas literaturas que nos respaldaram, que a produção discursiva sobre um determinado objeto, busca sua efetividade nas estruturas sociais, onde a escola se constitui parte integrante dessas estruturas, podendo deixar vestígios tanto benéficos, a partir do momento em que essa produção de discursividade não segue a lógica da exclusão ou a subjetivação<sup>51</sup> do corpo a uma máquina, quanto aos efeitos nocivos a outros corpos que sofreram as sujeições, onde esse poder saber se perpetuou.

Portanto, a identidade da Educação Física nas orientações curriculares busca superar esses efeitos nocivos provocados historicamente a partir da compreensão de que as práticas corporais desenvolvidas no âmbito escolar se configuram em um conjunto de saberes capazes de propiciarem aos estudantes, aprendizagens que lhes possibilitem intervir na realidade social, ou seja, os professores de Educação Física devem entender a escola enquanto espaço de construções de saberes, mas, também, de contradições e de lutas contra os valores propagados pelas classes dominantes.

Nas orientações curriculares, as discussões perpassam pela ideia da escola enquanto espaço sociocultural e de diversidade, capaz de apresentar as novas gerações saberes que possibilitam a formação de indivíduos aptos a intervir na sociedade. A esse respeito o fragmento do trecho das orientações curriculares aponta que:

Pensar a escola como espaço sociocultural nos remete à responsabilidade de refletir sobre qual tratamento dado a cultura estamos defendendo. A escola torna-se, nessa perspectiva, um grande projeto cultural, que apresenta às novas gerações uma gama de saberes, conhecimentos e valores. Mais do que isso, aponta caminhos e instaura relações com o saber, com a cultura e com as pessoas. A escola produz toda uma dinâmica cultural que institui visões de homem, de mulher, de mundo e de sociedade [...] (BRASIL, 2008, p.219).

---

<sup>51</sup> Subjetivação em Foucault designa a um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. (ver em Judith Revel – Dicionário Foucault, 2011, p, 144).

Neste sentido, as orientações curriculares emergem das preocupações advindas dos trabalhadores em Educação com as políticas de currículos destinadas aos setores (em especial ao ensino médio), que se preocupavam com os ordenamentos impostos pelas demandas sociais, preparando alguns estudantes para o ingresso no espaço acadêmico e conseqüentemente, a formação profissional qualificada e reservada a poucos, em detrimento da grande massa de educandos e educandas que ingressavam e ingressam no mercado de trabalho, sujeitos a estagnações e comodismos e, por assim dizer, propensos a explorações.

Dessa forma, a visão proposta nas orientações curriculares, pressupõe a:

[...] superação de um modelo dual e elitista de escolas que ainda vigora, modelo esse pautado por uma educação propedêutica, preparatória para o vestibular para alguns e preparatória para a entrada acrítica no mundo do trabalho para outros, exclusividade para os mais pobres” (BRASIL, 2008, p.223).

Percebemos ainda, que na proposta do Governo, as orientações quanto ao trato com os conhecimentos/conteúdos da Educação Física, diferem dos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, tampouco, das literaturas que fazem proposições para a referida área, mas, sugerem que sejam socializados pelos profissionais de Educação Física atendo-se ao conjunto de manifestações culturais historicamente produzidas pela humanidade.

É importante considerarmos que não se constituem objetivos das orientações curriculares, proposições que apontem para a seleção e sistematização de conteúdos, sequências didático-pedagógicas e metodologias, mas, sim, nos provocam a analisar aspectos culturais que envolvam o processo de aprendizagem, sobretudo que valorizem as culturas regionais. Vejamos trechos das orientações que demonstram essas preocupações:

[...] os conteúdos da Educação Física são constituídos a partir de uma multiplicidade de práticas corporais produzidas no interior de contextos culturais diferenciados. Portanto, essas práticas corporais são também práticas culturais, visto que são um produto das relações travadas entre diferentes sujeitos. Justamente por constituírem uma produção cultural, as práticas corporais carregam consigo um conjunto de valores, sentido e significados vinculados aos sujeitos que as produzem/reproduzem. [...] Neste sentido, concluímos que é muito mais rica a tentativa de sistematizar aquilo que as comunidades praticam do que impor pacotes de atividades institucionalizadas, universais. Não se trata de impedir o acesso a outras práticas corporais existentes em qualquer parte do mundo. O acesso a práticas corporais de outras regiões e mesmo países ganha sentido justamente quando elas nos levam a pensar sobre as diferenças entre as culturas e como essas diferenças formam nossa identidade, de forma que, no contato com o ”outro”, aprendemos sobre nós mesmos [...] (BRASIL, 2008, p.226-227).

Com base nas reflexões feitas acerca das orientações curriculares, passamos a analisar as narrativas dos professores de Educação Física sobre as práticas educativas desenvolvidas no interior das unidades escolares das quais estão em efetivas regências, atendo-se aos aspectos de seleção de conteúdos e sequências didático-pedagógicas escolhidas. Durante o processo de realização das entrevistas, observávamos se conhecimentos adquiridos durante o período de formação profissional contribuíram para elaboração das propostas pedagógicas das unidades escolares, tentando entender de que maneira se dava o processo de seleção dos conhecimentos a serem enfatizados juntos aos educandos e educandas e, assim, analisarmos se essas propostas buscavam se aproximar das realidades sociais dos estudantes.

As respostas as nossas indagações surgiram desde as primeiras entrevistas realizadas, possibilitando-nos inferir que o caminho encontrado pelos professores de Educação Física privilegiavam as práticas corporais oriundas das culturas europeia e norte americana, em especial, os esportes coletivos de quadra. Vejamos nas narrativas a seguir, que apesar de extensas, foram necessárias para que encontrássemos respostas as nossas indagações.

Na primeira entrevista realizada com o professor Luciano Meira Del Sarto, em 06 de abril de 2014, o referido ator social estabelece a princípio o paralelo entre os conhecimentos discutidos no período de formação acadêmica com a realidade escolar e, posteriormente, na segunda entrevista realizada em 08 de junho de 2014 em nossa residência, são definidos pelo professor os conteúdos a serem enfatizados e os procedimentos metodológicos adotados, em uma tentativa de organização por série e ciclos de aprendizagens. Vejamos o que narra o professor Luciano Meira Del Sarto:

Claro! Eh... na verdade a gente filtra, tem coisa que é interessante fazer e tem coisa que eu acho que não cabe, que fica muito na teoria e eu acho que não cabe dentro na escola, tem coisa que a gente não consegue eh... o próprio termo, não seria efetivar, não conseguir, eu vou encontrar esse termo, mas assim, a partir das práticas, das práticas não, desculpas, a partir das metodologias que são aplicadas, a metodologia do esporte, metodologias do... basquete, voleibol, handebol, natação, todas essas, nós temos elas como parâmetro, buscamos... subsídios nessa, nessa, nessas metodologias, e a partir do que nós acreditamos, nós tentamos fazer um elo, entre o que foi visto na universidade com o que eu acredito, o que eu quero possibilitar ao meu aluno, mas a, a universidade tem papel fundamental, no caso da minha formação, por exemplo, na prática do esporte, eu tento incluir todos alunos, que é um debate que vem da universidade, eu tento incluir, coisa que não aconteceu na minha época de aluno, na minha época de aluno, quem tinha habilidade ia, quem não tinha habilidade ia procurar outro esporte, e nós temos alguns casos de jogadores de voleibol aqui, que foram excluídos e se tornaram grandes jogadores de voleibol aqui da cidade... então, eu tento não excluí-los, eu tento fazer com que eles possam estar vivenciando aquela



prática, mas, a partir também da minha ideologia, do que eu acredito, do que eu quero pra esse aluno.<sup>52</sup>

Narra, ainda, o professor que:

Na escola pública eh... no caso da polícia militar, o sexto e sétimo ano do ensino fundamental, ele trabalha muito com jogos, criação de jogos, capoeira, atletismo, habilidades motrizes básicas, ele... passa a trabalhar com esporte, no caso, voleibol, basquete, handebol, futsal, no oitavo e nono ano, é que ele tem dado ênfase ao esporte, até então, ele trabalha com as questões de habilidades motrizes, de atletismo, capoeira, também tem no... no currículo da... da... do sexto e sétimo ano do colégio.[...] Na aula de Educação Física todos alunos participam, eu tento fazer com que todos sejam incluídos nas, em todas as atividades, eh... me preocupo pra que nenhum aluno fique de fora, das atividades, me preocupo pra que o aluno saia da aula de Educação Física com mínimo conhecimento possível daquelas modalidades, eh... sabendo que pra se aprender voleibol, uma unidade durante o ano, são aproximadamente dois meses, é um tempo muito curto pra aprendizagem de voleibol. No entanto, na prática desportiva, o que que acontece, o aluno que se inscreve para participar, ele sabe que vai treinar ou basquete, ou handebol, ou futebol, ou voleibol, ele escolhe aquela modalidade, vai treinar, o ca... a metodologia, a metodologia utilizada é diferente, na aula de Educação Física, como eu já falei, existe uma preocupação que todos tem participando, existe a preocupação de que o aluno, tô ensinando a ele como é o toque, sei que esse tempo vai ser um tempo curto para que aprenda, mas que ele tenha a vivência, tenha vivenciado o toque, ele vai sai da aula, ele pode até, poxa eu não aprendi o toque, mas vai dizer assim, não me foi negado este conteúdo, eu vivi este conteúdo, que foi o toque do voleibol. Na prática de esporte não, a prática de esporte, eu cobro desse aluno, cobro para fazer repetições, eu faço para que ele aprenda a dar aquele toque, porque ele vai tá representando a escola, em campeonato, em torneio, alguns passam depois a jogar na seleção de Jequié também e outros locais, disputando torneio aqui e fora, então, existe uma preocupação pra o aluno consiga dar o toque de forma correta, consiga fazer a manchete de forma correta, consiga subir e atacar de forma correta, fazer, ter o fundamento do voleibol, pra que ele possa estar desenvolvendo da melhor forma possível, o torneio e campeonatos, representando o Colégio Militar.<sup>53</sup>

No contato que tivemos com o professor Franck Nei Monteiro Barbosa em 14 de julho de 2014 em nossa residência no município de Jequié/Bahia, ele traz algumas reflexões sobre suas práticas educativas que coadunam com as narrativas anteriores, trazendo os esportes na qualidade de conhecimento mais enfatizado, porém, recheados de valores, inclusive religiosos, que fazem contrapontos aos propostos no modelo de esporte de rendimento e,

<sup>52</sup> Extraído da narrativa do Luciano Meira Del Sarto, entrevistado em 06 de abril de 2014, em sua residência no município de Jequié-BA.

<sup>53</sup> Extraído da fala do professor Luciano Meira Del Sarto, em entrevista concedida a este pesquisador em 08 de junho de 2014, em nossa residência na cidade de Jequié.

dessa forma, estabelece o confronto entre esse modelo de esporte midiaticizado com a realidade social dos educandos e educandas, ou seja, propicia o acesso da comunidade estudantil as modalidades esportivas coletivas de quadra, mas, sem estabelecer como parâmetro o rendimento esportivo. Com a palavra nosso ator social, professor Franck Nei:

Nessa escola, quando eu entrei nessa escola, eu tinha, tinha e ainda tenho, graças a Deus, uma concepção de Educação Física em minha mente, né? É uma Educação Física, como eu falei anteriormente, que ela, deve ter a tendência de incluir os alunos em suas aulas, nos esportes, nos jogos, brincadeiras, seja qual for a modalidade de atividade física ou esportiva, que inclua a maior quantidade de pessoas possíveis, né? Independente do nível técnico ou da habilidade motora, por exemplo. Então, nessa escola quando eu ingressei, ingressaram junto comigo outros colegas que também comungavam da mesma ideia, né? Acreditavam na mesma Educação Física que eu acredito, então... e educação também, digamos assim, na mesma concepção de educação. Educação mais crítica, voltada pra formação do ser humano, né? E um ser humano que defende alguns valores, né? Como a sinceridade, a honestidade, eh... o bem querer, que valoriza o ser humano mais do que a máquina, mais do que o título, mas do que o dinheiro, então, nesse tipo de educação que eu acredito e de ser humano e de Educação Física conseqüentemente. Eh... ai nós pensamos um currículo de Educação Física pra essa escola que trabalho hoje. E esse currículo, lógico, a gente muda conforme a necessidade, mas digamos assim a ideia principal permanece que é uma Educação Física que pensa, ou uma Educação Física, uma área de conhecimento que trabalha com a cultura corporal, né? Essa Educação Física nesse sentido, e pensa numa formação humana, de alguém capaz de fazer uma leitura crítica do momento social em que vive, né? Então, nós pensamos esse currículo pra Educação Física, então a gente pensou as aulas desde a quinta série antiga até o terceiro ano do ensino médio, então nós temos um currículo, a gente segue esse plano, esse currículo e a gente traçou pra Educação Física. Eh... como lá dispomos de uma quadra e a quadra é descoberta, em alguns momentos a gente fica impedidos de desenvolver outros tipos de atividade, então as atividades que a gente mais trabalha lá são os esportes, modalidades de quadra e a gente pensa que o aluno no final do ponto de vista motor, ele deve conhecer e trabalhar com as quatro modalidades de quadra principalmente, né? Mas só que pensando no esporte não mais como algo que vai só, digamos, selecionar. Então quando a gente chega lá, pelo menos é o pensamento nosso. O aluno entra, o estudante entra na quinta série, então da quinta série até o terceiro ano ele deve, quando chegar no terceiro ano, eh... ter um repertório motor rico, né? E que consiga no mínimo, no mínimo, trabalhar com as quatro modalidades de quadra. Inclusive, tanto pra recreação, quanto pra competição também. Eh... nós... ainda hoje quando eu faço meu planejamento, minhas aulas, eu ainda lembro dos meus professores que eu tinha como exemplo na universidade. Ainda lembro deles e eles ainda hoje me influenciam, quando eu vou planejar e quando eu vou trabalhar também. Então, eu tenho meus professores como exemplo, de profissional e tomo eles como exemplo. Mas como eu, graças a Deus, eu tenho uma fé, acredito num

Deus vivo, então tomo como parâmetro também os princípios de Deus, para o meu trabalho<sup>54</sup>.

É interessante notar, que parece ser uma tendência natural a apropriação do modelo de esporte de rendimento, em especial, das quatro modalidades coletivas de quadra nas aulas de Educação Física, tornando-se referência para práticas educativas dos professores na Educação Física escolar, haja vista que esse modelo de esporte tem se constituído em um dos maiores fenômenos cultural e social da sociedade moderna e importante ferramenta nos discursos midiáticos.

As lembranças trazidas desse fenômeno social comum às práticas educativas dos professores de Educação Física ratificam a ideia de que a todo o momento esses profissionais, buscam em uma determinada parte do passado, em especial, das práticas esportivas vivenciadas na fase de escolarização e na universidade, a referência necessária para que no presente, projetem suas práticas profissionais cotidianas, possibilitando que suas memórias estejam ancoradas em referências das quais se relacionem a um conjunto de suas lembranças relevantes a outros atores sociais, se constituindo em uma memória coletiva que por certo, lhes permitam reconstruir no presente fatos do passado. Este posicionamento se justifica nos estudos de Halbwachs quando diz que “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (HALBWACHS, 2003, p.29).

Seguindo esse raciocínio, analisamos a narrativa concedida pelo professor Laerson Lopes da Silva, e percebemos que no início do trecho que versa sobre a constituição do currículo da área, o referido professor elenca temáticas a serem abordadas na proposta para a escola, distribuídas nas três séries do ensino médio e, posteriormente, focou nos conhecimentos sobre os esportes, distinguindo a ênfase dada nas aulas do componente curricular Educação Física das abordagens realizadas nas práticas esportivas, fornecidas aos educandos e educandas no contra turno. Conforme o professor Laerson Lopes da Silva, na entrevista concedida em 22 de julho de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, no município de Jequié/Bahia.

[...] o currículo da escola aqui, ela contempla, principalmente Educação Física contempla outras áreas também, não tá só na questão do esporte, da cultura corporal. Tem outras discussões, né? A saúde, ah... a qualidade de vida, a... o esporte, o lazer, enfim, ela, ela abrange de acordo, porque nós temos três séries, primeira série, segunda série, terceira série, procuramos

---

<sup>54</sup> Extraído da narrativa do professor Franck Nei Monteiro Barbosa em entrevista concedida a este pesquisador em 14 de julho de 2014, em nossa residência no município de Jequié/Bahia.

adequar, diante do que foi proposto da... do planejamento curricular, ah, que possa atender os alunos de a gradativamente, de acordo com sua série, pra que, quando chegar no terceiro ano, já tenha uma abordagem já significativa [...], as aulas de Educação Física, eh... baseado na parte curricular dela aqui, funciona no mesmo turno, né? E daí, ah... como na primeira série, na segunda série, são distribuídos duas aulas pra cada série, pra cada turma, eh... o professor faz a mediação disso nas aulas teóricas e práticas de acordo com seu planejamento e dá prosseguimento isso até concluir a unidade, de acordo ao planejamento e seguindo a proposta daquilo que foi, foi planejado desde o início do ano. Eh... o esporte é contemplado, também, nas aulas de Educação Física, mas, especificamente a parte de treinamento, eh... onde têm os gestos técnicos, o treinamento específico das equipes é feito num horário específico no final da tarde, mas nas aulas de Educação Física também tratamos do esporte, sem negar aos alunos esse conhecimento de fundamentos técnicos e táticos para eles, entretanto, da forma mais ampliada, a forma mais específica, a nível de competição até, fornecemos esses horários, no final da tarde para que os alunos possam, que os alunos possam ter essa oportunidade de participar de eventos esportivos, onde, realmente, treinamos as equipes pra participar de competição, mas nas aula de Educação Física também tratamos do esporte, eh... mas sem negar nenhum elemento voltado pra parte teórica, pra parte, pra parte técnica e, ou tática das modalidades esportivas para nossos educandos [...].

Outro ator social que tivemos a oportunidade de ouvir foi o professor Luciano Ferreira Bittencourt, possibilitando compreender um pouco mais os pensamentos dos outros professores que o antecederam, sobretudo, em relação a constituição dos discursos proferidos sobre os esportes desenvolvidos nas práticas educativas. É importante salientar, que dispomos intencionalmente as narrativas desses profissionais nessa sequência, pelo fato desses atores sociais concluírem a formação acadêmica e profissional no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UESB, nos possibilitando compreender os discursos que pairavam na academia, permitindo-nos analisar se há pontos de contatos entre os discursos dos diferentes atores sociais.

Durante a narrativa o professor Luciano Ferreira explicita com clareza as aproximações feitas aos conhecimentos dos esportes, todavia, enfatiza a negação dos conhecimentos técnicos nas aulas do componente curricular Educação Física. Conforme o professor Luciano Ferreira Bittencourt em entrevista concedida a este pesquisador em 09 de Agosto de 2014 em sua residência na cidade de Jequié/Bahia.

[...] Agora passa também pela reflexão desse movimento e aí, são as discussões que o professor tem, pode ter a capacidade, aí depende dele ou não, se ele quer aproximar as discussões sobre as modalidades esportivas, mas eu acho que durante algum tempo na Educação Física e ainda hoje, nós temos negado, nós... aí eu me coloco entre os professores que eu não sou melhor do que ninguém, nós temos negado essa questão do... do gesto técnico, do aprendizado técnico das modalidades, né? E aí nós talvez, eh... pelo discurso, por um pouquinho desse discurso da inclusão, de todo mundo

participar, nós não filtramos bem esse discurso e alguns, aí entendemos que a... a inclusão, na verdade, significaria a exclusão daqueles que tem um... um... já uma predisposição técnica pra aquelas modalidade esportiva [...].

As narrativas ora descritas, favorecem que a memória evocada por nós dos episódios de nossa formação acadêmica, subsista em nós e nas lembranças dos atores sociais, professores de Educação Física que nos antecederam, pelo fato de nos identificarmos com eles e, neste aspecto, Halbwachs (2003) em seus estudos que versam sobre a memória coletiva, afirma que:

[...] o depoimento de alguém que esteve presente ou participou de certo evento não nos fará recordar nada se não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança ou parte dela devesse subsistir em nós da mesma forma, mas somente que, como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecemos em contato com esse grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado como o dele (p.33).

Sob a ótica da negação dos conhecimentos técnicos e táticos dos esportes nas práticas educativas, a narrativa do professor Luciano Ferreira Bittencourt, favoreceu para que reavivássemos em nossa memória os discursos proferidos pela maioria dos docentes do Curso de Educação Física da UESB contrapondo ao modelo de esporte de rendimento propagado mundialmente, voltando seus olhares para os conhecimentos dos esportes pautados em informações de cunhos sociológicos, contribuindo com a formação profissional de muitos egressos que vivenciaram esse modelo de esporte durante a fase de escolarização, acrescentando assim, novos elementos aos conhecimentos previamente adquiridos, propiciando novas reflexões a despeito desse fenômeno. Todavia, para os educandos e as educandas que não tiveram em seus históricos a vivência nas práticas esportivas, negar os conhecimentos técnicos e táticos, pode ter contribuído para que a formação acadêmica desses sujeitos tivesse um esvaziamento nesses elementos e, que certamente, não teriam como assegurar os discursos de contraposição a reprodução desse modelo de prática.

O fato é que o esporte se tornou referência nas aulas de Educação Física escolar e, não somente para os professores da referida área, bem como, para a comunidade escolar, ou seja, quando se anuncia aula desse componente curricular, muitos atribuem as vivências corporais ao desenvolvimento do esporte, sem muitas vezes, conferir sentidos e significados a tais práticas, justificado pela identidade que fora construída da Educação Física enquanto área de conhecimento que tem a responsabilidade da formação de atletas.

Essa disposição do esporte na qualidade de referência em meio a diversidade de práticas corporais existentes em nível mundial, tem sido comprovado não só nas narrativas

dos professores de Educação Física no decorrer deste estudo, como também, nos estudos desenvolvidos por Taborda de Oliveira (2001), ao afirmar que:

[...] o esporte tornava-se referência praticamente exclusiva para a prática de atividades corporais no plano mundial, seja dentro ou fora da escola. Isso teria ocorrido em parte, porque numa certa perspectiva o esporte codificado, normatizado institucionalizado pode responder de forma bastante significativa aos anseios de controle por parte do poder, uma vez que tende a padronizar a ação dos agentes educacionais, tanto do professor quanto do aluno; noutra, porque o esporte se afirmava como fenômeno cultural de massa contemporâneo e universal, afirmando-se, portanto, como possibilidade educacional privilegiada (p. 33).

Seguindo essa linha de raciocínio, analisamos as narrativas dos professores Luciano Carolino Pinto, Alberto José Andrade Ferreira e Eduardo Costa Vieira, dos quais a formação acadêmica esteve atrelada a instituições de natureza jurídica privada, sendo os dois primeiros na Universidade Católica do Salvador e o terceiro na Faculdade Montenegro, na cidade de Ibicarai.

A intenção de constituir nossas análises privilegiando a formação de dois grupos de professores favoreceu que percebêssemos nas narrativas desses atores sociais, as influências dessas instituições de ensino superior nas práticas educativas desses profissionais no âmbito escolar. Na entrevista concedida pelo professor Luciano Carolino Pinto a este pesquisador em 05 de agosto de 2014, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, ao se referir às práticas educativas, narra que a carga horária destinada ao componente curricular Educação Física era dividida na abordagem de temáticas que envolvessem a atividade física e saúde, jogos e em práticas esportivas, das quais as modalidades esportivas se sobressaem, pelo fato de ter maior aceitação entre os estudantes, como também, pela escolha pessoal do professor. Vejamos os fragmentos da narrativa abaixo, como o professor Luciano Carolino Pinto expressa sobre as práticas educativas:

Não. Basicamente a mesma coisa. Hoje em dia nós temos aulas, hoje, hoje nós temos aulas teóricas e práticas, certo? Teóricas que a gente pode... pode, que, eh, nossa área, atividade e saúde, até, atividade física e saúde que tem... tem... tem assim, uma abrangência muito grande, então, a gente pode explorar muita coisa nesse... nesse, digamos, nesse ambiente, certo? E a parte prática que, lhe confesso, é a que os meninos mais gostam. Aí, eles gostam de jogar o futebol, o vôlei, o basquete, o handebol, certo? E também aqueles jogos antigos. O baleado até hoje, o baleado, pra mim até hoje, o baleado realmente, pode tá sendo usado, certo? E a gente procura sempre adequar alguma coisa, mas basicamente acho que não mudou nada, basicamente a mesma coisa. Muda-se as gerações, mas o esporte tá aí e com o esporte as crianças, adolescentes procuram sempre arejar através do

esporte, brincar, se divertir e galgar até algo mais, né? Alguns até galgam, eh, algo mais<sup>55</sup>.

Em outro trecho da entrevista, narra o professor que:

[...] Eu, assim, eu mesmo trabalho com... com o esporte, com o futsal, gosto mais de futsal. Voleibol, eu até trabalhava, mas hoje não tô mais trabalhando com voleibol, tô trabalhando mais... mais... mais com o futsal e tal. Então tem... tem assim, tem aquela parte, digamos, mais lúdica do futsal que é o babinha tal, como também, tem também a parte do treinamento específico do futsal que é formado em equipes, mas quanto assim, mudanças assim, não, eu não percebi nada assim em termo de currículo, de mudança não. Você... você vê assim, você vê, realmente, é uma diferença do aluno. O aluno de antigamente pra o aluno de hoje, você vê que é diferente a forma dele vê as coisas, até com esse advento aí da internet, da, como é? Essa coisa aí da... da... dos... da... da dessa parte de internet mesmo, de... de música e tudo mais. Você vê que eles tão muito antenados, o que também levou muitos até deixar de praticar esporte, procurando mais essa coisa de computador, de... de facebook, né? Então assim, deixando de mão até a atividade física, a saúde, essa... essa coisa de promoção da saúde, procurando mais essa questão mais de internet, mais de. Você vê que muitas vezes a gente vê os alunos, assim, na sala de aula pega um celular e se conecta com o mundo, certo? Aí você chama pra fazer uma atividade física, muitas vezes, ah não vou não... não quero, tô sem vontade, tô com preguiça. Então, isso aí realmente mudou, mudou a... a, digamos assim, a visão do aluno, como era antigamente, que em nossa época, você não tinha essas possibilidades que você tem hoje pra o que ocorre no mundo. Isso aí, eu acho que com certeza mudou<sup>56</sup>.

No contato com o professor Alberto José Andrade Ferreira, em entrevista concedida a este pesquisador em 12 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, o referido professor descreve com detalhes, aspectos da proposta curricular para a disciplina Educação Física, enfatizando as temáticas que, por sua vez, buscam estar relacionados ao processo de formação dos educandos e das educandas, em especial, na correlação estabelecida entre atividade física e a qualidade de vida, mas, também, enfatiza a importância das práticas esportivas nesse processo de conquista dos estudantes. Conforme o professor Alberto José Andrade Ferreira, sua prática educativa baseia-se em dois nortes, quais sejam:

[...] Primeiro norte que é a Educação Física em forma promotora de saúde, incentivando o aluno a, mostrando o aluno a prática saudável da Educação Física e por que praticar. Mostrando a composição corporal, a, a diferença entre homem e mulher de esporte, aí vem à importância de não usar a, a

<sup>55</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

<sup>56</sup> Extraído da fala do professor Luciano Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 05 de agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

chamada bomba, né? [...] Por que se usa-se os anabolizantes masculinos, os anabolizantes femininos, sexual masculino, sexual feminino?. Então, eu trabalho com isso, trabalho com higiene trabalho, principalmente, com gordura que é o, que é o bico papão hoje, a nível de mundo, né? A gordura corporal que é uma coisa assim, que tem, a obesidade tá sendo assim, o carro chefe na maioria dos estudos envolvendo tanto a Educação Física, quanto a medicina, 90% dos estudos hoje que se, se, ou é doença ou é obesidade que nas, nos, nos livros de medicina, nas, nas revistas de medicina, então norteia-se. E a outra é a prática esportiva, porque eu não posso atingir meu aluno se eu não o trouxer pro meu lado, eu, eu trago pro meu lado com a prática esportiva. Ensino handebol, o voleibol e o basquetebol e o futebol de salão nas quatro, dividido nas quatro unidades, cada unidade eu trabalho com um esporte, né? Com os fundamentos básicos. Não pra formar atleta e sim pra dá ao meu aluno noção de que ele chega na televisão assista uma partida e fale: poxa, isso aqui é tal coisa, por exemplo, isso aqui é um passe no handebol, isso aqui, poxa oh! Que manchete bem feita, sabe? Dá noção a ele pra ele dizer: poxa, a bola foi fora, a bola foi dentro. Oh! Pisou na linha pra cobrar o lateral de handebol. Oh! O goleiro defendeu e foi escanteio, não foi escanteio, porque o goleiro de handebol quando toca na bola e a bola sai pra escanteio, não é escanteio, mas bateu na defesa foi escanteio. Por que ali o goleiro bateu e não foi e o jogador da defesa bateu e foi? Alguém perguntar e ele falar: não, porque quando toca na defesa e vai pra escanteio, é escanteio, mas quando toca no goleiro é tido de, de metro. Então, eu trabalho em cima disso. Demonstrando um pouquinho das regras, como é, fazendo com que ele vivencie essas regras, né? Vivencie bastante esse esporte, comece pelo lúdico e vou..., e vou... aquele lance, né? Generalizada e da, da, de maneira general e analítica, certo? Pronto, eu trabalho assim (FERREIRA, 2014).

E por fim, nos aproximamos do professor Eduardo Costa Vieira, quando analisamos sua entrevista, e percebemos os pontos que retratam o desenvolvimento da prática educativa, presente nas narrativas dos outros professores. Durante a entrevista concedida pelo referido ator social em 04 de setembro de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jequié/Bahia, notamos a necessidade que o professor tinha de se despir dos valores construídos durante as fases de escolarização e formação acadêmica, em que o esporte de rendimento era parte integrante no desenvolvimento das suas práticas educativas no âmbito escolar.

A necessidade de superar certos paradigmas, não significava dizer, que o professor Eduardo Costa Vieira passou a negar os esportes desenvolvidos sobre o viés do rendimento no âmbito escolar, pelo contrário, a ênfase nos conhecimentos sobre o esporte continuava acontecendo, mas, com níveis de cobranças diferenciados dos que aconteciam e acontecem em clubes e nas escolinhas de iniciação esportivas. Portanto, na escola privilegia-se a participação de todos os estudantes durante o processo de desenvolvimento das práticas educativas, conforme narra o professor Eduardo Costa Vieira no fragmento abaixo, quando diz:



Eu, eu... a partir do momento que eu ingressei na escola, eh... eu tenho uma coisa comigo. Eu gosto sempre de desenvolver o trabalho da melhor forma possível, pra isso você precisa buscar subsídio, né? Você precisa ter o mínimo de leitura pra você saber qual seria o trabalho mais indicado, ou seja, qual linha que você vai seguir e por que você vai seguir aquela linha. Eh... tudo aquilo que eu vivenciei na minha prática enquanto aluno, enquanto educando, na minha concepção, foi por água a abaixo, entendeu? Eh... mesmo sendo seduzido, mesmo gostando do treinamento, do... do... da performance, do rendimento, de resultado, eh... eu entendi que dentro da escola eu teria que fazer essa divisão. Eu entendo que dentro da escola, eu tenho que trabalhar numa outra perspectiva e dentro, dentro dessa... dentro dessa, dessas linhas eu comecei a perceber o que o meu trabalho dentro da escola teria que ser um trabalho voltado pra inclusão, um trabalho onde eu pudesse oportunizar os meus alunos a estarem vivenciando momentos que os meus colegas não vivenciaram enquanto a gente estudava e estava lá dentro daquele processo e eu tenho tido assim, resultado muito, resultados muito gratificantes assim, com relação a essa, a essa mudança, vamos dizer assim e vai chegando, a gente vai chegando num nível de amadurecimento e a gente consegue dividir as coisas, né? Eu consigo hoje dividir muito bem, entender que no seguimento escola, o meu trabalho tem que ser de uma forma e no outro seguimento, o fora da escola, eu posso trabalhar naquela outra perspectiva e o mais interessante é que eu consigo hoje transmitir isso pra os meus alunos, porque eu tenho aluno incomum, nos mesmos segmentos. Eu tenho aluno de Educação Física que é meu aluno/atleta e que treina o esporte comigo, então ele sabe diferenciar já. Pela minha prática ele... ele passou a entender que o momento fora da escola é um e o momento dentro da escola é outro<sup>57</sup>.

Cabe ressaltar que as narrativas dos professores de Educação Física a respeito das práticas educativas demonstraram que as modalidades esportivas, das quais foram evidenciadas as quatro modalidades coletivas de quadra, assumem o papel de destaque nas aulas do componente curricular Educação Física, ratificando a ideia de que o esporte foi e continua sendo o conhecimento por excelência mais enfatizado no âmbito escolar, transformando as ações contínuas de aprendizagem dos diversos elementos da cultura corporal em um processo, quase que exclusivo, de esportivização dessas práticas educativas.

Esse posicionamento que demonstra o predomínio das práticas esportivas enfatizadas pelos professores de Educação Física em relação a outras atividades físicas, esteve e continua sendo engendrada por políticas de governo e, propagadas pelos meios de comunicação de massa, à medida que busca enfatizar a possibilidade do Brasil estar inserido em um cenário mundial na qualidade de potência olímpica, desconsiderando fatores de ordens sociais, imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade, das quais a Educação deveria ser o caminho em contraponto ao modelo da livre concorrência salientado pelos esportes de

---

<sup>57</sup> Extraído da fala do professor Eduardo Costa Vieira em entrevista concedida a este pesquisador em 4 de setembro de 2014 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado no município de Jequié/Bahia.

rendimento, dos quais são frutos de sociedades que incorporaram o modo de produção capitalista enquanto única via.

Nessa perspectiva, as orientações curriculares para o ensino médio, enfatiza a necessidade de estabelecermos olhares para esse processo histórico para que possamos perceber os discursos que foram construídos, com intuito de justificar a adesão desse modelo de prática educativa em meio ao processo de escolarização. Conforme as orientações curriculares:

A hegemonia da esportivização, que ao longo da história desempenhou papéis distintos, muitas vezes a serviço da indústria cultural, acabou por gerar o processo de seleção de poucos para as práticas. Vários foram os discursos que sustentaram esse modelo esportivo tal como está colocado na nossa sociedade: o discurso da necessidade de se ter um “país olímpico”, do qual nossos “heróis” seriam um exemplo para crianças e jovens e motivo de “orgulho da nação”; o discurso econômico no qual o consumo de produtos e serviços, bem como do próprio espetáculo esportivo é gerador de emprego e renda; o discurso da prática esportiva como solução problemas de saúde, uso de drogas e outras mazelas sociais (BRASIL, 2008, p.231).

Enfatiza, ainda, que:

O advento da esportivização proporcionou à Educação Física escolar alguns modelos de aulas que eram, sobretudo, cópias das tarefas de iniciação e treinamento esportivo. No caso do ensino médio, ficou configurada a existência de aulas pautadas em: a) ensino de gestos determinados pela *performance* de alguns atletas; b) fixação de gestos, assimilado pela repetição; c) aprimoramento técnico e tático; d) formação de equipes para competições. Ou seja, o objetivo era único: ser atleta em algum nível técnico possível em qualquer conteúdo da Educação Física. Em geral, o ensino de esportes aparecia em suas quatro modalidades mais conhecidas na escola: futebol, voleibol, basquetebol e handebol (BRASIL, 2008, p.231).

É importante salientar, que as práticas educativas sob o viés do esporte de rendimento desenvolvidas no âmbito das escolas brasileiras ao longo do processo histórico, talvez não tenham atingido os objetivos das políticas públicas e governamentais ora mencionados nos trechos das orientações curriculares, pois compreendemos que as diferenças socioculturais e econômicas continuam em evidências; o acesso à educação e saúde de qualidade ainda não se constituem uma realidade para o povo brasileiro; e que o Brasil está distante de se tornar uma potência olímpica, apesar de observarmos algumas iniciativas nesse sentido.

Nessa perspectiva, poderíamos dizer que a escola não tem produzido conhecimento, mas, sim, que ela apenas reproduz os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade e, que de certa forma, foram e são de grande relevância para o processo educativo, sendo transmitido de geração em geração, onde acreditamos que tais

conhecimentos estão susceptíveis de encontrar na escola seu lócus de reprodução, desde que traduza um desejo político de materialização.

Sendo assim, necessário se faz reconhecermos as limitações do sistema educacional brasileiro, na tentativa de superarmos as visões que persistem das práticas educativas dos professores de Educação Física, das quais os esportes assumem posição de destaque no referido componente curricular e, assim, legitimar a escola enquanto espaço de contraposição às práticas sociais, cuja lógica está atrelada a lógica de mercado, que defende o rendimento como única possibilidade de ascensão econômica e social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.*

*Paulo Freire*

Citar o professor Paulo Freire neste momento de nosso estudo a respeito da memória dos professores de Educação Física no município de Jequié demonstra que buscamos através de suas reflexões, inspirações para distanciarmos das convicções que estavam impregnadas em nosso Ser, para sermos capazes de comprometer-nos com a análise e interpretação das narrativas dos atores sociais que fizeram parte do universo pesquisado, tendo a responsabilidade de obedecer e respeitar as normas da História Oral e, assim, construir os caminhos percorridos por esses profissionais e, que de certa forma, refletem em suas práticas educativas no âmbito escolar.

Certamente, que para construir a trajetória descrita neste estudo, tivemos que a princípio analisar as entrevistas concedidas pelos professores de Educação Física e, assim, identificarmos a necessidade de refletirmos sobre a Formação Profissional em Educação Física no Estado da Bahia. A partir dessa compreensão, dedicamos a primeira parte deste estudo à discussão do cenário da Educação Física na Bahia, quando observamos quão difícil foi o processo para a criação do Curso de Educação Física no Estado, provocado por momentos de expectativas, de frustrações e de inquietudes a cada iniciativa promovida pelo grupo de professores de Educação Física até a consolidação do sonho de criação do primeiro Curso de Educação Física da Bahia, cuja iniciativa fora da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, cuja matriz curricular baseava-se na ENEFD.

É importante salientar, que naquele período de criação do curso da UCSAL, nos idos 1973, o País vivia momentos de maior turbulência e tensão da sua história propiciada pelos militares e, curiosamente, foi nesse cenário que se concretizou o sonho do curso de Educação Física através de um convênio entre Universidade Católica do Salvador, instituição de natureza jurídica privada e o Governo do Estado da Bahia, que tinha na qualidade de Governador o Sr. Antônio Carlos Magalhães, nomeado pelo Governo Militar, levando-nos a inferir que sua fidelidade aos militares no poder, facilitou o estabelecimento de tal convênio,

mas, também, permite-nos indagar sobre possíveis prerrogativas para que um curso particular usufruísse das infraestruturas públicas (estádio, pista, ginásio e piscina), sem uma contrapartida que atendesse as classes populares.

Ressaltamos que UCSAL se constituiu enquanto única instituição a promover a formação em Educação Física no Estado durante 15 anos, reproduzindo os pensamentos construídos na ENEFD sob o viés da biologização e, acrescido de valores de uma pseudo esportivização das práticas educativas, até ser criado nos idos 1988 o Curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia - UFBA, redefinindo a filosofia da formação acadêmica e profissional em Educação Física na Bahia, servindo de parâmetro para outros cursos de formação na referida área em todo Estado através do processo de expansão de cursos universitários a partir da década de 1990.

Nesse processo de expansão surgem os cursos nas Universidades Estaduais da Bahia e, dentre esses, o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié, onde a maioria dos professores de Educação Física, nossas fontes orais, concluíram suas formações.

No decorrer da primeira parte deste estudo, verificamos que a Formação Acadêmica e Profissional em Educação Física no Estado da Bahia retratou claramente dois momentos históricos vivenciados no País, quais sejam: o primeiro, propiciado pela UCSAL iniciado no período da Ditadura Militar no Brasil, cujo currículo acadêmico baseava-se nos aspectos anatômo-biológico e esportivo, pautado em uma formação eminentemente técnica; e no segundo momento, a formação ofertada pela UFBA e demais instituições de ensino superior que surgiram com a expansão universitária, simbolizado pelo momento de redemocratização da sociedade brasileira, onde os discursos filosóficos e sociológicos emergem com mais efervescência, tendo em sua base curricular, elementos que contraponham a modelo tecnicista de formação.

A segunda parte deste estudo, centramos as energias na análise das entrevistas realizadas com os professores de Educação Física, nossas fontes orais, onde elegemos as narrativas desses atores sociais na qualidade de principal fonte, restringindo o universo de entrevistados aos profissionais cuja Formação Acadêmica e Profissional ocorreu a partir do final da década de 1980. A escolha desse período decorre da mudança ocorrida no cenário profissional no município de Jequié, em especial, com o crescimento significativo de professores com formação na área. Para tanto, evidenciamos as histórias de vida desses professores e, assim, dedicamos aos registros das memórias de acontecimentos de outrora,

favorecendo que as lembranças passadas ganhassem novas roupagens por interesses do presente.

Neste sentido, buscamos analisar as lembranças iniciais dos professores de Educação Física em relação à história de vida, refletindo acerca de seus relacionamentos, hábitos e costumes vivenciados e, sobretudo, as experiências com os elementos da cultura corporal antes e durante a fase de escolarização, observando as visões que persistiam da Educação Física escolar.

Em outro momento, refletimos a respeito das motivações que esses atores sociais buscaram para formação acadêmica e profissional, considerando as influências e interesses pela Educação Física, as visões que persistiram nos cursos da referida área de conhecimento, mas, também, suas aproximações com o mercado de trabalho, ou seja, a opção em ser professor de Educação Física escolar.

Desse modo, inferimos que as motivações iniciais foram de fundamentais importâncias para que esses profissionais se aproximassem da Educação Física, independentemente das práticas educativas desenvolvidas nas escolas, em diferentes etapas das suas vidas, em especial, na fase em que os jogos e brincadeiras eram mais evidentes e, que as relações interpessoais começam a se aprofundar nas vidas desses atores sociais.

Observamos durante as narrativas concedidas pelos professores de Educação Física da fase pré-escolar, os momentos de empolgação e de simbiose entre cada ator social e as pessoas com que interagem, através das vivências desenvolvidas, demonstrando a capacidade de construir com outras pessoas e com universo social que os circundavam. A partir das relações estabelecidas nesses contextos sociais, que esses atores sociais vão constituindo os momentos riquíssimos de aprendizagem, onde os aspectos lúdicos ditavam o ritmo de crescimento e desenvolvimento físico e intelectual.

Identificamos que no contato com o espaço escolar e, assim, com as normas, valores e crenças, que de certa forma, refletiam os ordenamentos legais daqueles momentos históricos, os professores buscaram contrabalancear os jogos e brincadeiras constituídos nas vivências com seus amigos e familiares na fase pré-escolar com outros elementos da cultura corporal difundido no âmbito escolar, como: as ginásticas e os esportes e, em especial, o futebol na qualidade de elemento motivacional para a inserção no mundo dos esportes.

Esse posicionamento das escolas na qualidade de aparelho ideológico do Estado, das quais difundem conhecimentos previamente estabelecidos pelo sistema educacional, para que fossem transmitidos, muitas vezes, sem propiciar reflexões a respeito dos sentidos e

significados para a vida dos educandos e das educandas, encontra-se justificado nos estudos de Saviani (2002), quando afirma que:

A escola surge como um antídoto à ignorância, logo um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. [...] A escola se organiza como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabem assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. (SAVIANI, 2000, p. 06) 2000 OU 2002?

Verificamos ao longo das narrativas disponibilizadas pelos professores de Educação Física que a familiaridade que esses atores sociais tinham com as questões relativas à vivência no esporte, serviu de aspectos motivacionais para a maioria dos professores no momento de optar pela formação acadêmica e profissional em Educação Física, mas, também, que esses atores podem ter sido induzidos a acreditar nas práticas educativas, das quais se restringiam as abordagens dos esportes, representados nas quadras modalidades coletivas de quadra, oriundas de culturas norte americana e europeias.

E na terceira parte do estudo, centramos nossas energias em analisar as narrativas em relação às práticas educativas dos professores de Educação Física entrevistados neste estudo. Para tanto, observamos as visões que persistiam da Educação Física escolar à Formação Profissional desses atores sociais e, posteriormente, no mercado de trabalho, quando esses professores passam a atuar na qualidade de professores de Educação Física escolar.

Reconhecemos que os esforços desprendidos pelos professores para reavivar no presente as lembranças passadas das práticas educativas nas fases de escolarização e formação profissional, contribuiu para que encontrássemos em suas narrativas, pontos de convergências entre as visões de currículos que se tinham na fase de escolarização e as práticas educativas desenvolvidas nas aulas de Educação Física naqueles cenários sociais, como também, nos possibilitou analisar a fase de transição entre a Educação Básica e o Ensino Superior vivida pelos professores de Educação Física.

A partir dessa análise, observamos alguns aspectos que nos permitiram inferir que: diferentes espaços acadêmicos propiciaram diferentes olhares em relação ao trato com os conhecimentos que a área de Educação Física se propõe a discutir, tendo nos esportes de rendimento o norte para tais discussões. E o segundo aspecto que nos chamou atenção, se refere as percepções que se tinham e tem dos esportes abordados no âmbito acadêmico, dependiam da intensidade que esses esportes foram vivenciados nas fases de escolarização.

Em outro tópico, analisamos as práticas educativas na Educação Física escolar, buscando pontos de contato com as orientações curriculares, quando concluímos que a escola não tem se preocupado em produzir conhecimento, mas, sim, que ela apenas reproduz os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, transmitindo-os de geração em geração e, que tais conhecimentos estão susceptíveis de encontrar na escola seu lócus de reprodução, desde que traduza um desejo político de materialização.

Destacamos durante o estudo a necessidade reconhecer as limitações inerentes ao sistema educacional brasileiro e as nossas limitações enquanto profissionais, buscando superar as visões que persistem da Educação Física enquanto área de conhecimento que se restringe as discussões apenas a elementos da cultura corporal, em especial, o esporte de rendimento, que reproduzem valores das sociedades que adotaram o modo de produção capitalista enquanto caminho, quando deveríamos legitimar a escola na qualidade de espaço de contraposição às práticas sociais, cuja lógica está atrelada a lógica de mercado, que defende o rendimento como única possibilidade de ascensão econômica e social.

Salientamos que a trajetória da Educação Física escolar no município de Jequié foi e continua sendo marcada por práticas educativas pautadas em referência do esporte de rendimento e, especificamente, nas modalidades esportivas coletivas de quadra e, mesmo que os olhares de alguns professores possam ir além do que as lentes dos seus olhos consigam enxergar, o conjunto desses professores reflete a realidade das escolas de natureza jurídica pública estadual, onde acreditamos que não se restrinja a essas instituições e, tampouco, a realidade do referido município.

Por fim, cremos que as discussões propiciadas neste estudo em que nos propusemos a mobilizar as memórias dos professores de Educação Física, na tentativa de analisar suas histórias de vida a respeito da formação e atuação profissional, identificando as visões que persistiam da Educação Física escolar, para que pudéssemos conhecer as motivações que impulsionaram esses atores sociais a optar pela Formação Acadêmica e Profissional em Educação Física, necessitam de mais estudos e aprofundamentos e, não somente no município de Jequié, mas, também, em outros municípios da Bahia, possibilitando o desenvolvimento de estudos de natureza comparativa que permitam diagnosticar a realidade da Educação Física no Estado. Lógico que não é nossa pretensão abarcar essas discussões, mas, instigar a realização de novos estudos e pesquisas no âmbito escolar, por acreditar que se constituem em espaços riquíssimos de elementos da cultura corporal e de memória.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura Popular, um conceito e várias histórias. In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ANDRADE, Maria Antonia Brandão de; VERHINE, Robert Evan. **O Cenário da Educação Superior na Bahia: diversificação e oferta a partir dos anos 90 e a expansão dos Cursos de Licenciaturas**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0333.pdf>>. Acesso em 07/08/2015.

ANDRADE, Maria Aparecida Bergo. **O descaso com a Educação Física e o reordenamento do mundo do trabalho**. São Paulo, SP – 2009. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/o-descaso-com-a-educacao-fisica-e-o-reordenamento-do-mundo-do-trabalho/->>. Acesso em 13/10/2014.

ARAÚJO, Maria Celina D'. **O Estado Novo** (Coleção Descobrimos o Brasil). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o Espírito**; tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes 1999. (Coleção tópicos).

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**/Mauro Betti. Campinas, SP: Papiris, 1998. (Coleção Fazer/lazer).

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In:\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí-Rio Grande do Sul, RS: Ed. Unijuí, 2005. 136p. (Coleção educação física).

\_\_\_\_\_. A Educação Física no Ensino Fundamental. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

BRASIL. **Conselho Federal de Educação: Decreto Lei nº 4.029, de 19 de janeiro de 1942**.

\_\_\_\_\_. **Congresso Nacional. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Brasília, 1968.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 69, de 02 de dezembro 1969**. Brasília, 1969.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 69.450, de 1 de novembro de 1971**. Brasília, 1971.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica, 2008.

CAMPOS, Hélio José Bastos Carneiro de. **Educação Física na Bahia**: o Curso de Educação Física na UFBA. Federação Internacional de Educação Física – FIEP, 2014. Disponível em: <<http://www.fiepbrasil.org/ba/educacao-fisica-na-bahia/>>. Acesso em: 11/07/2015.

CAPELA, Paulo. **Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs**: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Organização Colégio Brasileiro de Ciências dos Esporte. Ijuí: Sedigraf, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Lino Castellani Filho [et al.]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução: Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: \_\_\_\_\_; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p.187-219.

ENGUIITA, Mariano Fernández. As forças em ação: sociedade, economia e currículo. In. GIMENO SACRISTÁN, José (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução Alexandre Salvaterra; Revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.

FERRARO, Alcyr Naidiro Fraga. **A Educação Física na Bahia**: memórias de um professor. Bahia. Salvador: CEDUFBA, 1991.

FIGUEIRÊDO PRIMO, César Pimentel. Formação profissional em Educação Física: notas introdutórias sobre o papel docente na constituição de um currículo marginal. In. SANTO, Fernando Reis do Espírito (Org.). **Educação Física**: Currículo, formação e inclusão. Salvador: EDUFBA, 2012, 164p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979. v. 1. (Coleção Educação e Comunicação).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática; Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução Alexandre Salvaterra; Revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história; Tradução de Atílio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HIRATA, Edson; PILATTI, Luiz Alberto. **Modernidade e a Indústria do Entretenimento: o Produto Esporte Moderno**. Disponível em: <[http://www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital)>. Buenos Aires - Año 11 - N° 104 - Enero de 2007.

HUIZINGA, Johann: **Homo Ludens**; Tradução: João Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **A memória das lutas: as artes marciais orientais e sua presença na cultura corporal de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2010, 254p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MELO, Victor Andrade de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história**. 207f. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em educação Física da UNICAMP. Campinas, UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. A Educação Física nas Escolas Brasileiras do Século XIX: Esporte ou Ginástica? In: FERREIRA NETO, Amarlio (Org.). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. Aracruz- ES: Faculdade de Ciências Humans de Aracruz, 1998. Vol. 3.

\_\_\_\_\_. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli; PALMA, José Augusto Victoria. **Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2010.

PIRES, Roberto Gondim. **Educação Física na Bahia: cenas e flashes de uma história**. Salvador: Editora Arcádia, 2008.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. MEMÓRIAS DE PIONEIROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BAIANOS NA ENEFD. **Record**: Revista de História do Esporte. Vol. 6, nº 2, Julho-dezembro de 2013. Disponível em: <[revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/656](http://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/656)>. Acesso em 29 de maio de 2015.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JÚNIOR, Coriolano Pereira; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro Curso de Educação Física na Bahia – trajetórias e personagens. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, jan./mar. 2014.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.. São Paulo: Projeto História, 1997.

SAMPAIO JUNIOR, Natanael Vaz. **Interferência dos Parâmetros Curriculares Nacionais na Seleção dos Conteúdos da disciplina Educação Física do Colégio Estadual Polivalente Edvaldo Boaventura no município de Jequié**. Monografia. Departamento de Saúde, UESB, Jequié- Bahia, 2000.

SANTO, Fernando Reis Espírito. Políticas de Reformulação Curricular e a Formação em Educação Física no Brasil: arena de conflitos. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 3. ed. , Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2000.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP. São Paulo: PUC-SP, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alain. **A crise da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

UESB.. **Fluxograma do Curso de licenciatura Plena em Educação Física aprovado em 1996**. Reconhecido Dec. nº 8.565 - DOE 14 e 15.06.03. UESB. Disponível em: <<http://www.uesb.br/>>. Acesso em 04 de julho de 2015.

### **Fontes Orais**

1. Luciano Meira Del Sarto, entrevistado em 06 de abril e em 08 de junho de 2014, na cidade de Jequié-BA.
2. Franck Nei Monteiro Barbosa, entrevistado em 14 de julho de 2014, na cidade de Jequié-BA.
3. Laerson Lopes da Silva, entrevistado em 22 de julho de 2014, na cidade de Jequié-BA.
4. Luciano Carolino Pinto, entrevistado em 05 de agosto de 2014, na cidade de Jequié-BA.
5. Luciano Ferreira Bittencourt, entrevistado em 09 de agosto de 2014, na cidade de Jequié-BA.
6. Alberto José Andrade Ferreira, entrevistado em 12 de agosto de 2014, na cidade de Jequié-BA.
7. Eduardo Costa Vieira, entrevistado em 04 de setembro de 2014, na cidade de Jequié-BA.

## **ANEXO A ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

### **I. INÍCIO DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO:**

- a) sua vida;
- b) sua família;
- c) seus relacionamentos;
- d) seus hábitos.

### **II. APROXIMAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA:**

- a) fase escolar;
- b) visões que persistiam das práticas educativas;
- c) interesse pela Educação Física.

### **III. FORMAÇÃO INTELLECTUAL E PROFISSIONAL:**

- a) influências;
- b) visões que persistiam na academia;
- c) bases epistemológicas.

### **IV. MERCADO DE TRABALHO**

- a) ser professor de Educação Física;
- b) porque a escola;
- c) visões que persistem.

### **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**